REVISTA DA SEMANA




Nº 44 ★ 4-11-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **FALA HUMBERTO DE CAMPOS POR INTERMÉDIO DE CHICO XAVIER**

NO FIM DE NOVEMBRO SAIRÁ O

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

EDIÇÃO MELHORADA E AMPLIADA

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:

A história completa do "Tempo" e a ciência da sua medida.
Previsões sôbre o futuro do nosso planeta.

ANO
Aeronáutico
Científico
Artístico
Esportivo
Católico
Protestante
Israelita - Muçulmano

CALENDÁRIOS
Católico
Protestante
Muçulmano
Israelita
Perpétuo das festas móveis

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provèrbios — Lendas — Historias infantis e deslumbrantes páginas coloridas.

ATENÇAO! - **Além da organização católica no Brasil, histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas da nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".**

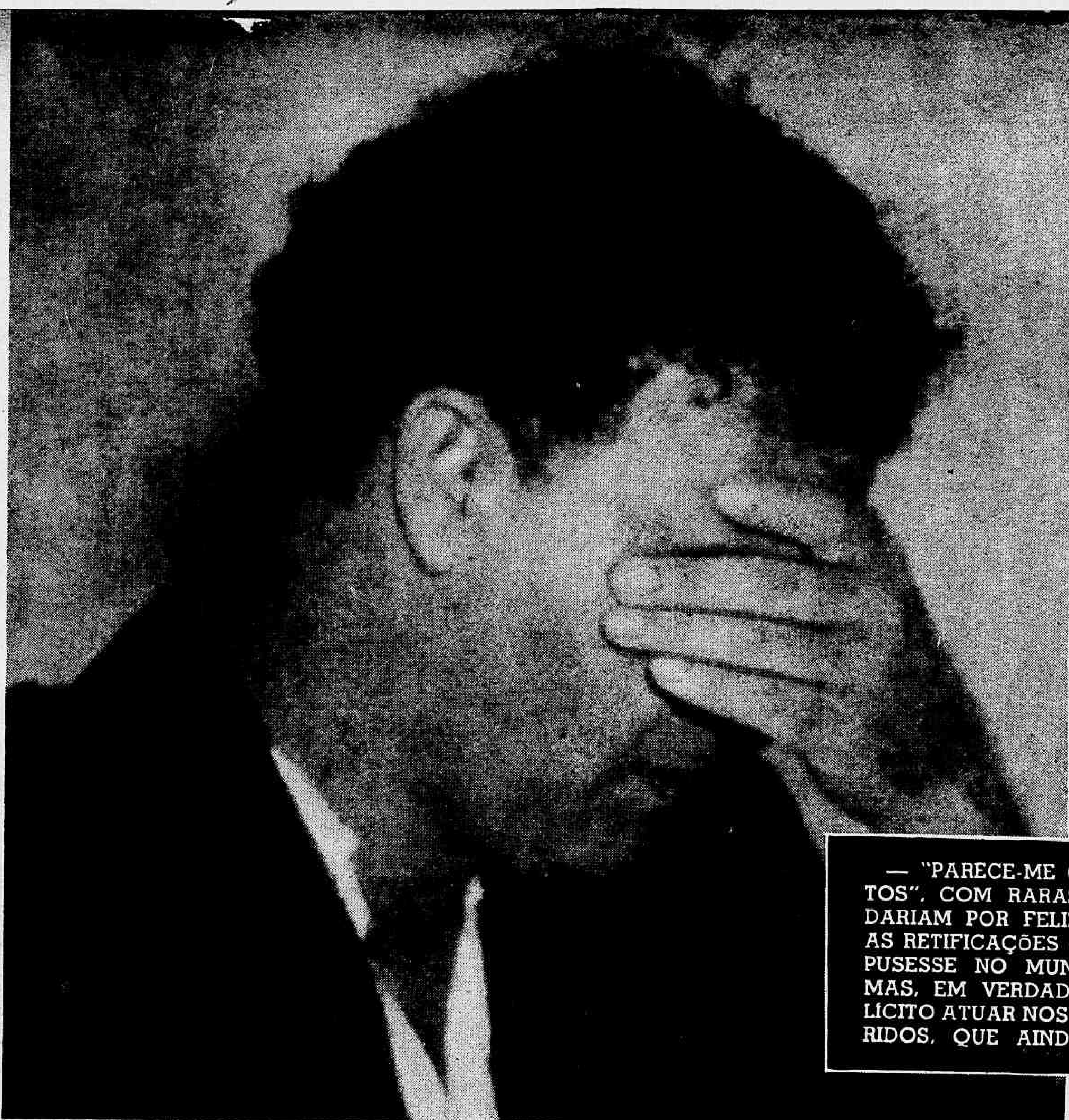
Preço - Cr$ 20,00

FAÇAM DESDE JÁ SEUS PEDIDOS À

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

SERA' VENDIDO EM TÔDAS AS LIVRARIAS E BANCAS DE JORNAIS DO BRASIL



— "PARECE-ME QUE OS "DEFUNTOS", COM RARAS EXCEÇÕES, SE DARIAM POR FELIZES COM TÔDAS AS RETIFICAÇÕES QUE SE LHES IMPUSESSE NO MUNDO, AS OBRAS. MAS, EM VERDADE, NÃO LHES E' LICITO ATUAR NOS CORAÇÕES QUERIDOS, QUE AINDA PALPITAM..."

FALA HUMBERTO DE CAMPOS

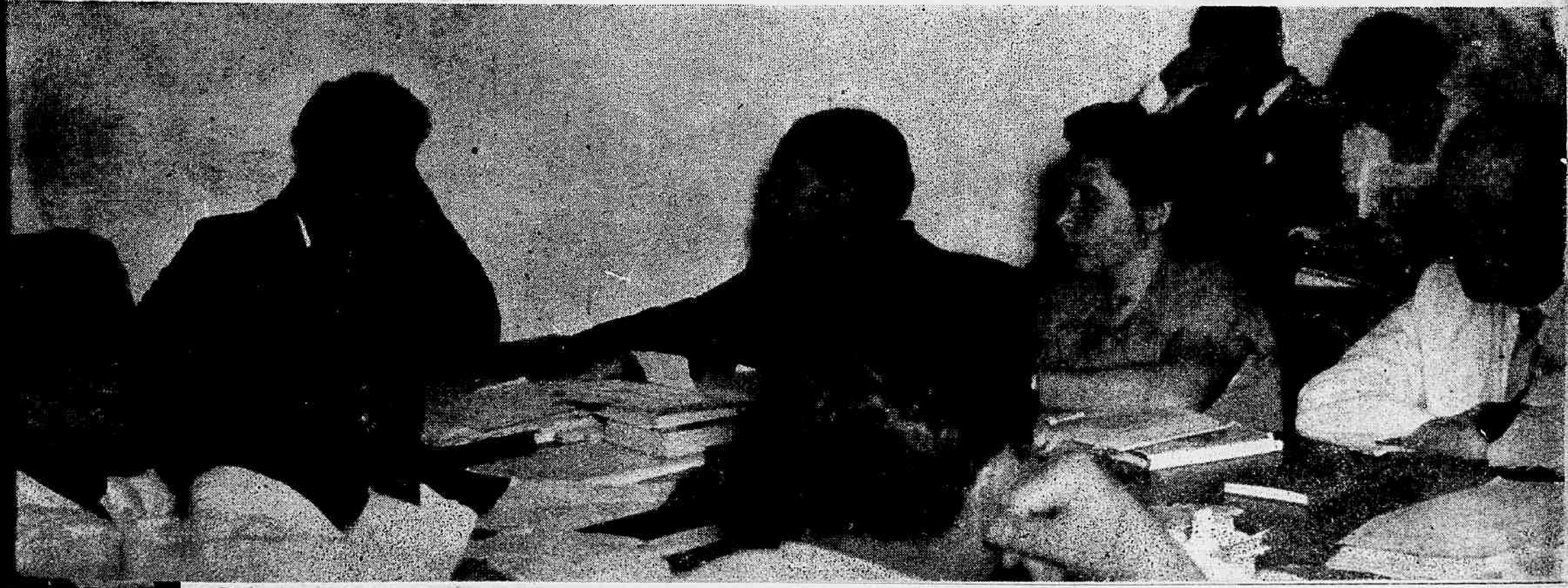
POR INTERMÉDIO DE CHICO XAVIER

A "REVISTA" VAI OUVIR, EM PEDRO LEOPOLDO, O MÉDIUM QUE RECEBEU AS DISCUTIDAS MENSAGENS DO ESCRITOR MARANHENSE ★ MAS QUEM FALA, AGORA, E' O "IRMÃO X", "PESSOA QUE NÃO DESEJA OU NÃO PODE SER NOMEADA" ★ PSEUDÔNIMO DE QUEM FOI, EM VIDA, "CONSELHEIRO XX"? ★ DEVEM SER PUBLICADOS OU NÃO OS CAPÍTULOS INÉDITOS DAS "MEMÓRIAS"? ★ "FELIZ COM AS RETIFICAÇÕES" ★ "ESTIMARIA A COLABORAÇÃO DE QUALQUER PROCEDÊNCIA EM FAVOR DA PAZ" ★ MAS COMOVE-SE COM A ATITUDE DA FILHA QUE ACONSELHA A DESTRUIÇÃO DOS ORIGINAIS ★ "DIA VIRÁ EM QUE OS VÉUS DA CARNE VOLTARÃO AO DEPÓSITO DE CINZAS E O TEMPO NOS REUNIRÁ SOB SUAS GRANDES ASAS" — DISSE, REFERINDO-SE A SUA FAMÍLIA

TEXTO E FOTOS DE **CELESTINO SILVEIRA**

BELO HORIZONTE, outubro, 21 — Estamos regressando de Pedro Leopoldo, onde pela segunda vez fomos ouvir o médium Chico Xavier para esta REVISTA. Melhor diríamos — onde fomos ouvir Humberto de Campos, se porventura nos facultassem o direito dessa expressão; porque de ambas, o motivo dessa viagem está vinculado a um prato-de-resistência literário que vem mantendo intacto o sabor da curiosidade pública, através de seis anos consecutivos.

AO INICIAR a sessão do Centro Espírita Luís Gonzaga, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, o repórter foi convidado a tomar parte na mesa, com autorização dos "guias" para bater as chapas. Êste foi o primeiro flagrante, com os trabalhos já iniciados. Chico Xavier, concentrado, psicografa centenas de receitas para doentes, procedentes de vários pontos do país



Com a mão esquerda apoiada à cabeça enquanto a direita vai psicografando as respostas do espírito às consultas feitas pelo repórter, Chico Xavier permanece, em transe, das 21,30 às 23,30, durante a sessão realizada no dia 20 de outubro último, em Pedro Leopoldo.

1ª

— Desejaria, sendo possível, obter de Humberto de Campos, ou de algum emissário ou guia, por êle — a resposta às perguntas seguintes.

Meu caro Alcelino.
Sou eu, o Espírito desi-
do para atender a
você às portas do oráculo.
Não se surpreenda. Sou
o Irmão X, isto é,
pessoa que não deseja
ou que não pode
ser nomeada.

4a

— Outros membros da família entretanto pensam que não se deve desejar a vontade do autor, em vida. Não será esse o desejo de Humberto de Campos?

Que espécie de "morto" poderá influenciar, em definitivo, sôbre a liberdade dos vivos? ...

AS PERGUNTAS foram antecipadamente redigidas pelo repórter, em folhas avulsas, deixando espaço, para as respostas do "Irmão X", pseudônimo de Humberto de Campos

— "QUE ESPÉCIE de "morto" poderá influir, em definitivo, sôbre a liberdade dos vivos?" — escreve Chico Xavier. Há quem afirme ser a sua caligrafia igual à do romancista morto

Vale dizer, antes de mais nada, que o repórter não professa o credo espírita — e só repetiu a façanha desta viagem, por dever profissional. Repórter tem de ser assim mesmo, integrado nos assuntos mais diversos, hoje voltado para um tema de feição material intrínseca, amanhã deparando-se com outro de fundo místico, religioso ou espiritual. Há que assimilar tudo, apreender sem demora e dar ao público o que o público reclama: a informação precisa e imediata sôbre o acontecimento que predomina.

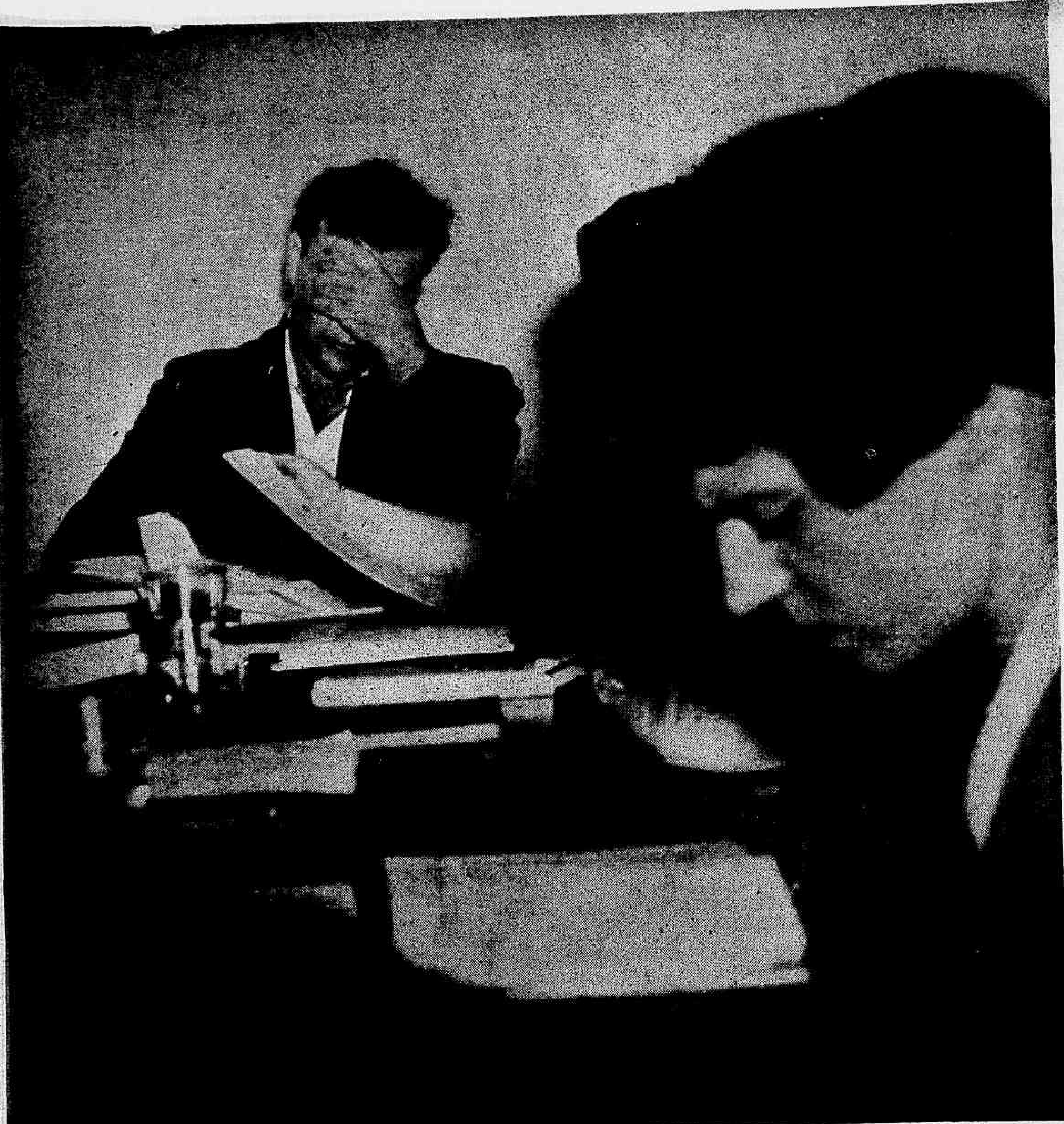
Não é nossa a culpa se o "caso" Humberto de Campos volta ao tabuleiro das discussões, embora sob outra variante. Discutia-se, em 1944, a autenticidade das mensagens que do além o escritor maranhense enviava por intermédio do "aparelho" Chico Xavier, para êste mundo. Discute-se, agora, a publicação ou não publicação dos capítulos inéditos, arquivados em vida, pelo romancista, na Academia Brasileira de Letras, para serem publicados êste ano. Veio 1950, foram os originais entregues aos herdeiros de Humberto, e surgiram os primeiros manifestos pró e contra a divulgação integral do famoso Diário. A coisa ia seguindo em boa marcha, com a deliberação formal dos herdeiros em favor dessa publicação, quando um deles, justamente a filha do escritor, resolveu levar o caso à Justiça, pedindo que fôsse anulado o contrato da publicação assinado em 1949 com a Livraria Jackson. Dona Maria de Lourdes Campos Campelo é contrária à publicação dêsses capítulos tão discutidos embora não conhecidos ainda — salvo pela família — e a polêmica vem repontando pelos jornais e revistas. Divergem as opiniões — e o caso passa a dominar as atenções do grande público. Tôdas as partes interessadas, e mesmo as que nada têm a ver com o assunto, têm sido ouvidas: os herdeiros, os editores, os membros da Academia porventura alfinetados nos capítulos misteriosos, os juristas, gente do povo. Só alguém deixava de ser consultado, embora fôsse a parte mais diretamente visada no rumoroso incidente: o autor. Claro que a Humberto de Campos, se pudesse comunicar-se com os vivos, caberia o direito, em última análise, de dizer se está ou não de acôrdo com essa publicação. Faz dezesseis anos, quando se deu a sua morte, êle a autorizava formal e categòricamente, todos sabemos. Mas — pensaria do mesmo modo tanto tempo depois? Sua opinião, êle a manteria, hoje, rigorosamente a mesma de quando em vida? E se porventura uma transição fôsse operada no seu pensamento, onde quer que ela pudesse registrar-se? E se o romancista andasse hoje, em qualquer outra região, movido de intenções outras, preferindo o véu do silêncio sôbre a sua obra póstuma?

Evidentemente, era uma suposição muito vaga, a nossa. Mas ainda uma vez a função do repórter se impunha: lançar mão de todos os recursos possíveis e imagináveis para satisfazer a curiosidade geral, mesmo enveredando pelo campo do abstrato. Foi o que resolvemos fazer, lembrando-nos do médium de Pedro Leopoldo, que por sinal



LÁPIS EM PROFUSÃO, bem afiados, espalham-se sôbre a mesa, à disposição do médium que os utiliza sem cessar a escrituração. Instintivamente, à proporção quo se gastam as pontas, vai substituindo-o por outro. A mão firme de Chico Xavier enche laudas e laudas de papel que alguém vai colocando à sua frente. Muitos livros sôbre a mesa, mas não são consultados

FALA HUMBERTO DE CAMPOS...



ESTA JOVEM parece iniciar-se nos trabalhos de mediunidade e apenas psicografou uma rápida mensagem. Em baixo, Chico Xavier, em sua residência, quando se furtava, delicadamente, a atender o pedido do repórter: "E' melhor desistir..."



andava em maré de grande silêncio, depois daqueles episódios de 44. Se muita gente não dá crédito às divagações espíritas — outros nelas depositam o máximo de fé. Por outro lado, e para a totalidade dos leitores, qualquer que fôsse o resultado da nossa tentativa, o assunto não deixaria de ter seu interêsse, sua curiosidade natural.

E viemos.

w

Francisco Cândido Xaxier surpreendeu-se com a nossa presença. Recebeu-nos com o seu sorriso de homem bom, despido de vaidades, lembrando a camaradagem feita com o repórter na jornada anterior, evocando mesmo a fidelidade com que suas palavras foram reproduzidas nestas páginas — mas negando-se, de modo imperativo, a satisfazer o desejo que nos levava a Pedro Leopoldo.

— Melhor será não tratar dêsse assunto — começou por dizer. Não tenho acompanhado o incidente a que se refere e só me cabe lamentar tudo o que está acontecendo. Muitos dissabores me estavam reservados naqueles tristes episódios e não gostaria que se repetissem.

— Mas você não recebeu outras mensagens de Humberto?

— De Humberto, pròpriamente, não. Diante das complicações surgidas, nada mais recebi diretamente em seu nome nem mais nada foi publicado.

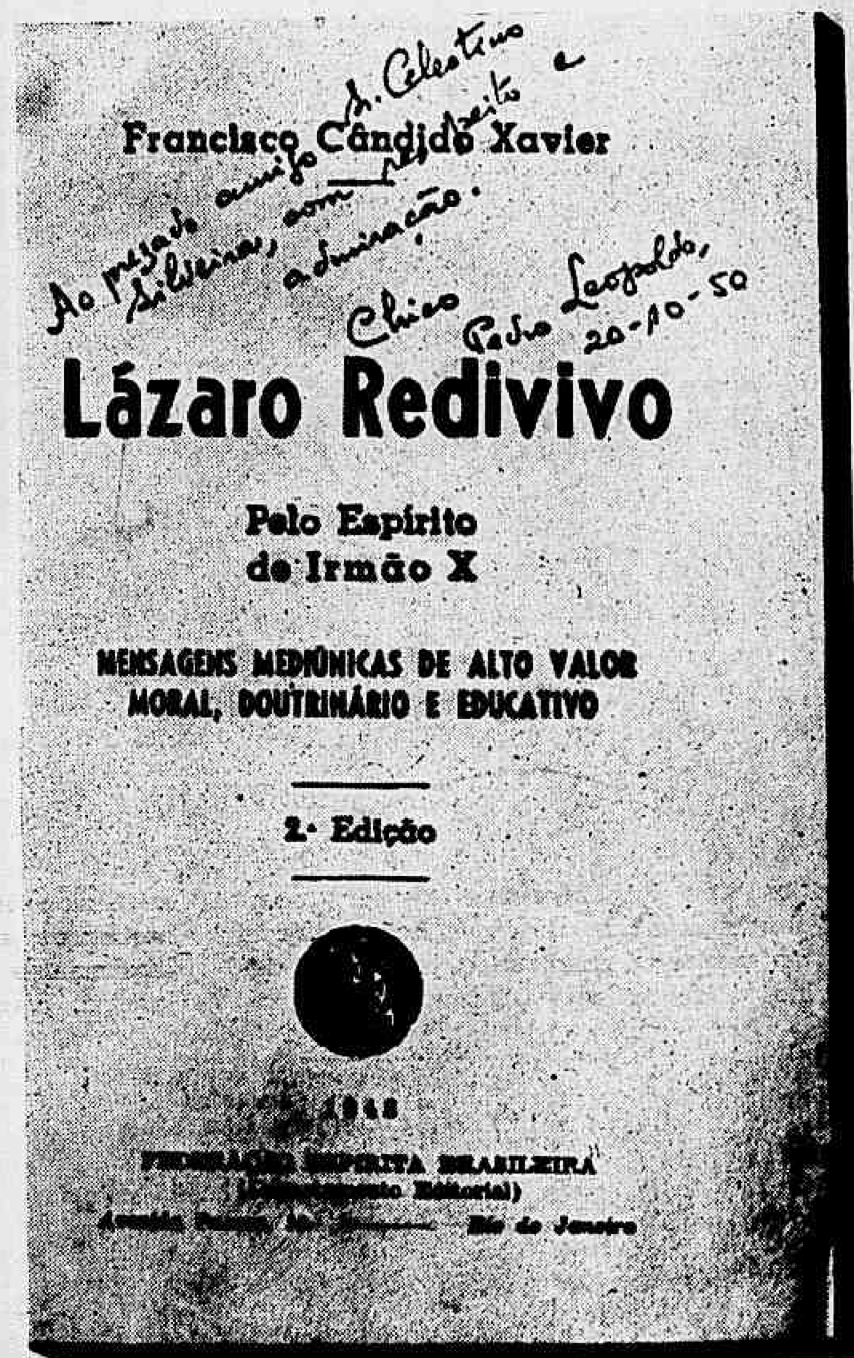
— Mas sabemos que você tem editado outros livros...

Chico Xavier explica:

— Sim, tenho editado, mas sob o pseudônimo de Irmão X. "Lázaro Redivivo" e "Luz Acima", por exemplo, são obras que me foram transmitidas depois daquela fase, mas "pelo espírito de Irmão X".

— E não será "Irmão X" um pseudônimo de Humberto de Campos?

A resposta é vaga e imprecisa. Quando, mais tarde, o



Francisco Cândido Xavier

Ao prezado amigo A. Celestino Silveira, com respeito e admiração. Chico Pedro Leopoldo, 20-10-50

Lázaro Redivivo

Pelo Espírito de Irmão X

MENSAGENS MEDIÚNICAS DE ALTO VALOR MORAL, DOUTRINÁRIO E EDUCATIVO

2ª Edição

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Rio de Janeiro

"LÁZARO REDIVIVO", obra ditada pelo "Irmão X" e psicografada pelo famoso médium e ofertada ao nosso redator

médium nos oferece um exemplar de "Lázaro Redivivo" — que êle pagou de seu bolso na livraria do Centro Espírita Luís Gonzaga, onde se efetuam os seus trabalhos — e quando folheamos êsse volume, é fácil reconhecer naquelas cinqüenta crônicas, o estilo — verdadeiro ou pastichado — e o desenvolvimento técnico-literário do romancista maranhense.

Concluía-se, daí, que Humberto de Campos passou a ser "Irmão X", na sua faina literária de além-túmulo. E um pensamento de malícia nos acode:

— Não será "Irmão X", por sua vez, uma reminiscência, embora ultra-terrena, do travêsso "Conselheiro XX" de outros tempos?

w

Estávamos informados que nessa noite, sexta-feira, deveria realizar-se no Centro Espírita Luís Gonzaga, a costumeira sessão bi-semanal. A outra tem lugar às terças-feiras.

— Não poderíamos assisti-la? — indagamos do médium.

— Por que não? As sessões são públicas, facultando-se o direito de presença a qualquer um...

— E sendo assim, não poderíamos, no curso dos trabalhos, endereçar por seu intermédio, a Humberto de Campos — ou ao irmão X — as perguntas que são o motivo da nossa presença em Pedro Leopoldo?

Chico Xavier reflete, antes de responder. Seus olhos estão

fixados num ponto remoto — a catarata da vista esquerda tem-se agravado, ocasionando-lhe sérios padecimentos — e diz:

— Isso não lhe pode ser negado. Desde que não se trata de perguntas em caráter particular e pessoal, mas emitidas durante a sessão — podemos experimentar. Não lhe garanto o êxito mas vamos tentar...

São dezoito horas. O sino da igreja bate as Ave-Marias — e marcamos novo encontro para hora e meia mais tarde, à entrada do Centro, na rua São Sebastião.

Chico despede-se para atender a outros compromissos. Durante o dia, deu conta da sua tarefa de dactilógrafo na fazenda experimental situada entre Pedro Leopoldo e Belo Horizonte. Reparamos então no seu traje e na sua pessoa: O psicógrafo, motivo de tantas discussões em outros tempos, tem envelhecido, embora com quarenta anos incompletos. Sua face está cavada, mais sombria e amarelada do que por ocasião da nossa anterior visita, há seis anos. Suas roupas deixam tudo a desejar: o casaco é velho, em petição de miséria, com as bordas das mangas esfiapadas, a gola visivelmente rôta. A calça, ainda mais gasta pela ação do tempo. A camisa, sem botões, aberta no peito, é quase um farrapo — e os sapatos cambados, sem atacadores, reclamam substitutos sem protelação. Não calça meias. E os cabelos, desalinhados, acusam uma longa ausência na visita ao cabeleireiro.

À hora marcada, mesmo com o temporal que ameaçava desabar, Chico Xavier dava entrada no Centro. Convidanos a acompanhá-lo; tem a seu lado o jovem Carlos Cavalcanti, que em Belo Horizonte redige o periódico espírita "Seara Juvenil" — e mostra-nos as instalações da nova sede.

Quem presumir que a sede do Centro Espírita Luís Gonzaga ofereça ao visitante qualquer característica impressionante, um "que" de ritual decorativo — ilude-se. Nada mais que um prédio de pavimento térreo, de construção recente, claro, luminoso, de quatro peças bem dispostas e mobiladas com certo gôsto. Numa delas, para onde nos leva o médium, tudo está prepardo para os trabalhos que hora e meia mais tarde devem ser iniciados. Nenhum vestígio de sobrenatural ali encontramos: uma ampla mesa, ao centro, com doze cadeiras dispostas em volta, para os componentes da tarefa noturna — alguns bancos corridos alinhados de um e de outro lado da mesa, onde podem sentar-se poucas dezenas de espectadores. Mais alguns bancos avulsos, distribuidos nos intervalos dos outros — eis tudo.

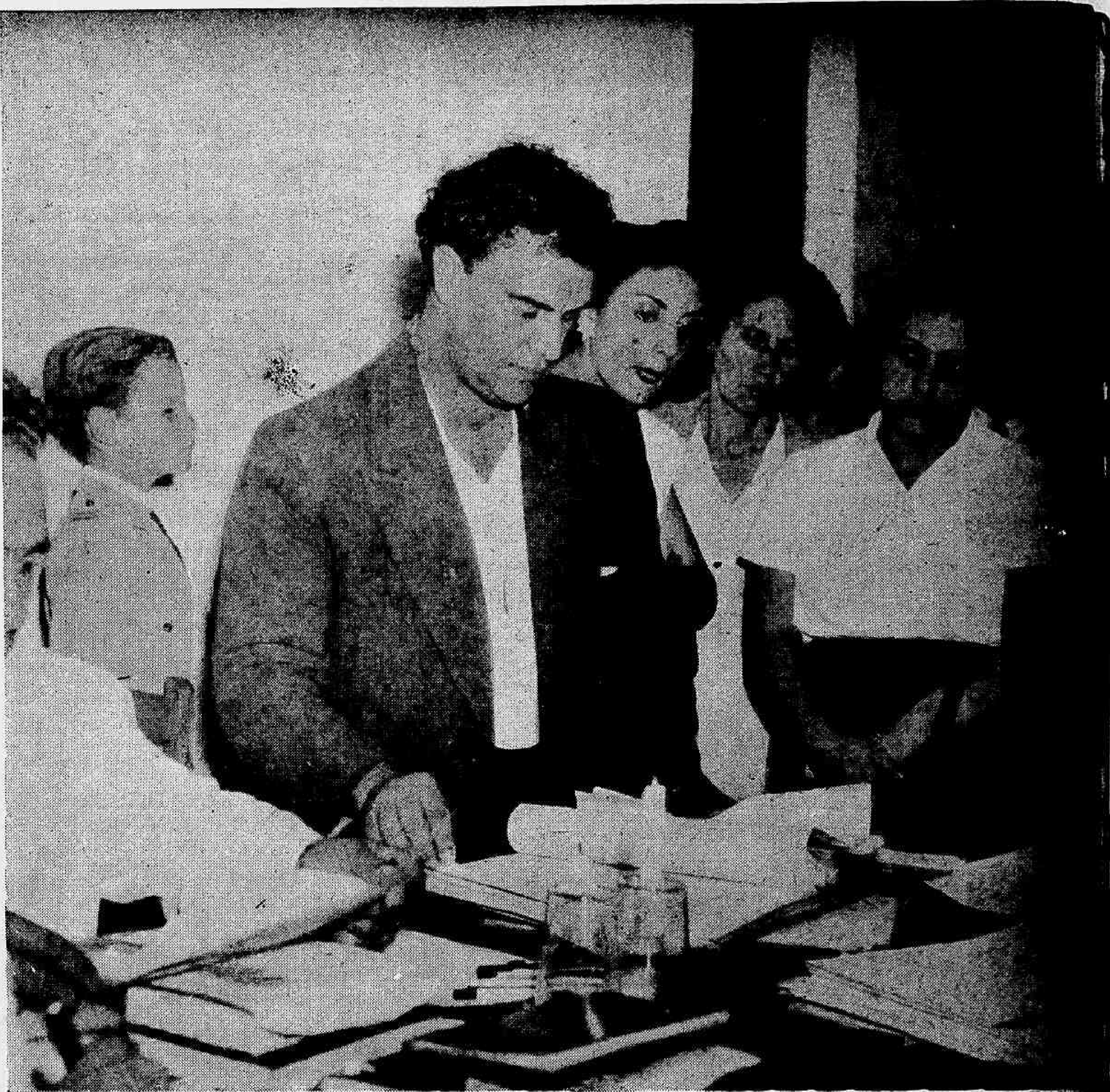
O mau tempo deve ter influído na freqüência à sessão, que foi reduzidíssima: quando muito, vinte pessoas ali se reuniram, entre homens, senhoras e crianças. As portas quedaram-se abertas, durante a sessão. A iluminação do aposento permaneceu forte, apenas com duas rápidas interrupções por motivo da tempestade que desabava lá fora, minutos depois. Nesses intervalos, os trabalhos prosseguiram, enquanto algumas velas eram acesas e aderidas ao fundo dos copos com que se serviam os componentes da mesa, enchendo-os de água tirada de dois jarros ali colocados para êsse fim.

Precisamente às vinte e uma horas, a sessão é aberta, com uma prece formulada pelo presidente, convidando os assistentes a acompanhá-lo. E' o minuto da meditação — e um silêncio prolongado cái por sôbre o aposento claro, amplo, arejado. Em seguida, o presidente ordena a um de seus companheiros para ler o Evangelho da noite — e êste abre, ao acaso, as páginas do volume. Cái como tema eventual — a parábola que determina com função generosa,

(Cont. na pág. 52)



FINDA A SESSSÃO, Chico Xavier não pode evitar a investida dos que assistiram aos trabalhos e o querem saudar



AS VELAS que se vêem sôbre os copos, nada têm com o ritual dos trabalhos, mas foram utilizadas durante duas interrupções da fôrça elétrica. Em baixo, uma assistente da sessao quando agradecia ao médium os favores recebidos



AS CINCO PERGUNTAS E SUAS RESPOSTAS

DEPOIS que a literatura de Humberto de Campos, psicografada por Francisco Cândido Xavier, foi motivo de uma questão judicial — informou-nos o médium — tôdas as mensagens passaram a ser captadas sob o pseudônimo de "Irmão X". Aparentemente seria outro espírito a responder e a ditar os livros que Francisco Cândido Xavier continuou publicando: "Luz Acima", "Lázaro Redivivo", etc.. Na realidade, porém, "Irmão X" nada mais seria que o próprio escritor, ou seu espírito, embora neste caso referindo-se a uma terceira pessoa. São, portanto, de Humberto de Campos sob o pseudônimo referido, as respostas obtidas à "enquête" do nosso repórter.

★

A CONSULTA

— DESEJARIA, SENDO POSSÍVEL, OBTER DE HUMBERTO DE CAMPOS — OU DE ALGUM EMISSÁRIO OU GUIA, POR ÊLE — A RESPOSTA ÀS PERGUNTAS SEGUINTES.

RESPOSTA — Meu caro Celestino. Sou eu, o Espírito designado para atender a você às portas do oráculo. Não se surpreenda. Sou o Irmão X, isto é, pessoa que não deseja ou que não pode ser nomeada.

PRIMEIRA PERGUNTA

— TRANSCORRIDO O PRAZO ESTABELECIDO EM VIDA PELO ESCRITOR, PARA A PUBLICAÇÃO DOS CAPÍTULOS INÉDITOS DE SUAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS — PERGUNTA-SE: DEVEM OU NÃO SER DIVULGADOS ÊSSES ORIGINAIS?

RESPOSTA — Conheci Humberto de Campos, o comentarista desencarnado, em princípios de dezembro de 1934 — vendendo o miolo do cérebro para adquirir o miolo do pão cotidiano. Não era mau sujeito, embora o azedume que lhe transbordava do vaso escuro do coração. No início de sua carreira literária, riu à moda do Rigoleto, mas chorou como Tiresias ao fim da vida, emitindo palpites e impressões do vale de sombras, do qual desceu aos precipícios da morte. Não acredito possa êle dar resposta à sua pergunta. Há bons seis anos, constrangido por intimação judicial, não formulada em linguagem tabeliôa, abandonou o círculo estreito do mundo e fêz-se peregrino da Eternidade, consagrando-se ao serviço da imensa família humana, seguindo para a frente e embrenhando-se na selva estranha do anonimato.

SEGUNDA PERGUNTA

— UMA FILHA DO ESCRITOR É CONTRÁRIA A ESSA PUBLICAÇÃO, E, RECEIANDO AS CONSEQUÊNCIAS QUE A MESMA POSSA ACARRETAR, ESTÁ PLEITEANDO EM JUIZO A DESTRUIÇÃO DÊSSES ORIGINAIS. ESTARÁ HUMBERTO DE CAMPOS, DE ACÔRDO COM ESSA SUGESTÃO?

RESPOSTA — Suponho que o jornalista humilde, quando redigiu as suas memórias, estava longe de pensar que o túmulo fôsse nova porta às inquietantes complicações da vida e estou certo de que se sentiria feliz com a piedade filial, interessada em lançar flôres de amor e esquecimento sôbre os espinhos que a sua palavra escrita deixou desnudos e contundentes.

TERCEIRA PERGUNTA

— OUTROS MEMBROS DA FAMÍLIA, ENTRETANTO, PENSAM QUE NÃO SE DEVE DEIXAR DE CUMPRIR A VONTADE DO AUTOR QUANDO VIVO. NÃO SERÁ ÊSSE O DESEJO DE HUMBERTO DE CAMPOS?

RESPOSTA — Que espécie de "morto" poderá influenciar, em definitivo, sôbre a liberdade dos vivos? O mais ilustre de todos, Jesus Cristo, não obstante a ressurreição gloriosa, não conseguiu ainda impôr-se aos que ficaram. Estou convencido, porém, de que o pobre escritor maranhense, novamente lembrado por vocês, estimaria a colaboração de qualquer procedência, a favor da sua paz, dentro da vida nova a que foi conduzido.



ASSIM ESCREVE o intérprete mediúnico de Humberto de Campos, quando não está em transe: com serenidade...

QUARTA PERGUNTA

— TAMBÉM FOI ALVITRADO QUE SE FIZESSEM ALTERAÇÕES NOS ORIGINAIS, SUAVIZANDO POSSÍVEIS IRREVERÊNCIAS, OU TALVEZ OFENSAS A PESSOAS AINDA VIVAS, E SÓ ENTÃO PUBLICANDO OS CAPÍTULOS EM DISCUSSÃO. COMO APRECIA HUMBERTO DE CAMPOS ESSA DECISÃO?

RESPOSTA — Parece-me que os "defuntos", com raras exceções, se dariam por felizes com tôdas as retificações que se lhes impusesse no mundo, às opiniões e às obras. Mas, em verdade, não lhes é lícito atuar nos corações queridos, que ainda palpitam à retaguarda. Com referência à sua consulta, lembro-me daquele seguidor do Cristo que comparece dentro da narração de Lucas, no capítulo 9, versículos 57 a 60, se a memória me não falha. Inclinado à vida nova, desejou voltar à casa para cuidar do sepultamento de alguém que lhe fôra sumamente caro na experiência comum. O Mestre, no entanto, recomenda sem hesitações, fôsse facultada aos "mortos" a obrigação de enterrar os seus "mortos". Admito, meu caro, que o cronista, hoje crente de uma Igreja mais alta, não recordaria outra imagem, além dessa, para atender ao assunto.

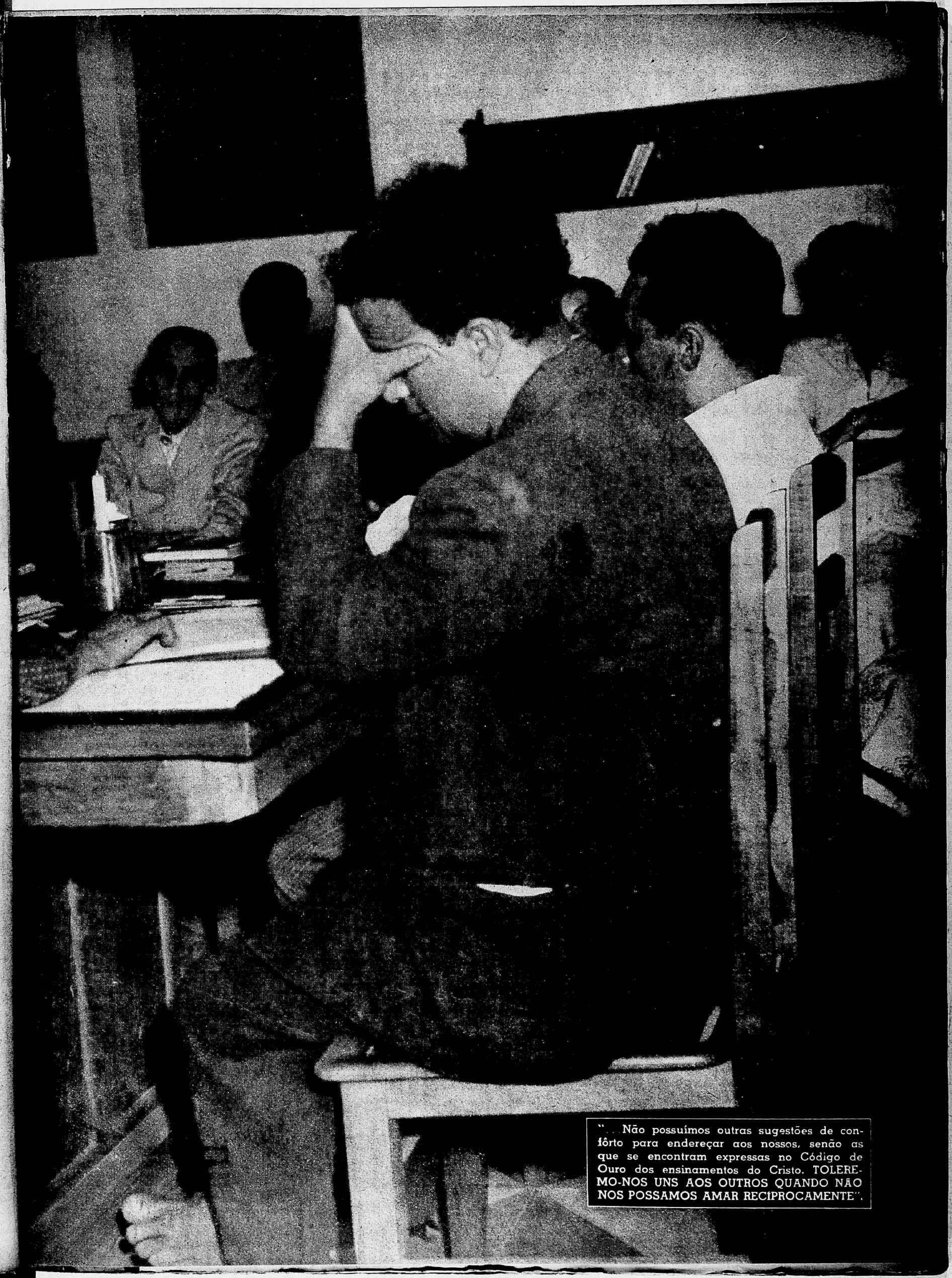
QUINTA PERGUNTA

— FINALMENTE, UMA PALAVRA DE ESCLARECIMENTO, DE ORIENTAÇÃO E CONFÔRTO, PARA A FAMÍLIA DO GRANDE ESCRITOR, LEVANDO-A A SOLUCIONAR ÊSSE DELICADO CASO SEM CONFLITO.

RESPOSTA — Você já pensou o que poderia ter acontecido se o Rico da Parábola pudesse voltar ao santuário doméstico? Que seria dele se Abraão lhe fôsse favorável à súplica? Felizmente o Evangelho guarda as vantagens da omissão, nesse particular. Não, meu amigo. Descansem os viajores do Além noutros climas, na velha paciência de que não ignora a verdade. Dia virá em que os véus da carne voltarão ao depósito de cinzas, em que o tempo nos reunirá de novo, sob as suas grandes asas. Marchem vocês para diante, sem excessiva preocupação com o relógio, porque os ponteiros são funcionários infalíveis da evolução e da renovação. Por mais que avancem os processos científicos do Século XX, que se converteu em movimentada colmeia das novas gerações assomantes ao Terceiro Milênio, o livro de presença nos cemitérios continua sem alterações. Daqui podemos contemplar muita máscara graciosa em vésperas de casamento inesperado com o pó e muito orgulho adornado esquecido de que os cães vagabundos lhe perseguirão os ossos. Não nos reprove as frases desalinhavadas à frente da ilusão necessária que lhes protege a permanência no mundo. Não possuímos outras sugestões de confôrto para endereçar aos nossos, senão as que se encontram expressas no Código de Ouro dos ensinamentos do Cristo. Toleremo-nos uns aos outros quando não nos possamos amar reciprocamente. Emprestemos nossa túnica ao companheiro esfarrapado quando não possamos cedê-la integralmente. Não firamos o inimigo, quando não nos seja possível auxiliá-lo. Se perdoarmos as faltas alheias sete vêzes por dia, já é serviço elogiável de nossa fé, se é impraticável ainda para nós a fórmula do perdão setenta vêzes sete. Por mais que nos separemos, estaremos sempre juntos e vale começar o curso de elevação espiritual, enquanto o corpo nos retém a alma na oportunidade de aprender sem as aflições do remorso inútil.

Creio, sinceramente, que se o nosso velho irmão de letras pudesse escrever-lhe, outras não seriam as suas palavras. Não se admire, pois, se eu terminar esta resposta ao seu coração com os meus votos ardentes ao Cristo pela nossa prosperidade nos interêsses imperecíveis. E como cada servidor faz sòmente o que pode, espero que você me receba o abraço de carinho e fraternidade sem qualquer receio do "outro mundo".

IRMÃO X



"... Não possuímos outras sugestões de confôrto para endereçar aos nossos, senão as que se encontram expressas no Código de Ouro dos ensinamentos do Cristo. TOLEREMO-NOS UNS AOS OUTROS QUANDO NÃO NOS POSSAMOS AMAR RECIPROCAMENTE".

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 44 ★ 4-11-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

ADEUS, TOURADAS!

MUITO antes da realização do campeonato de futebol no Maracanã, os organizadores de atrações turísticas destinadas à temporada internacional, programaram cenas próprias da península ibérica: touradas... no Rio. Mas, êsse divertimento que já teve sua época nesta capital, já não é bem aceito pela imprensa e por numerosa massa de habitantes da capital federal. Em face disso, a



comissão oficial para o turismo passou a ser hostilizada pelos que condenavam a idéia, debatendo-se na imprensa e nos legislativos do Rio o assunto, como se se tratasse de cousa de grande importância. A Sociedade Protetora dos Animais, professores, técnicos em turismo, etc., intervieram e foi um «contra» unânime: — nada de touradas no Rio. Mas o caso era também da alçada do legislativo federal. O deputado Olinto Fonseca apresentara um projeto à Câmara Federal permitindo o divertimento. Sofrendo sua redação várias emendas e substitutivos, caiu no Senado. Mas os licurgos do Monroe não tiveram nenhuma contemplação com touros e toureiros e aprovou a rejeição total e definitiva. Aliás, já o invalidou tarde. Para que mais pensar-se em touradas quando sua finalidade era exclusivamente destinada ao turismo durante os dias do IV Campeonato Mundial de Futebol? Passando a época, passava o número diversional. Mas o Senado agiu muito bem. E, como que firmou «jurisprudência» sôbre o caso. Temos, nêste grande e esquecido Brasil, tanto cousa interessante para mostrar aos turistas e aos próprios brasileiros! Para que touradas de... Madri!

PENTEADOS CIENTÍFICOS

INCONTESTAVELMENTE estamos numa época revolucionária sob todos os pontos de vista. Sabe o leitor que vamos ter, no Rio, uma sucursal do Institute M. Louis Hair Desing, com séde nos Estados Unidos? E sabe que êsse Instituto de Penteados é o detentor de patentes sôbre penteados de senhoras? E sabe, ainda mais, que o assunto é de tal forma complicado e tão científico que o sr. Louis



teve que discutir sua teoria do «Triangle Culr» na cabeça das mulheres, com o famoso Einstein e êste aceitou as conclusões do «coiffeur»? Sim senhor! Agora, quando passar por nós uma senhora excelentemente penteada, não podemos mais admirar-lhe a côr das madeixas, o brilho da cabeleira, o desenho do penteado gracioso. Não! Por uma associação de idéias, teremos que nos descobrir respeitosamente diante de um foto científico. Aquêle penteado resume um triunfo imenso: foi ali que se chegou definitivamente à solução da quadratura do circulo sem quebrar a linha curva, revolucionando-se as leis da física e convencendo-se o próprio Einstein! Para chegar a tais efeitos na cabeleira feminina, o inventor do penteado científico demorou-se em estudos profundos, deixando mesmo sua carreira de engenheiro electrônico para dedicar-se de corpo e alma à arte de embelezar a cabeça das mulheres, tornando-as mais femininas. O Rio, portanto, vai possuir uma cousa profundamente séria: os penteadores das senhoras e senhoritas, serão tratados cientificamente. Nada de charlatanismo nem de palpites. Cada cabecinha linda representará o complexo de laboratórios... E os papais e esposos que se preparem!

TERRIVEL VINGANÇA

NOS jornais do dia 20 de outubro apareceu um telegrama de Florianópolis, com a data de 19, expedido pela Asapress, concebido nêstes termos: «Na madrugada de ontem (18), ocorreu na cidade de Chapecó, impressionante cena de barbarismo. Os irmãos Armando Lima, Orlando Lima, Romano de Oliveira, Raul de Oliveira e Ivo de Oliveira, presos preventivamente, como acusados



de haverem incendiado a Igreja Matriz, foram mortos a tiros dentro da cadeia por mais de duzentas pessoas e depois arrastados e empilhados no pátio interno, onde foram embebidos com gasolina e em seguida queimados. Um destacamento policial de cinco praças não pôde reagir com receio de que a multidão sacrificasse os demais presos e a si próprios. Pelo teôr do telegrama fala-se em «acusados de terem incendiado a Igreja Matriz». Não se dá a menor explicação sôbre a realidade dêsse incêndio, se, em verdade, foram os trucidados os autores do crime. E se vier à tona, mais tarde, o êrro em que incidiram os vingadores de Chapecó? Se ficar provado que o incêndio do templo foi obra do acaso ou mesmo de autoria de outro ou outros malvados? Bem se compreende a fúria das multidões, especialmente em relação a crenças religiosas. Há uma década, mais ou menos, um estudioso dos efeitos da incredulidade no espírito do povo imbuido de fé religiosa, experimentou, nas ruas de S. Paulo, esta modalidade de teste: ao passar diante dele uma procissão tradicional, conservou o chapéu à cabeça. Foi a conta. Os fiéis o atacaram aos gritos e protestos, e se o homem não fugisse com a rapidez de lébre perseguida pelos galgos, teria sido esfolado. O caso, porém, de Chapecó, é de uma selvageria inominavel.

JUSSÁRA FOI DERROTADA

LEMBRAM-SE os leitores daquela morena lindíssima que nos veio de Goiás, para ser proclamada «Miss Brasil», no concurso internacional de beleza mundial. Jussára Marques deveria ir até París, afim de apresentar-se à última etapa do conclave de formosura feminina; mas, segundo parece, houve umas tantas desarticulações lá pela Europa e, o fato é que não pôde viajar a nossa eleita. Não tendo



sido muito feliz na eleição para «Miss Universo», Jussára Marques acedeu em fazer-se incluir em chapas para vereadores da capital de sua terra. Nome amplamente conhecido, tanto ali, como em todo o Brasil, em virtude de sua vitória na competição de beleza, Jussára redobrou de atividade e saiu pela capital de sua terra natal a fazer propaganda de sua candidatura à câmara de vereadores de Goiânia. Muita gente esperava que a mais linda do Brasil vencesse nas urnas. Não sòmente seria uma justiça aos seus dotes intelectuais, como à sua beleza física e, em última hipótese, uma compensação pela impossibilidade de ter ido a París. Entretanto, estas eleições de 3 de outubro tiveram certos aspectos desnorteadores. E Jussára Marques foi derrotada por outras competidoras femininas que também se candidataram às eleições para o mesmo lugar. Venceu-a a professora Julieta Fleury, conseguindo um número de votação muitíssimo superior ao de Jussára, cousa que muita gente não esperava. A mais bela do Brasil não obteve mais que uma centena de votos. Política... política... verdadeiro «amigo da onça».

A PERSONAGEM DA SEMANA

O dia 23 de outubro do corrente ano registrou na história política do país um dos mais comentados episódios dêstes últimos tempos em matéria eleitoral. Na capital paulista, é prêso, em flagrante, o deputado Carlos Nogueira, pelo PSD do Pará, por delito de subôrno. O fato, transmitido imediatamente para todos os Estados, dominou a atenção pública e continua a interessar os meios políticos e jurídicos, pelas diversas facetas de que se compõe. O deputado Carlos Nogueira, que, já residindo em São Paulo, pleiteava sua volta ao Congresso Nacional como candidato do PTN, temendo ser derrotado nas urnas a 3 de outubro, articulara um processo ilícito para conseguir votação suficiente à sua reeleição. Entrando em entendimentos com o sr. Newton Silva Andrada, responsável pela Seção de Legendas Federais do TRE, propôs-lhe uma compensação de Cr$ 500.000,00, por intermédio do dr. Salvador Vela, se o cúmplice conseguisse aumentar em dois mil votos sua legenda, com o que estaria eleito. Para pagar tão grande importância, obteve êsse dinheiro da sra. Clélia Damelio Candiotto, a financiadora do subôrno. Tudo combinado, o



Deputado Carlos Nogueira

cheque deveria ser entregue ao falsificador da apuração na manhã de 23, em frente à Biblioteca Municipal de São Paulo, conforme o combinado pelo elemento de ligação, que era o dr. Salvador Elberto Vela. À hora aprazada, o sr. Newton recebia o cheque n. 65.788, contra o Banco Continental; mas, no mesmo instante, eis que alguns policiais disfarçados em garis, que estavam nas imediações, dão voz de prisão ao deputado subornador. Não estava previsto na transação em apreço a honestidade do peitado para subôrno, sr. Newton Silva Andrada, que, ciente das manobras delituosas do deputado, simulou estar de acôrdo, mas imediatamente relatou o fato ao diretor geral do TRE e ao juiz Laurindo Minhoto Júnior. O caso, ao escrevermos estas notas baseadas no noticiário, está afeto à Comissão de Justiça da Câmara Federal, que está tratando de decidir o pedido de licença para processar o acusado. Por outro lado, o PTN já impetrou ordem de "habeas-corpus" em favor do deputado perante o TSE, sob a alegação fundamental de que o flagrante lavrado é nulo de pleno direito. Tudo faz crer, surjam vários outros fatos ligados ao delito.



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — EM QUE ESPAÇO DE TEMPO FICOU PRONTA A AVENIDA RIO BRANCO:
Dois anos?
Um ano e dois meses?
Seis meses?

2 — QUAL O ESCRITOR QUE FEZ O SEU TESTAMENTO COM ESTAS PALAVRAS: «NADA TENHO, DEVO MUITO; O RESTO DOU AOS POBRES»:
François Rabelais?
Schiller?
Machado de Assis?

3 — QUANTAS CABEÇAS ROLARAM, DURANTE A REVOLUÇÃO FANCESA, NA PRAÇA DA CONCÓRDIA, EM PARIS:
504?
832?
3.000?

4 — QUEM PRONUNCIOU ESTAS PALAVRAS AO SER COLOCADO NA GUILHOTINA: «LIBERDADE! QUANTOS CRIMES SE COMETEM EM TEU NOME!»:
Luis XVI?
Maria Stuart?
Madame Roland?

5 — EM QUE CAPITAL DA EUROPA FICA A TORRE EIFFEL:
Berlim?
Paris?
Londres?

6 — POR QUE DERAM A UM BAIRRO PARISIENSE O NOME DE MONTPARNASSE:
Por ter vivido ali M. Parnasse?
Por sua semelhança com o da Grécia?
Por ser refúgio e diversão dos estudantes?

7 — QUE ACONTECIMENTO SENSACIONAL MARCA, EM NOSSA HISTÓRIA, A DATA DE 10 DE NOVEMBRO:
Declaração de guerra à Alemanha?
Início do Estado Novo?
Fim da ditadura Vargas?

8 — A QUE PAÍS PERTENCE A ARGÉLIA:
A França?
A Inglaterra?
Aos Estados Unidos?

9 — NA REPÚBLICA VELHA, A QUEM CABIA A APURAÇÃO ELEITORAL:
Ao Supremo Tribunal Federal?
À Polícia?
Ao Congresso Nacional?

10 — QUEM FOI AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS:
General do Exército?
Poeta lusitano?
Jurisconsulto brasileiro?

11 — DE QUE DATA É O DECRETO QUE SEPAROU A IGREJA DO ESTADO:
7.1.1890?
15.11.1889?
12.12.1888?

12 — QUANTOS ANOS LEVOU A CANDELÁRIA PARA CHEGAR AO QUE É HOJE:
40?
35?
124?

13 — QUEM PRONUNCIOU ESTAS PALAVRAS, MOMENTOS ANTES DE MORRER: «MORRE UM LIBERAL, MAS NÃO MORRE A LIBERDADE»:
José do Patrocinio?
Silva Jardim?
Libero Badaró?

14 — QUAL O MAIOR POETA DA ITÁLIA, NO CONCEITO UNIVERSAL:
Dante Alighieri?
Torquato Tasso?
Stecchetti?

15 — QUAL O NOME POR INTEIRO DO NATURALISTA INGLÊS DARWIN:
Charles Robert Darwin?
Erasme Darwin?
George Howard Darwin?

16 — COMO SE CHAMAVA O GIGANTE A QUEM DAVID MATOU:
Adamastor?
Golias?
Prometeu?

17 — EM QUE MÊS COMEÇAVA O PRIMEIRO CALENDÁRIO ROMANO:
Abril?
Março?
Janeiro?

18 — QUE SIGNIFICA A EXPRESSÃO LATINA: «CORAM POPULO»:
Vergonha do povo?
Corar de vergonha?
Em público?

19 — O QUE POVO PERTENCE O LIVRO SAGRADO ALCORÃO:
Aos muçulmanos?
Aos israelitas?
Aos espiritas?

20 — EM QUE POSIÇÃO FICA A CIDADE DE PENEDO, EM ALAGOAS:
À beira-mar?
À margem do S Francisco?
No alto sertão?

(Resposta ao teste, página 58)

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 e ASSEMBLÉIA, 90.

A 10 metros da Avenida

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitada pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**



NO DIA 22 DE SETEMBRO tiveram início os «Jogos da Primavera», pela segunda vez dispu tados no Rio e destinados exclusivamente a moças. Na foto um flagrante da prova de Vela.

PARADA FEMININA

COMPETIÇÃO SÓ PARA MOÇAS EM ONZE ESPORTES DIFERENTES ★ EFICIÊNCIA ESPORTIVA, GRAÇA, BELEZA E CAMARADAGEM ★ REMO FEMININO PELA PRIMEIRA VEZ DISPUTADO NA AMÉRICA DO SUL ★ OS RESULTADOS FINAIS E A ELEIÇÃO DA RAINHA.

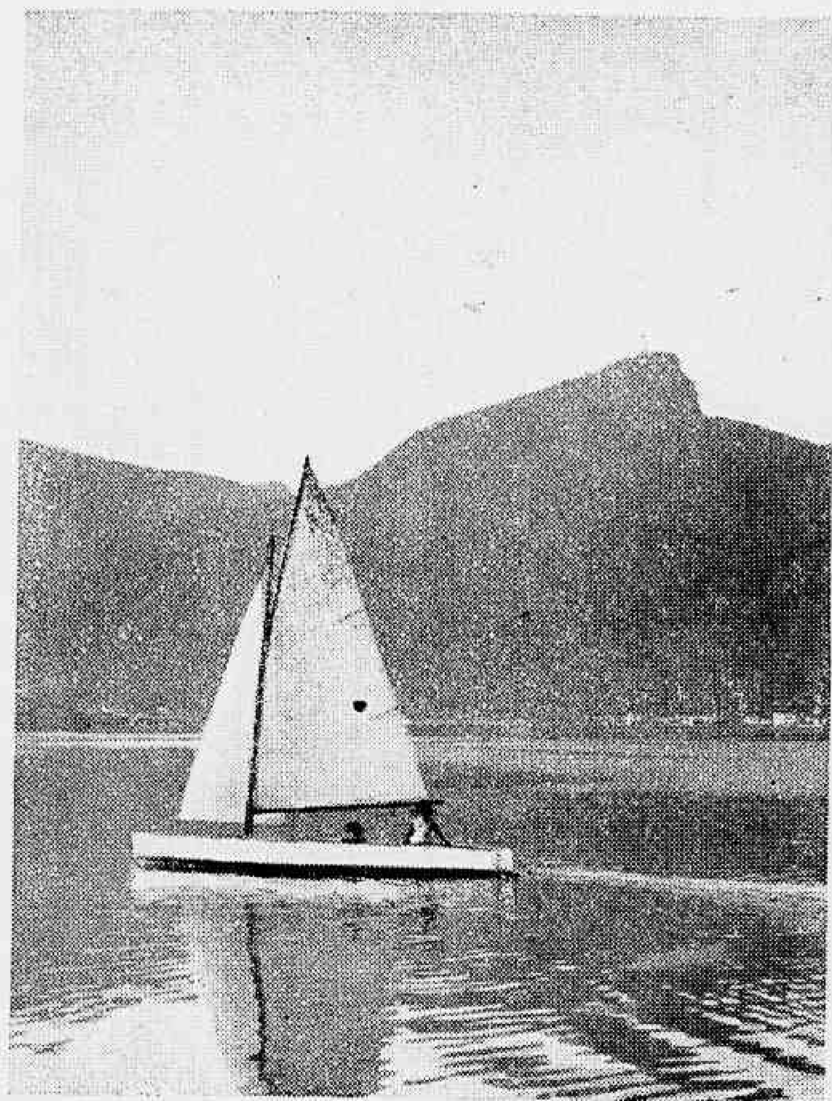
Texto e fotos de SABINO CANALINI



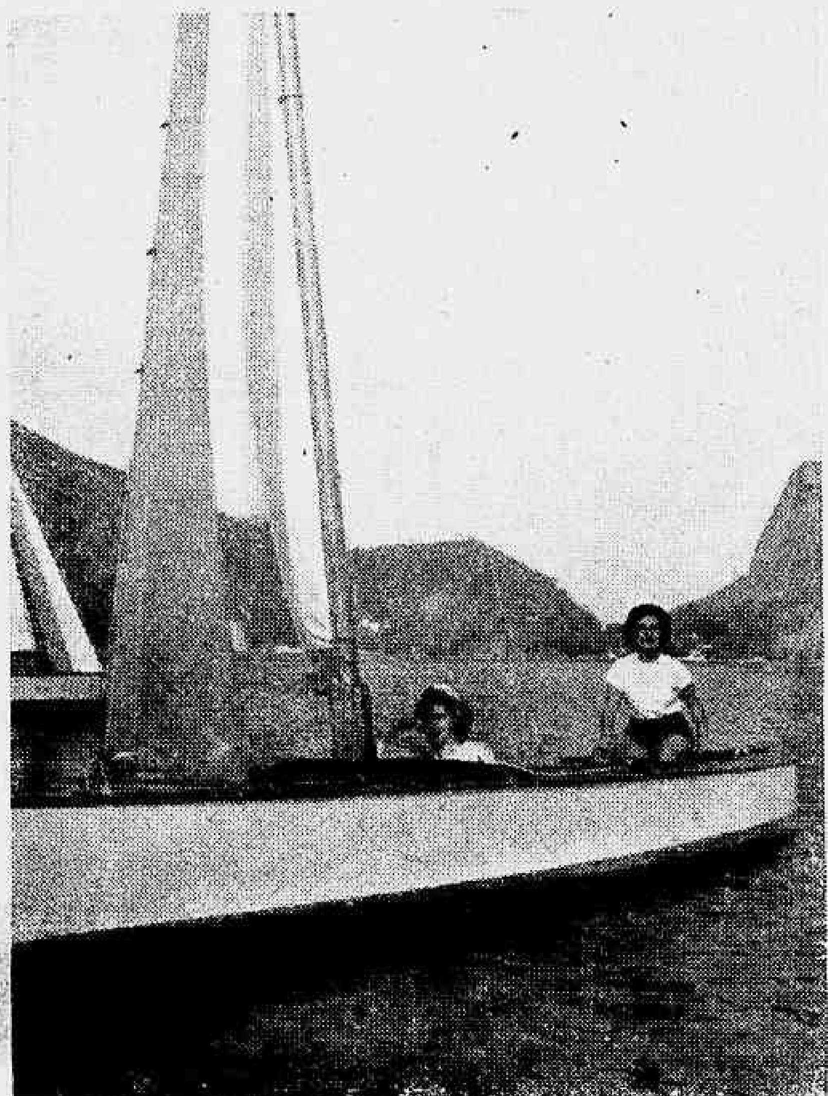
DURANTE as regatas, desfilaram alguns barcos enfeitados com flores, como êsse que representava justamente a Olimpíada Feminina.

A mulher desportiva é, sem dúvida, uma das afirmações dos tempos modernos, muito recente mesmo, oriunda do feminismo, ou seja, do movimento em favor da elevação das representantes do sexo feminino a um nivel idêntico ao dos homens. Pelo menos no que diz respeito a direitos, já que os deveres forçosamente são diferentes, principalmente devido às diferenças fisiológicas e psiquicas. Nos tempos heróicos, no albor da história da civilização, no seio de certos povos, a mulher livre gozava de prerrogativas bastante próximas às dos homens. E' por isso que entre os gregos, por exemplo, podemos observar a instituição de jogos, de competições, de lutas, não só quanto às manifestações do espirito, poesias, poemas, canções, trovas, coros e teatros, como também, e principalmente, as competições desportivas. Os gregos aproveitavam tôdas as festas religiosas para comemorá-las com concursos fisicos, e o que admira até hoje é a presença da mulher nessas provas, às vêzes violentas. As moças helênicas ficavam lado a lado com os melhores atletas e a história registra muitas vitórias daquelas sôbre êstes. Compreendia-se então a grande vantagem da vida levada para o lado essencialmente naturalista. O ar-livre, o sol e a água, os exercicios fisicos de mistura com as preleções filosóficas e morais, matemáticas e históricas, constituiam o ponto máximo atingido pela educação e instrução na pátria do belo. Cultuava-se a beleza do fisico para que ela pudesse ser um digno repositório das belezas do espirito, e para tanto usava-se o minimo de roupa, de modo que os músculos estivessem em contacto estimulante com a natureza. E isso aos poucos foi compreendido pelos povos modernos. A educação fisica voltou aos colégios, como matéria obrigatória, os ginásios foram construidos, os campos invadidos. A mulher também aos poucos começou a praticar esportes, provocando polêmicas e escândalos pelas atitudes, pelas roupas cada vez mais sumárias, mas terminou vencendo. Os resultados foram satisfatórios. A vida atual, levada num sentido ligeiramente

(Cont. na pág. 5?)



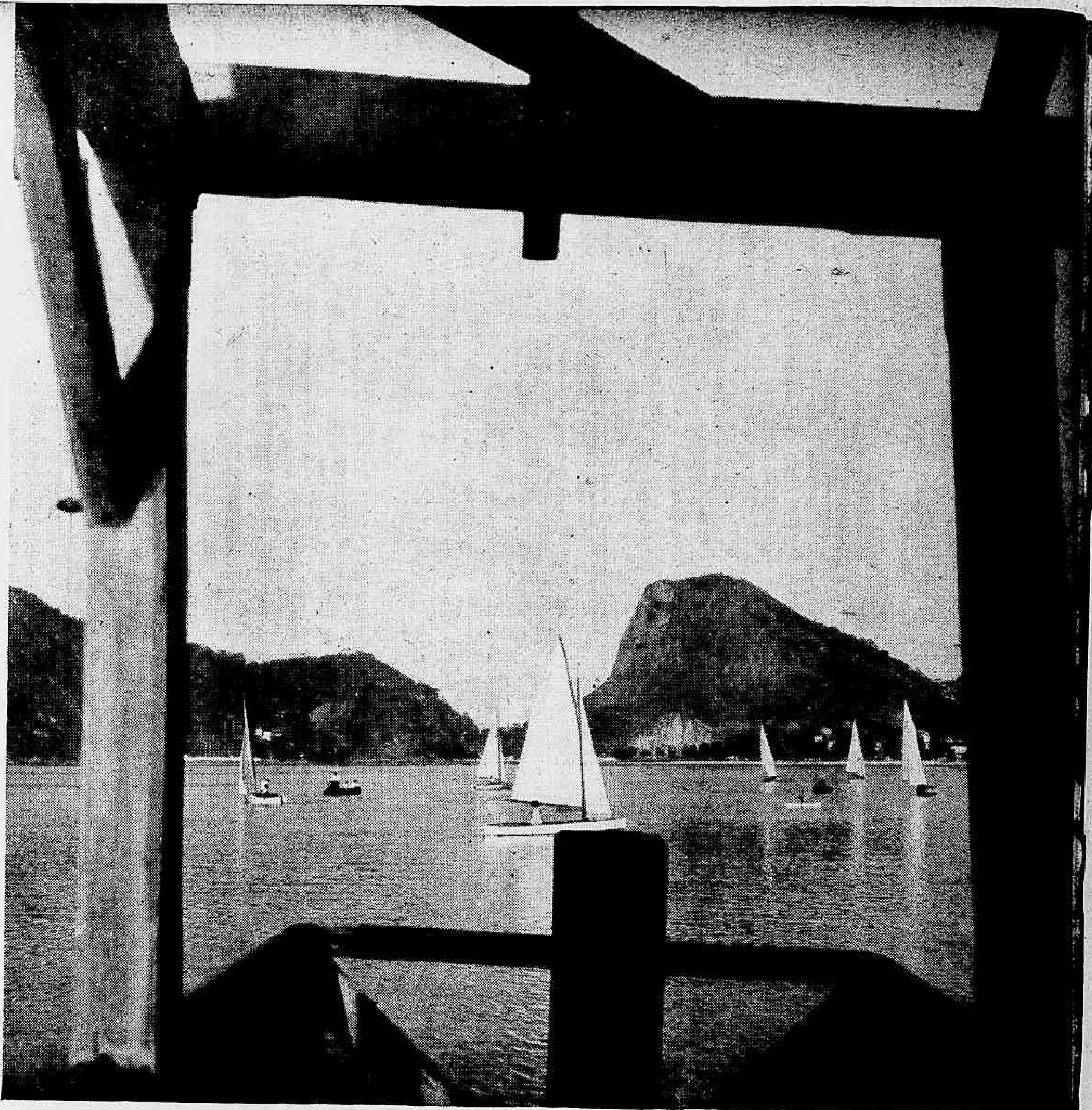
NO CENÁRIO plácido da Lagoa Rodrigo de Freitas teve lugar a prova de Vela, ao fundo a sagoma do Corcovado, inconfundível, destaca-se.



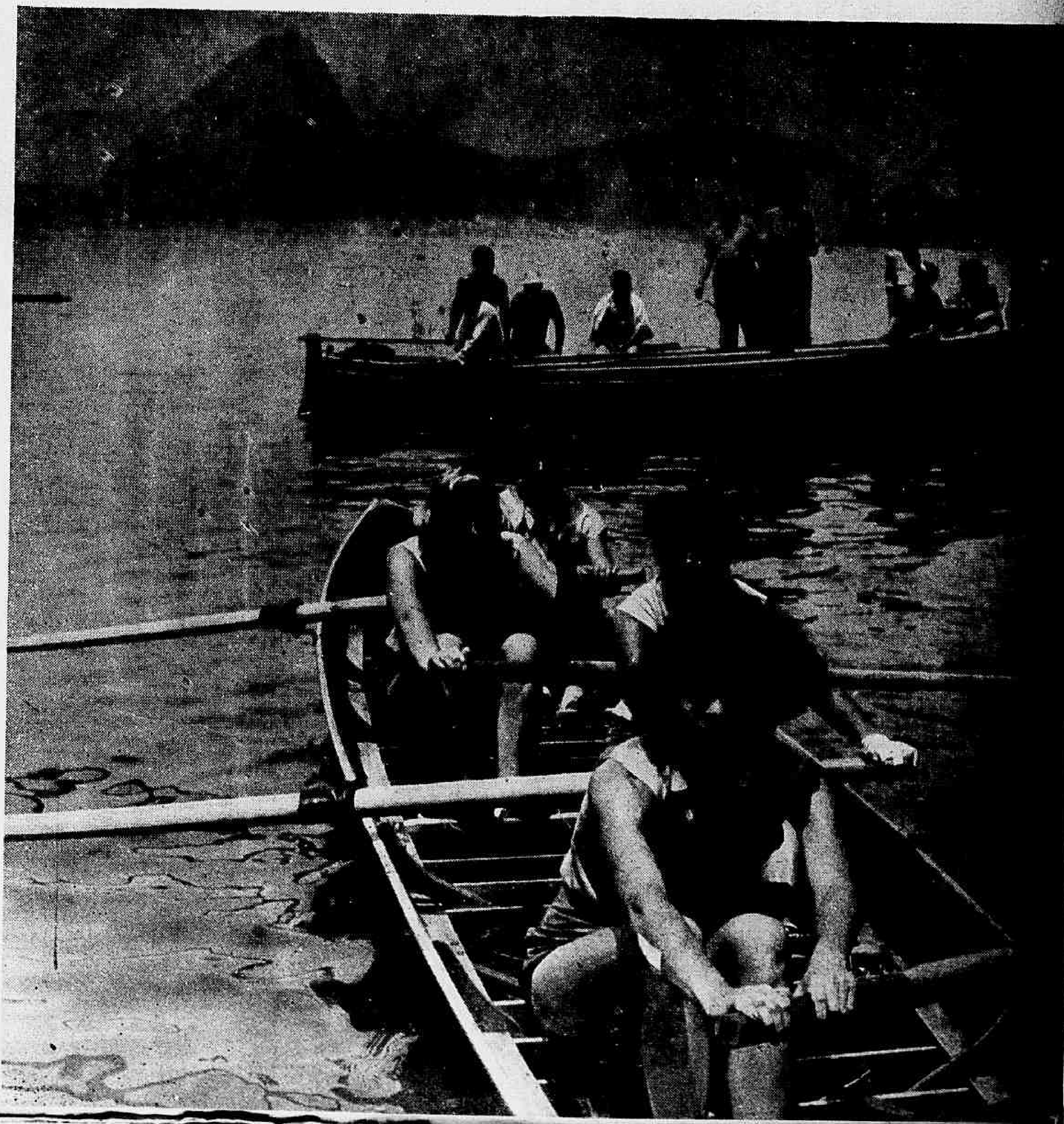
ALINHADAS e atentas, esperam as veleiras a largada para a empolgante prova. A pouca prática do esporte foi superada pelo entusiasmo.



CONFIANDO em suas habilidades, prometeram fazer força para conseguir uma boa colocação na chegada, que a muitos surpreendeu.



DESCREVENDO graciosas curvas, imitando os cisnes, volutearam os barcos no soberbo espetáculo da Lagoa, suavemente conduzidos por mãos femininas. Em baixo: guarnição do iole franche a 4, do Educação Física, vencedora do terceiro páreo na primeira regata feminina.





COMO ÚNICA representação paulista, veio o Pinheiros, popular clube bandeirante. A foto mostra o «five» de voley, no «half-time» de uma partida, descansando sentado no chão, e recebendo instruções do treinador, sôbre a maneira de se conduzir na fase complementar.



LENI SIQUEIRA foi a vencedora da prova de baleeira e um lugar na regata feminina, a 1ª na América do Sul.



O HIPISMO também teve seu dia, permitindo a sugestiva vitória da equipe que representou o Clube Vasco da Gama.



MOVIMENTADO flagrante da renhida partida disputada entre o Pinheiros e o Flamengo, em que levou vantagem o clube carioca, correspondendo ao favoritismo, por ser campeão invicto da metrópole. Mas o título, nos «Jogos da Primavera», que o levou foi o Icaraí.



HOUVE quem chorasse por não haver ganho, demonstrando assim a seriedade que as atletas puzeram nas provas.



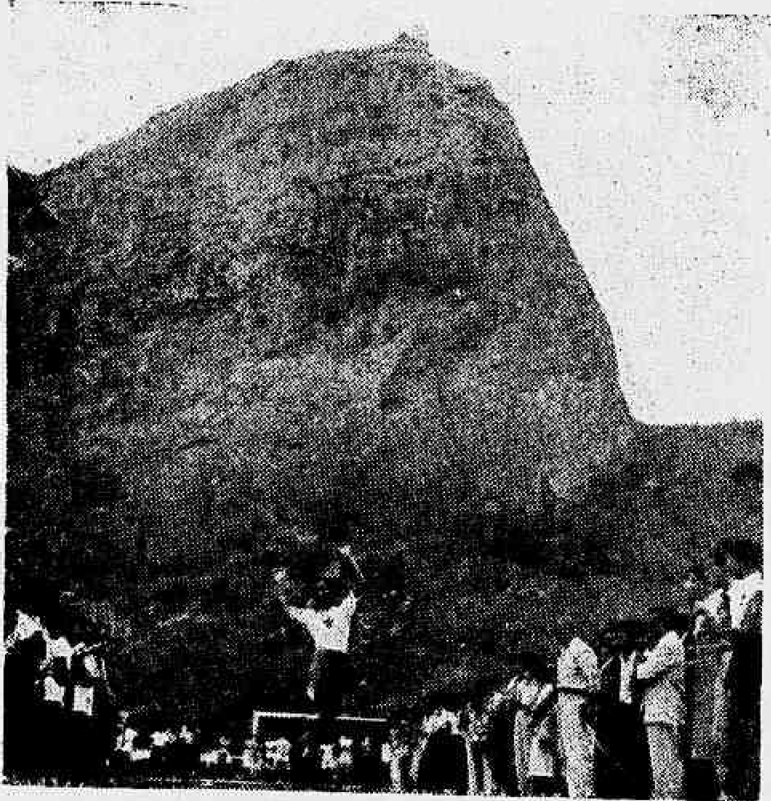
NA ESGRIMA coube o 1º lugar ao Flamengo, sendo Nadia Ziborof, a vencedora individual da prova de florete.



EDNA Flaeschen, obteve o 3º lugar na prova de baleeira. Concorreu, a representante vascaina, ao título de Rainha.



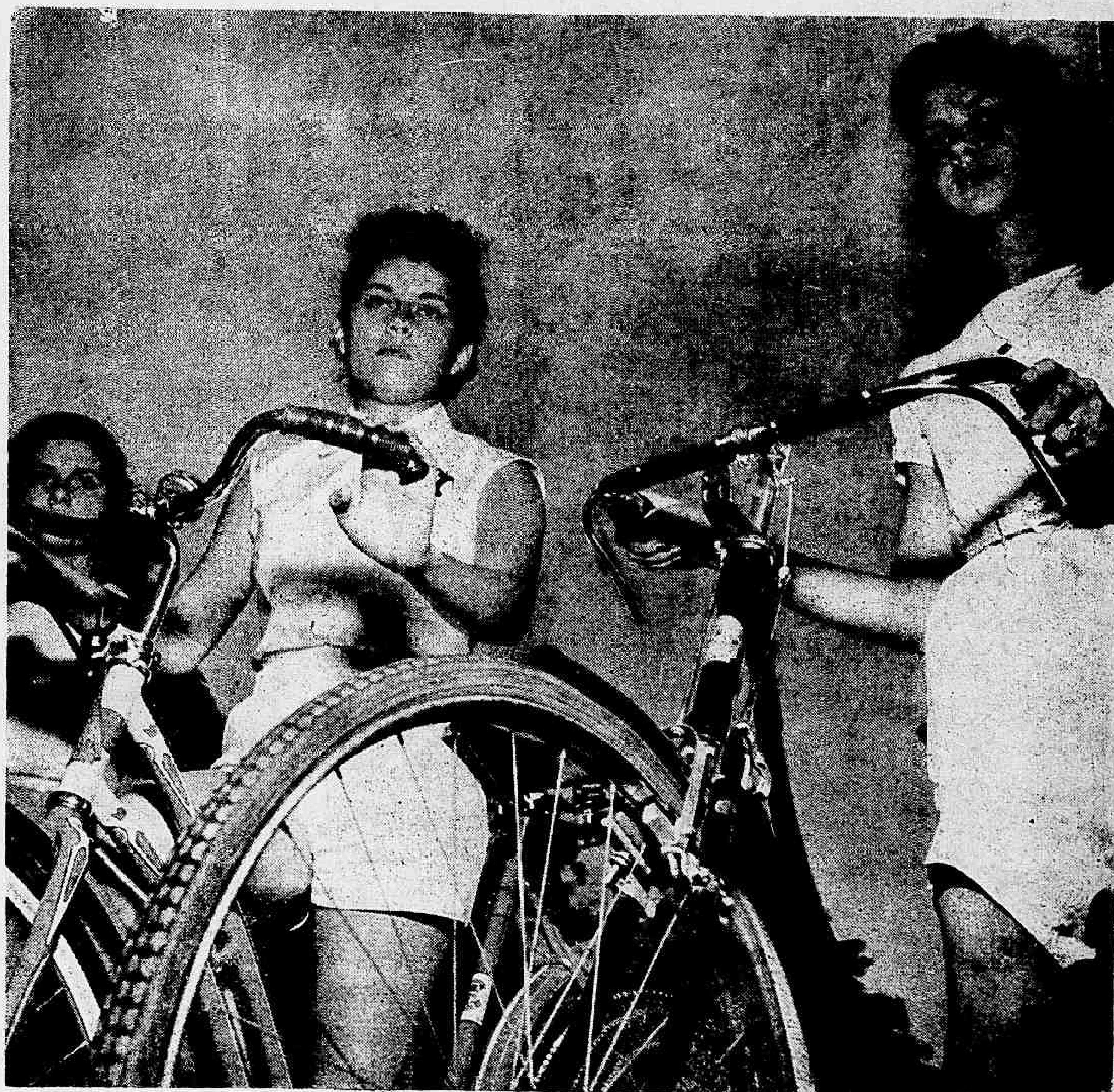
NA ENSEADA de Santa Luzia, tendo ao fundo a Igreja da Glória, foram realizadas as regatas femininas. No primeiro páreo, apesar da confusão provocada pelos que invadiram a raia e dos protestos injustos de extranhos, o iole franche a dois vencedor foi o do Fluminense.



À SOMBRA do Pão de Açucar, realizaram-se as provas de atletismo no campo do Forte de S. João. Salto em extensão.



AS FLORES foram muitas vezes usadas, antes do início dos jogos como homenagens singelas entre as agremiações.





A CABOCLA Dirce Couto do Icaraí venceu a prova de ciclismo. Não se notou qualquer distinção de classe ou côr.

O CICLISMO que foi corrido na Av. Atlântica em Copacabana, constou de prova para bicicleta de corrida e de passeio, em três voltas entre o posto 3 e o 6. Esforçadamente correram as ciclistas. Houve algumas queda, alguns arranhões, mas tudo terminou bem.



SUA MAGESTADE a Rainha dos «Jogos da Primavera», Margaret Schmidt do Icaraí, conseguiu o título graças a sua vitória na última prova disputada, a de Vela. Repetiu a façanha de 49, é duas vezes Rainha.



CHEGADA de uma concorrente à prova de bicicleta de passeio. Vencido pelo Icaraí, no setor colegial coube a primeira colocação à Escola «Carmela Dutra», uma das fortes competidoras ao certame.



ALGUMAS das belas moças que competiram ao título de Rainha. Uma para cada clube e colégio. Pode se ver no centro da foto, a que ostenta o número 6, Margaret Schmidt, quando ainda não era Rainha.



VARIAS das atletas mostraram sua versatilidade e adaptação a diferentes esportes. A mesma moça que venceu no ciclismo agora executa, no atletismo, um salto em altura. Muitas fizeram o mesmo.



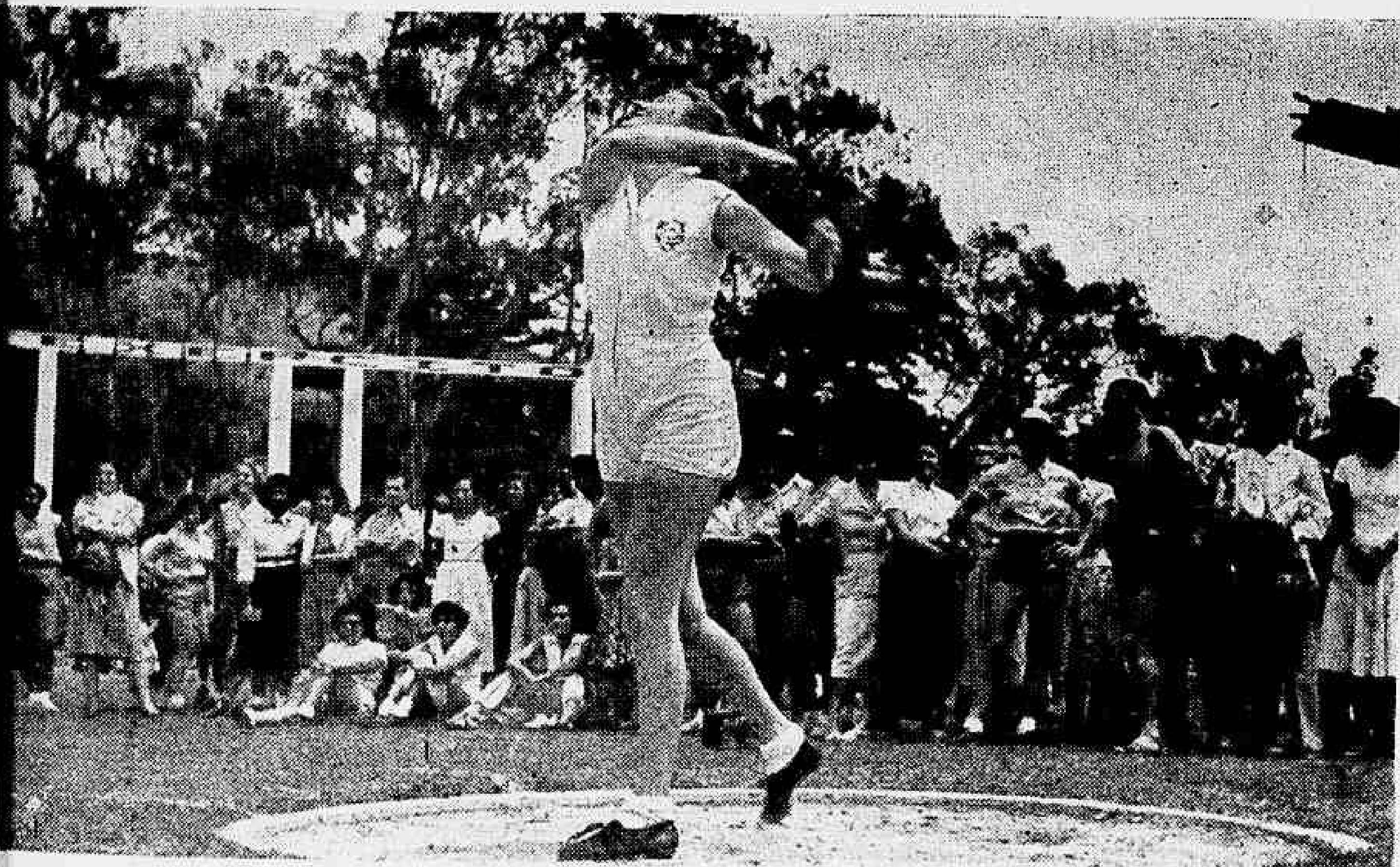
O FLUMINENSE, segundo colocado no resultado final dos jogos, teve na prova dos cem metros rasos uma de suas significativas vitórias. Eis o instante da chegada, vendo-se a vencedora, Helena C. Menezes.



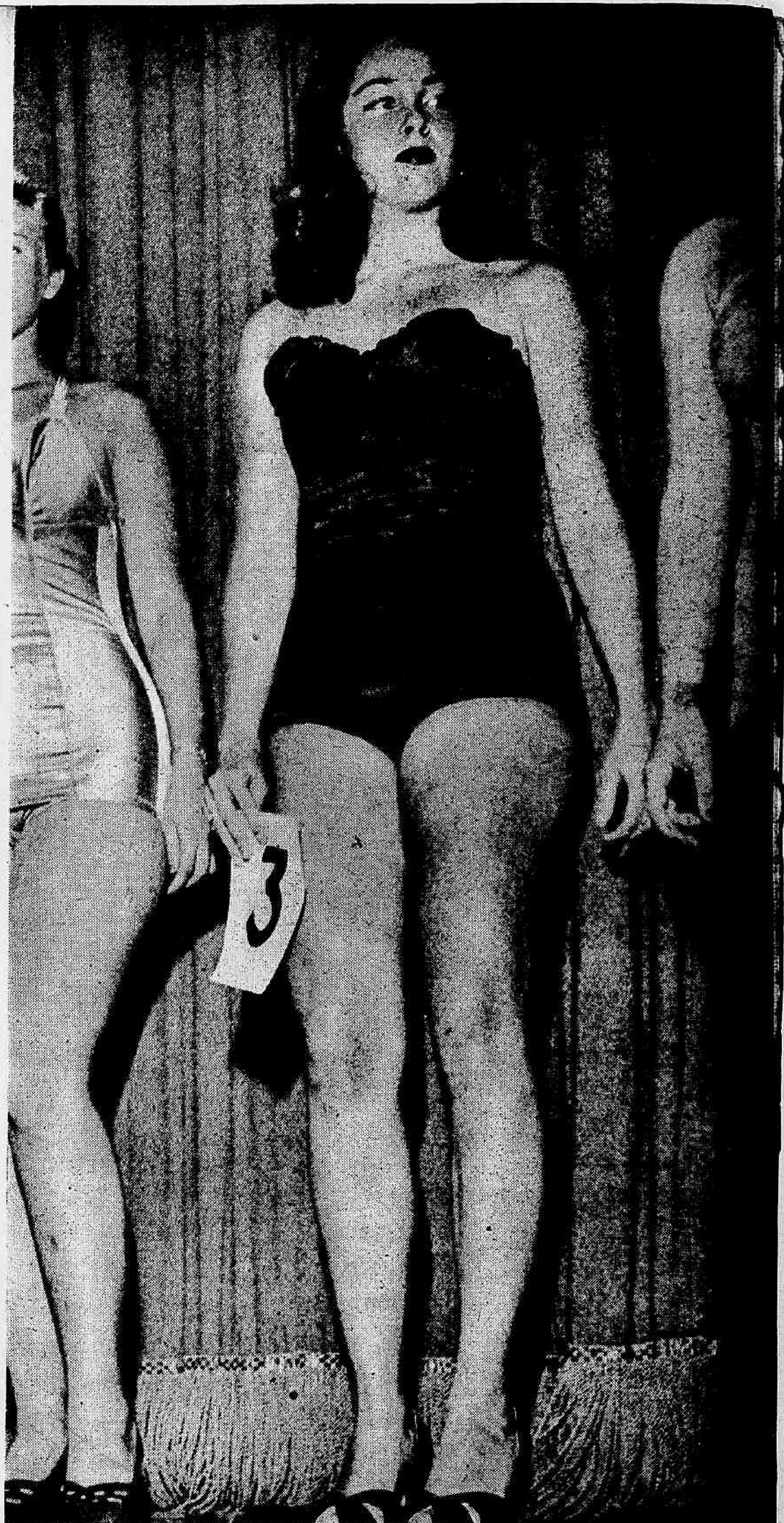
MAIS 7 das candidatas ao título de Rainha, perfiladas ante os juizes, que demoraram em dar o veredicto. A 4ª, da esquerda é a representante do Pinheiros, e a de n. 3, a Princesa, 2ª



NO SALTO em altura houve quem exibisse classe de verdadeira estilista, como Iracema dos Santos Lima, da Escola de Educação Física, a única que pula com as duas pernas juntas, como se vê na foto.



O LANÇAMENTO DE DISCO teve nas descendentes de anglo-saxões as atletas expoentes do esporte. Apesar de terem físico desenvolvido demais, no entanto graciosos eram seus movimentos no lançamento.



A PRINCESA DOS «Jogos da Primavera», segunda colocada Ruth Ellen Rosenkraun, do Fluminense, ganhou em fisionomia e plástica, mas perdeu em eficiência esportiva. E o concurso não era apenas de beleza...

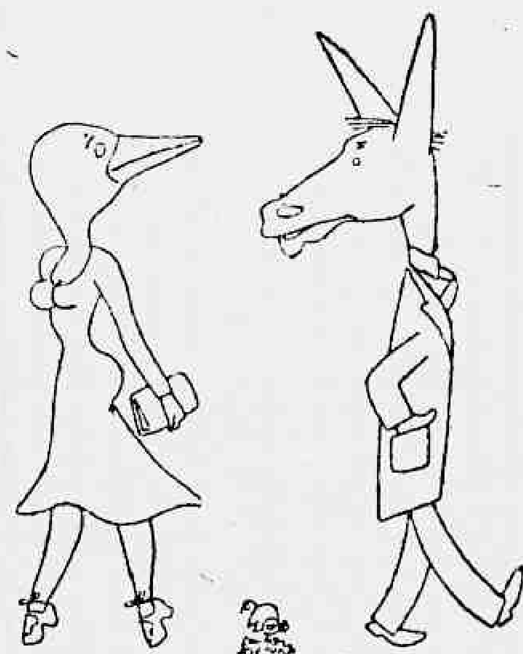


CENA DE BALLET? Não, feliz flagrante de basket, a finalíssima entre a Escola de Educação Física e a Atlética do Grajaú, que conseguiu o título por estreita margem, repetindo o que fizera em 1949.





— Veja é fácil, bata seguro no prego...



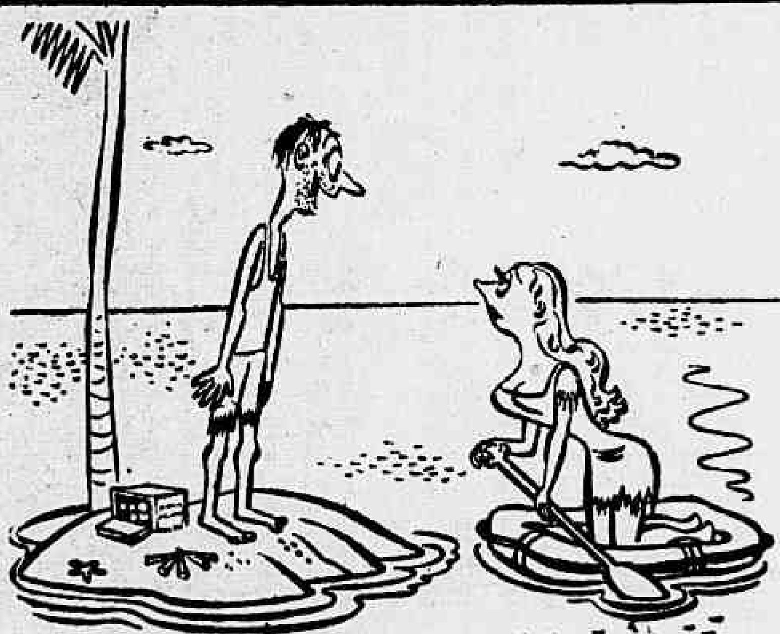
— Si os pensamentos pudessem ser traduzidos...





— Depois que o Jorge andou consertando a máquina, acontece sempre isso.

BOM HUMOR



— Ah, é você Magda! Que coincidência.





— Não acredite na conversa dêle querida, tôda semana é a mesma cousa!...



O REI FAROUK, do Egito, tomou umas férias e as foi gozar em França. Como, naquele país, há milhares de egípcios, fàcilmente foi organizada uma festa franco-egipciana, com todos os esplendores do Oriente. 600 convidados compareceram.

UM REI QUE SABE DIVERTIR-SE

-- A POLICIA INTERVEIO PARA AFASTAR OS CURIOSOS -- O CASSINO DE DEAUVILLE NUNCA VIU TANTA GENTE --



SAMIA GAMAL, dançarina egípcia de 18 anos de idade, foi convidada para dançar diante do seu rei. Ei-la aqui, vestida a caráter, com uma túnica oriental, interpretando "Espôsa do Nilo", famosa composição do maestro egípcio Almanza





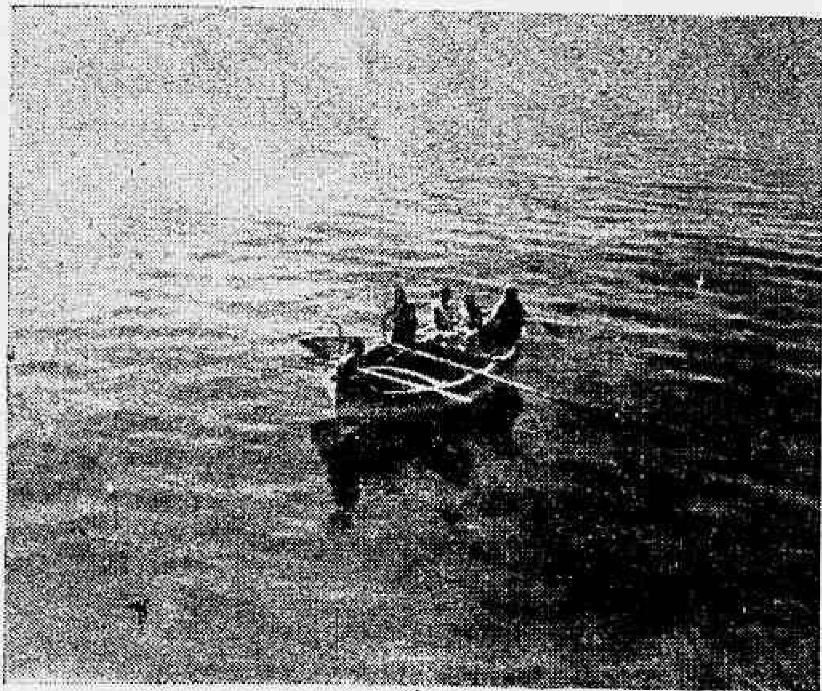
A festa de gala em homenagem ao rei Farouk, no "Ambassadeurs", constituíu uma das mais elegantes e finas reuniões a que já assistiram os elementos mais destacados da sociedade de Deauville, na França. Mas, festa egípcia sem bailarinas orientais, a dançar com os requebros serpenteantes e provocadores da gente de sua raça, não é festa completa. Por êsse motivo, o rei Farouk incluiu em seus números as coreografias de Samia Gamal, trajada com o mais apurado 'bom gôsto,mesmo para os técnicos em bailados caprichosos de harens de sultão.

E o próprio rei Farouk, inebriado pela graça estonteante de Mlle. Gamal, uma egípcia de 18 janeiros, não lhe poupou exclamações de entusiasmo, palmas de parabéns efusivos. Também o vemos à hora da partida do Cairo, a passear incógnito em Deauville, admirando o Vesúvio, e, enfim, indo ao "Yacht-Club".





UM REI QUE SABE DIVERTIR-SE



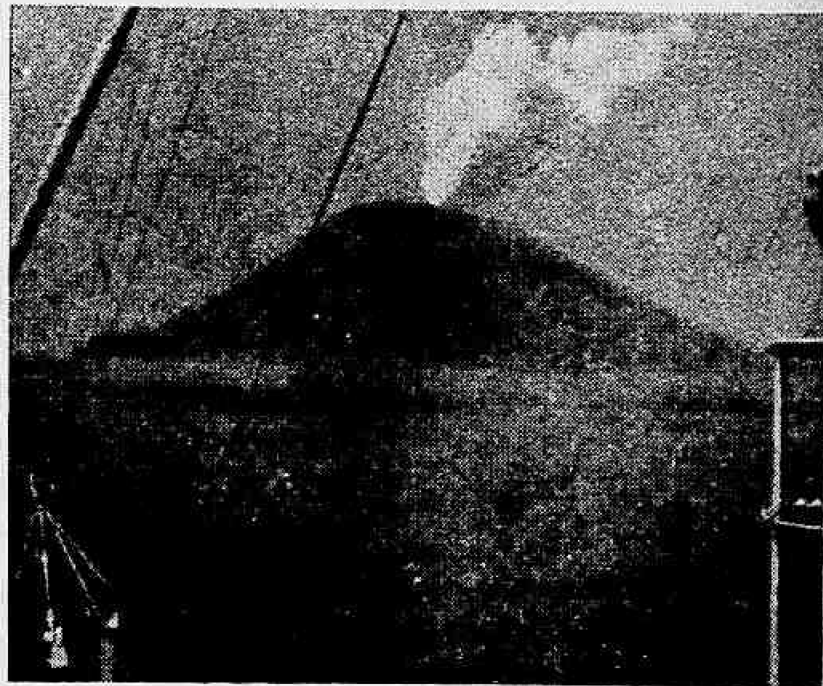
NAS ÁGUAS de Nápoles, FarouK fotografa pescadores

QUANDO o rei Farouk sái a passeio, não deixa de fazer-se guardar por vários secretas de sua confiança. E, na França, o próprio govêrno local pôs à sua disposição vários guardas para proteger o soberano oriental.

Embora o rei Farouk não esteja correndo risco de atentados, sempre é bom ter cautelas. Isso acontece sempre com os homens famosos e que dirigem povos entre os quais sempre há descontentes. Para contrabalançar êsses pequeninos contratempos, o rei Farouk aprecia as noitadas de baile e bons manjares regados a vinhos generosos. Às suas costas há, constantemente, 40 olhos em vigilância. Cinco "Cadillacs" o acompanham para onde vai. Tem atualmente 30 anos. Chama-se Fouad El Masri Pachá, ou rei Farouk I, rei do Egito. Profissão: Rei. Freqüenta cassinos, onde joga paradas fabulosas. Mas também adora a dança. E aqui o vemos a executar uma rumba com Mme. Constantin Kahil.

Não é fácil apanhar dêsses flagrantes de S. Majestade. Está êle sempre protegido por duas dezenas de fortes policiais que não têm qualquer tolerância em tais momentos. Os fotógrafos são justamente, isto é, injustamente os mais sacrificados.

E' preciso ter paciência e muito jeito para tais flagrantes. Mas o rei Farouk também sabe ser cavalheiro e colaborador com os profissionais do "flash". Na famosa noitada de Deauville, com a festa franco-egipciana em sua honra, êle permitiu que os fotógrafos esgotassem suas lâmpadas e o pegassem em todos os ângulos. Mas foi tudo em ordem e obedecendo a uma estratégia quase litúrgica: dentro de dez minutos, os repórteres entravam de dois a dois até sua presença e aproveitavam a chance.



E, AO PASSAR pelo Vesúvio, bate a clássica chapa



NO SÁBADO, À TA[illegible]E, O [illegible] DANÇA RUMBA [illegible]OS SA[illegible] DO YACHT CLUB DE DEAUV[illegible]



OS RABOS-DE-PEIXE SÃO ENCONTRADOS EM TÔDA A EXTENSÃO DO CAIS; O MENOR ESPAÇO ABRIGA DEZENAS. ÊLES SÃO COMPRADOS EM NOVA YORK, MAS AS LICENÇAS INDICAM QUE VÊM DE OUTROS ESTADOS.

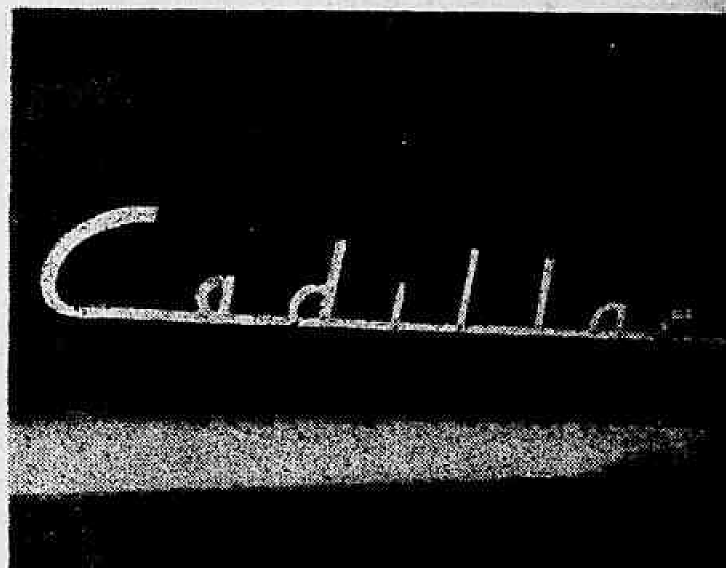


O CAIS há muito se mostrou pequeno para acomodar as centenas de carros vindos nas últimas semanas. A Administração do Pôrto está se valendo de pátio na redondzea. Cêrca de 400 automóveis foram acomodados no exíguo espaço perto do Armazem 4. São Buicks, Lincolns, Pontiacs, mas o grosso mesmo é Cadillac. São bonitos, de todas as cores e feitios.

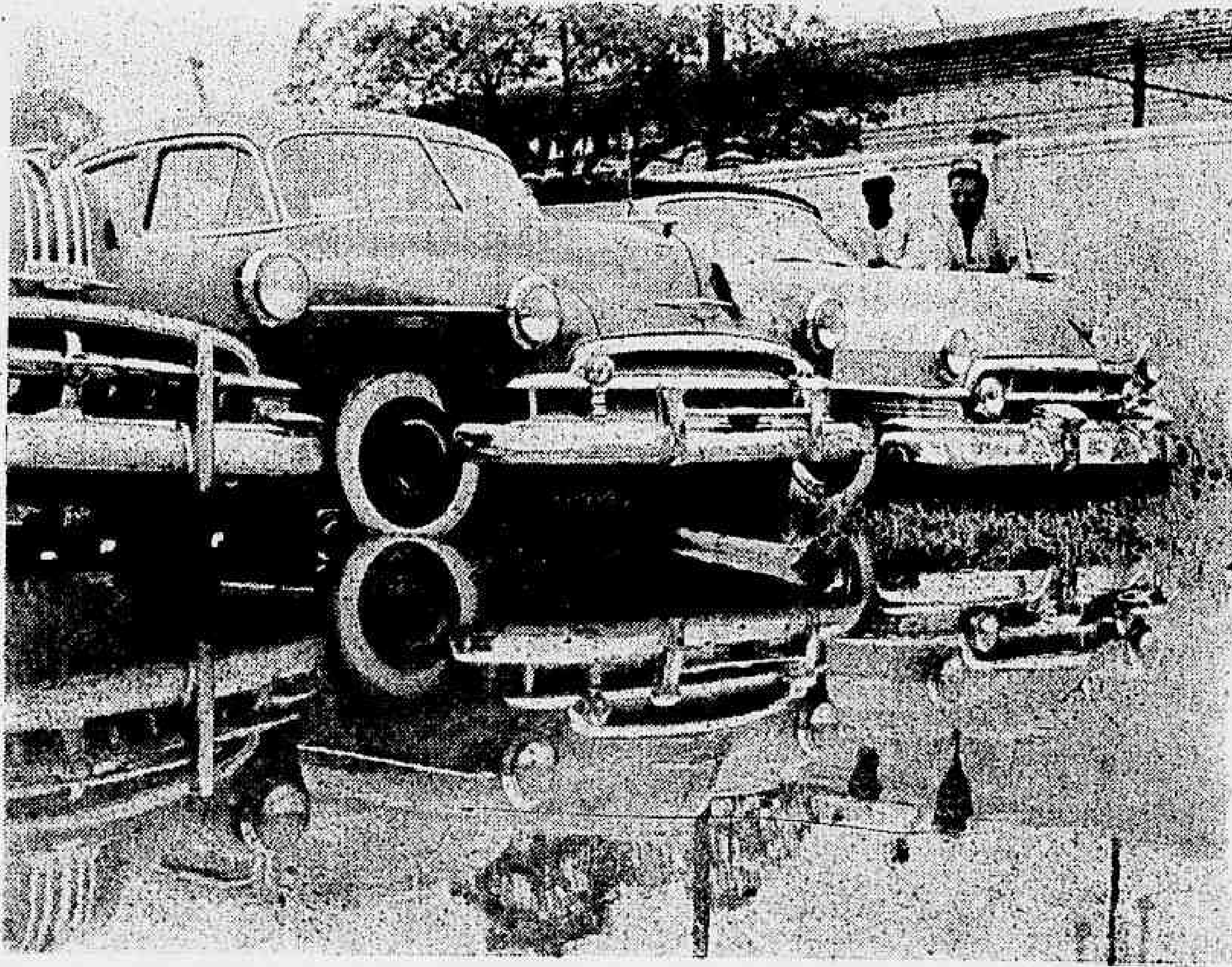
JA' CHEGOU O SEU?

UM ESCÂNDALO QUE SE ETERNIZA ★ FAZ IRONIAS A IMPRENSA NORTE-AMERICANA ★ CARRO DE LUXO VAI ACABAR MAIS BARATO NO RIO, QUE EM NOVA YORK... ★ A PORTA É O ART. 36 DAS PRELIMINARES DA TARIFA ★ O MANDADO DE SEGURANÇA RESOLVE, POIS O GOVÊRNO TOMOU PROVIDÊNCIAS ILEGAIS ★ QUANDO UM AUTOMOVEL DEIXA DE SER BAGAGEM

Reportagem de DANIEL CAETANO



QUANDO o primeiro Cadillac rabo-de-peixe fêz a sua aparição nas ruas do Rio e as autoridades não puseram a mão nêle, isto no comêço do ano, quase se pode afirmar que o escândalo dos automóveis aqui chegados, com esbanjamento de divisas, já escassas para a compra das nossas coisas essenciais, foi de algum modo estimulado pelo govêrno. A molesa da Fazenda Pública deu no que se está vendo. Os navios não param de trazer Buicks, Cadillacs, Lincolns, Pontiacs, e tantos outros soberbos carros, cujos donos se aproveitam de uma lei mal-feita para embelezar as ruas com essas máquinas, efetivamente bem-acabadas, mas um tanto caras demais para o Brasil — não para êsses cavalheiros bem comidos e bebidos. Há pouco, as autoridades fazendárias resolveram não acreditar na história contada por todo passageiro vindo dos Estados Unidos. O presidente Dutra se mostrou então particularmente enérgico mandando, com muita falta de jeito, a Alfândega apreender os carros. A medida era ilegal. Serviu apenas para dar um ligeiro susto nessa espécie de gente que está ganhando milhares de cruzeiros do dia para a noite. Com um caprichado mandado-de-segurança, a pouco e pouco, cada automóvel foi sendo entregue ao dono. Mas o susto já passou e os navios continuam trazendo em seus bojos dezenas de caros, tantos, que um jornal de Nova York está avisando: daqui a pouco, um



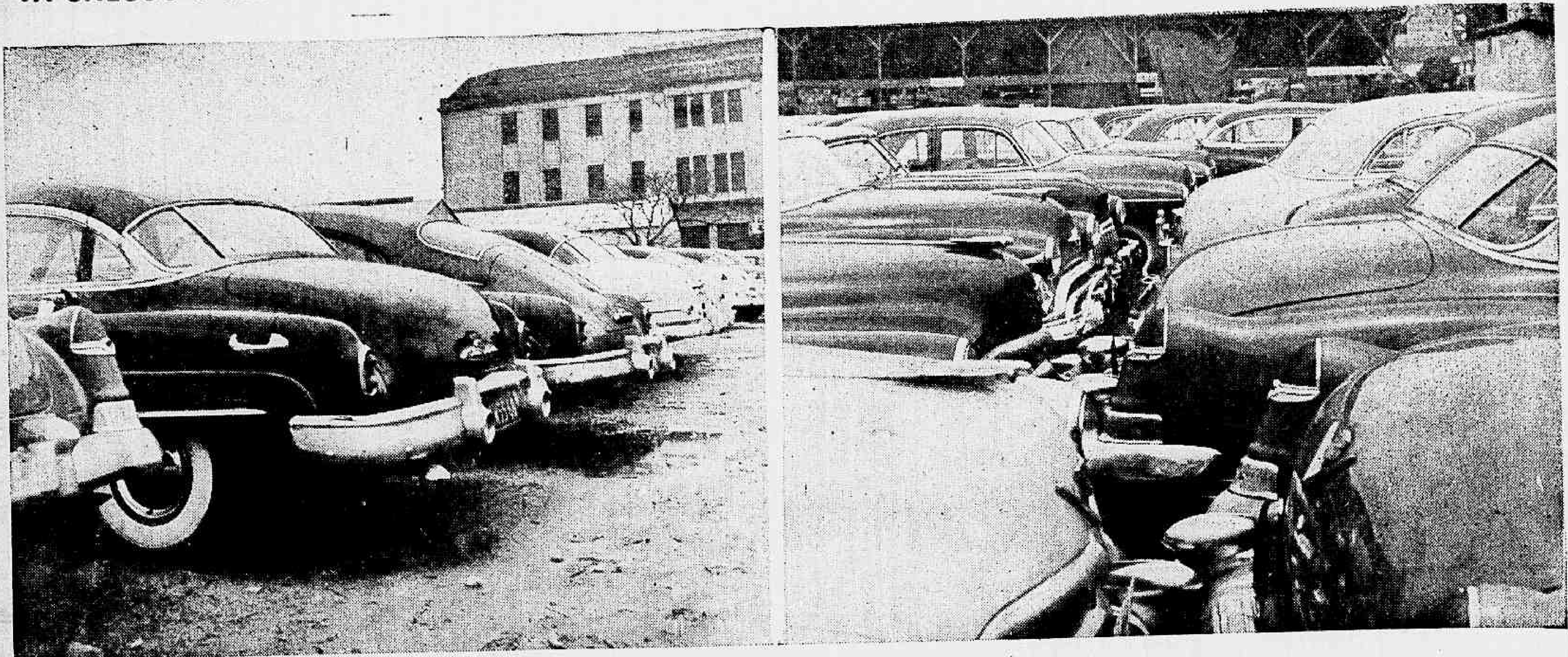
A CHUVA da semana passada encheu o patio do Armazem 6. As poças eram muitas e dentro delas os carros permanecem até que o sól volte. Os guardadores de tôda aquela fortuna dizem que a todo momento aparece alguém para vêr o carro número tal, alguém que se queixa e sái triste com o que vê.

Cadillac está mais barato aqui do que lá. A imprensa americana faz ironias a propósito. Lembra a falta que nos faz artigos de importância vital por falta de divisas e não compreende essa mania de indio... (E' que os indios norte-americanos, principalmente de Oklahoma, donos de terras petroliferas, tiveram suas propriedades respeitadas e se viram de repente com altas contas nos bancos; são uns pobres diabos em tudo, mas só gostam *Cadillacs*.).

Êste fim de govêrno parece aumentar os apetites. Os jornais já aparecem com anúncios assim: "Embarque seu automóvel por intermédio de nossos representantes em Nova York, por outro lado, os jornais anunciam facilidades aos brasileiros na aquisição do seu carro, pois está assente que um brasileiro em Nova York é sempre um sujeito apressado à procura de *Cadillac*.

O NEGÓCIO E' MUITO BOM

Ora, tôda gente se lembra que foi um escândalo enorme a chegada das primeiras grandes remessas. De repente, não entrava mais no pôrto um navio dos Estados Unidos sem carros para descarregar. Um dêles trouxe dezenas. Os jornais na ocasião noticiaram e comentaram o fato com veemência. As importações se acham sujeitas ao regime de licença prévia, mas uns tantos privilegiados conseguem buscar automóvel com evidente gasto de divisas. Acresce



UM CADILLAC, visto de qualquel lado, agrada sempre. O cáis, de ordinário feio, anda agora embelezado. Mas aquela confusão colorida está rebaixando o Brasil. A imprensa norte-americana vem fazendo ironias: acha que um Cadillac vai acabar mais barato no Rio que em Nova-York... Mas não é só. O brasileiro está sendo comparado aos índios de Oklaoma, «donos» de terras petrolíferas, graças ao que mantém altas contas nos bancos. São uns pobres-diabos mas também são loucos por Cadillacs... Os confrontos com os turistas de emergência, que vão ao Brasil, são deploráveis.

ainda a circunstância de que todos são carros de luxo. O exame da situação nos seus detalhes deu na época conhecimento de pessoas sem recursos econômicos que também estavam na posse de documentos para retirada de custosos automóveis. A campanha da imprensa, naqueles primeiros dias, estêve cerrada.

Um senhor, na lista de compradores, procurou as autoridades e disse não ter comprado carro nenhum, mas não sabia explicar o seu nome na lista. Outro, êste um rapaz, depois de evidenciada a sua absoluta falta de meios para adquirir uma bicicleta, teve de justificar a origem do dinheiro para a compra de um Cadillac. O moço garantiu, na maior calma, que uma viúva rica norte-americana lhe dera o carro de presente. Certo jornal, num sério esfôrço de reportagem, concluiu que uma quadrilha estava agindo aqui e nos Estados Unidos, segundo um processo obscuramente exposto. Mas o que de fato impressionou profundamente a todos foi que se dizia então: uns tantos protegidos do govêrno teriam no bôlso certa papeleta assinada por quem de direito e com aquilo estavam passando por cima da lei de licença-prévia. Tais individuos estariam enriquecendo, é claro, pois um Cadillac que fica nos Estados Unidos por algumas dezenas de milhares de cruzeiros, sem nenhuma dificuldade, dá por aqui nada menos de algumas centenas de milhares.

O ESCANDALO SE EXPLICA

O govêrno resolveu tomar providências. Os automóveis continuavam chegando, mas eram apreendidos pela Alfândega. Afinal,

OUTRO CANTO de cáis, sem demora aproveitado. Não há mais lugar. Acontece que êste fim de govêrno parece aumentar os apetites, não sabemos porque. A corrida para os Estados Unidos éenorme. «O Jornal do Brasil» publicou um anúncio, no domingo atrasado, por meio do qual alguém se dizia uma pessoa de responsabilidade e se oferecia para ir a Nova-York buscar automóvel. Cobrava apenas sessenta mil cruzeiros pelo trabalho. Outro anúncio aconselhava o embarque de carros por intermédio de certa agência conhecida, que se prontificava a fazer serviço limpo, rápido eeconômico.





QUANDO UM CARRO é liberado, os guardadores exultam. Êles o empurram até o pôsto de gasolina e por êste serviço cada um recebe naturalmente gorgêta. O número de automóveis no momento é quase mil, o que por certo agrada muito a todos aqueles homens. Êles sonsolam os donos mais aflitos, garantindo que o mandado de segurança resolve a situação. E' verdade. Mas às vezes o juiz pede informações demais — e o caso demora, circunstância que tira o sono de muita gente. Parece que o escândalo só poderá ser paralizado em janeiro próximo.

Já se pode contar a história de tamanha trapalhada de modo mais ou menos simples. Cada passageiro tem direito a trazer na sua bagagem umas tantas coisas adquiridas no estrangeiro, gozando mesmo de certo abatimento nos direitos aduaneiros. A lei que regula a matéria é antiga, do tempo que não era preciso controlar a importação. O artigo das Preliminares da Tarifa menciona que na bagagem do passageiro pode estar incluído um automóvel. Antigamente, poucos se serviam da prerrogativa porque automóvel era vendido aqui a preço razoável, e ninguém ia se dar ao trabalho de pôr ao lado das malas de viagem um trambolho.

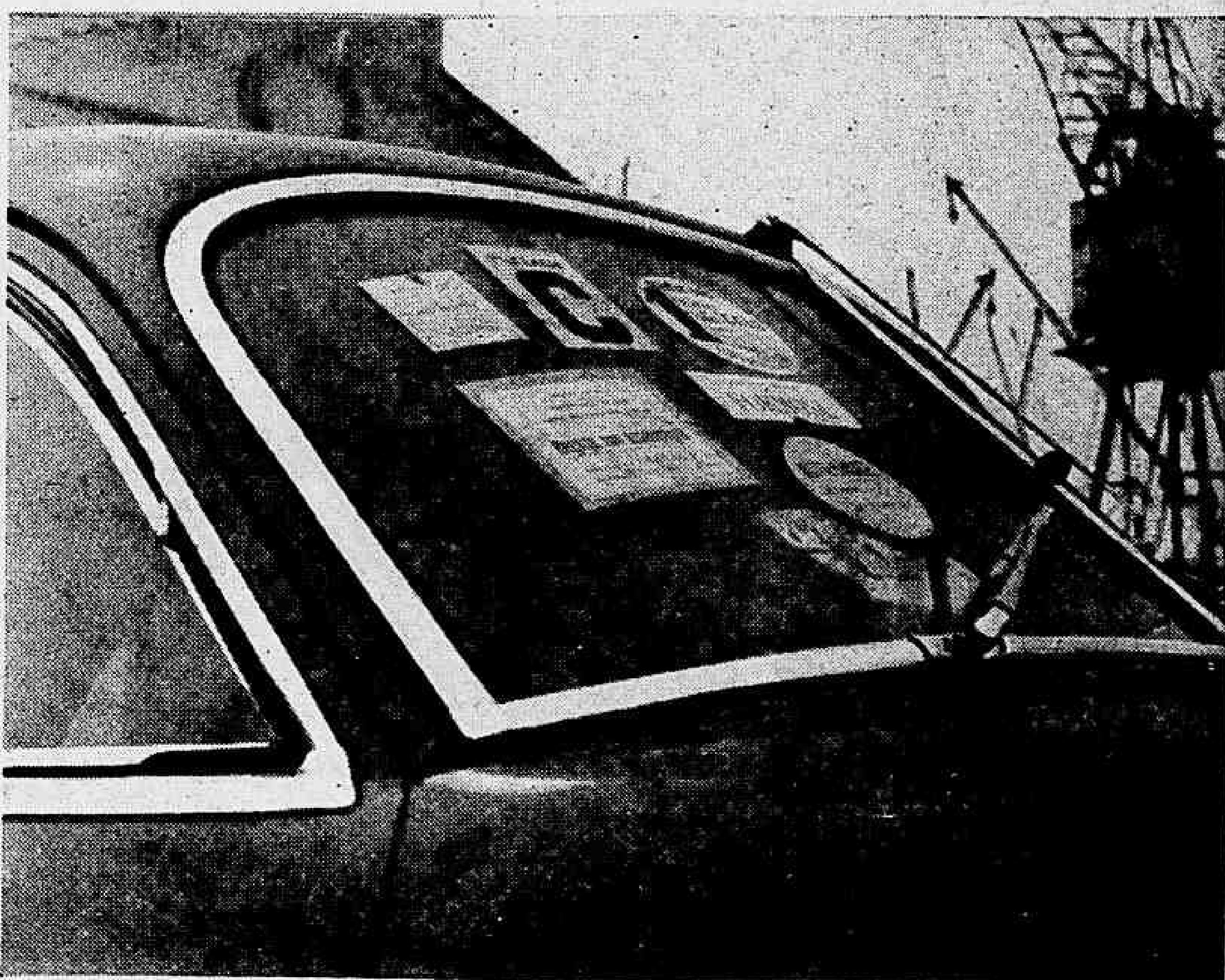
Mas os tempos mudaram. Passou a ser um grande golpe trazer carro de fora. Nesta altura, o Congresso atendeu à nova situação, votando uma lei que vinha sujeitar a compra no exterior ao regime de licença prévia. Por ela, todos os artigos considerados de luxo são de algum modo excluidos ou submetidos a tamanhos entraves que a importação se torna quase impossivel. Os automóveis, portanto, não podiam mais ser adquiridos com facilidades. Não demorou muito, entretanto, para que tôda gente notasse que por alguma porta êles estavam entrando. As ruas passaram a contar com os últimos modelos, o que suscitou comentários e investigações. O motivo não custou a surgir: era o art. 36 das Preliminares da Tarifa.

Mas aquilo de trazer um carro na bagagem para uso próprio foi considerado pouco. O grande negócio seria importar para vender. Já que a única entrada era o art. 36, por êle mesmo é que tudo haveria de ser feito. E foi. Talvez não tenha sido bem uma quadrilha o que se organizou então, mas simplesmente um grupo de pessoas dispostas a ganhar dinheiro de qualquer maneira. Se a lei não tinha fôrça para impedir a entrada dos carros, quando trazidos por viajantes, a conclusão veio rápida e clara. Todo passageiro dali por diante passaria a trazer legalmente um carro na bagagem. E foi o que se verificou.

A transação se fazia de várias maneiras. Quando alguém comprava passagem para o Brasil, recebia logo uma proposta para assinar certos papéis no Rio, papéis que assinaria na qualidade de dono de um carro adquirido nos Estados Unidos, em troca do que, a pessoa receberia uma importância combinada. Todo o mundo era levado a concordar. Nada mais simples e sem compromisso. A lei permite que a bagagem venha até trinta dias após o desembarque do pasageiro. Êste vinha de avião, e naquele período de tempo, o carro que êle não

(Cont. na pág. 48)





OS VIDROS de todos os carros têm seguramente uma dezena de rótulos e anotações, mostrando que a burocracia para um desses carros chegar até aqui é grande e complicada. Mas a verdade é que ainda assim a disposição de trazê-los aumenta cada vez mais. O Congresso, entretanto, vem de adotar leis que darão uma parada nêsse esbanjamento de divisas. Talvez algumas centenas de carros «possantes» acabem entrando no país, valendo-se das liberdades anteriores, mas o escândalo tende a acabar — e já acaba tarde

TRÊS VARIAÇÕES SÔBRE O AMOR

ESTAVA uma manhã, sentada tranquilidamente num bonde n. 13, a caminho de Ipanema. O veiculo deslizava lentamente, em unissono com meus pensamentos que se sucediam em ritmo semelhante. Distraidamente, ouço a meu lado, um rapaz jovem, dirigindo-se a um homem mais idoso, sentado no banco da frente: «Então, aquilo para logo, não?» A frase, de sentido tão propositadamente velado, ficou-me no espirito e insinuou-se de tal modo, que a imaginação pôs-se a trabalhar em movimento acelerado, arquitetando explicações: «Aquilo para logo!» Dei-lhe três interpretações diferentes; a titulo de curiosidade, relato-as aqui.

«Então, aquilo para logo, não?» Naquela tarde, nossos dois protagonistas deviam executar algum plano importante e acabavam de passar juntos alguns momentos, combinando pormenores.

O jovem, como seu trajar o indicava, pertencia a uma boa classe social: a familia residia no sul e êle se achava no Rio cursando uma Escola Superior, recebendo uma quantia razoavel para atender à sua manutenção, taxas de estudos, livros, vestuário e mesmo divertimentos. Fazia um mês que conhecera, numa dessas farras de rapazes, uma pequena por quem andava totalmente louco... Mirna, morena, esbelta, elegante, era um dêsses tipos femininos que põem o sangue a ferver! Ondulante e sensual, tinha caricias que alucinavam e quando já sentia bem presa sua vitima, esquivava-se subitamente, não sem ter tido o cuidado de deixar qualquer coisa em suspenso, qualquer coisa que podia significar uma esperança maior, um paraizo, porém, para mais tarde...

Diabólica, simplesmente; parecia uma gatinha, quando se achegava mansamente, macia e tépida e seus braços enlaçavam os ombros, o pescoço do apaixonado, todo o seu ser irradiando amor; se êste, porém, reagindo no mesmo diapasão, cobria-lhe de beijos os cabelos, o rosto, e buscava sôfregamente sua boca, ela desfazia o abraço, rindo de um modo tão provocador e tão cheio de promessas, que o outro tinha vontade de agarrá-la e de mordê-la.

Não sei o que lhe passaria pela cabeça: escrúpulos não tinha, mêdo, tão pouco; do contrário como poderia viver no meio onde se encontrava? Era antes uma dessas artistas do amor que gozam lentamente suas emoções e sonegam um beijo para dá-lo mais tarde, com um ardor que queima, criando no outro uma sêde abrazadora. Enquanto não sentia sua presa totalmente alucinada, era esta a sua tática.

Nosso jovem já de hà muito andava transtornado. Haviam-se encontrado diversas vêzes, sós ou em companhia de amigos; ainda na véspera a havia reconduzido ao quarto da rua do Riachuelo, onde morava com uma companheira. Tinha-se despedido a contragosto. Quiz beijá-la, louco de paixão; ela esquivou-se, porém, rindo, mandou-lhe um beijo com a ponta dos dedos e cerrou a porta.

O jovem atordoado, ainda permaneceu largo tempo, colado ao chão; afinal teve que ir-se, mas a emoção duramente dominada tornara-o raivoso; aquilo não tinha cabimento e precisava terminar de qualquer jeito; já não podia estudar, vivia nervoso, esquivando-se dos amigos; pensou um momento em renunciar a ela; mas... isto já não era mais possivel.

Naquela tarde, tinha um passeio combinado para os lados da Tijuca; desta vêz tomaria a sua desforra... haveria de beijá-la longamente, repetidamente..

Estava tudo bem combinado; aquela tarde seria decisiva. E despediu-se: «Então, aquilo para logo, não?»

xxx

Nosso jovem é agora um rapaz pobre: seu trajar limpo e decente revelava mais apuro pessoal do que fartura de meios. Em seu quarto barato de pensão, com que cuidado retirava o terno ao findar o dia, refazendo com a mão o vinco das calças, colocando-as sôbre o encosto da cadeira, que também recebia o paletó, as mangas bem esticadas, para que perdessem as rugas!

Esta quasi se formando e andava perdidamente enamorado de Sônia que encontrara numa festa da Faculdade. A menina era linda e parecia corresponder ao seu amor; nunca lhe recusava uma dança e tinha um brilho no olhar, um jeitinho de conversar animadamente quando estavam sós, que não iludia ninguem.

Naquela noite, havia uma festa a rigôr no Clube Naval, à qual Sônia iria certamente. Decidira falar-lhe, confessar o seu amor, pedí-la em casamento; êle, em geral tão tímido, sentia-se com coragem de enfrentar um exército! Um instinto segredava-lhe que seria bem aceito; ah! como a vida ia-se tornar bela! Pensar que aquela deliciosa criaturinha seria sua noiva, que poderia vê-la todos os dias, ouvir seu riso claro, de uma alegria tão comunicativa e conversar com ela, horas a fio!

Se fôsse, aceito, fariam planos: acabaria de formar-se e iria começar a clinica no interior, escolhendo uma cidadezinha agradavel, bastante próxima ao Rio, afim de que Sônia não ficasse muito longe da familia, — Friburgo ou Terezópolis. Dentro de uns dois anos casar-se-iam; alugaria alguma casinha aconchegada e risonha e lá iriam viver o seu paraiso; entendiam-se tão bem, eram um para o outro, tão bons companheiros, o futuro não podia desiludí-lo.

Teriam filhos, certamente; almejava incarnar nos seres maravilhosos que são as crianças, a prova vida do seu amor: um pedacinho de Sônia, um pedacinho dêle... ah! êste pensamento quase doía, de tão bom! Fechando os olhos, deixava-se invadir por uma onda de ventura e sonhava... sonhava...

Fôra-lhe bastante fácil conseguir um convite para o baile, mas não tinha «smocking», nem conhecia ninguém que lhe pudesse emprestar um. Sucedeu, porém, que ao ler o jornal aquela manhã, se lhe deparara um anúncio que parecia feito de propósito para êle: «Alugam-se trajes completos para cerimônias: asseio rigoroso. Visitem nosso estabelecimento à rua X, número tal».

Justamente estava voltando de lá naquele momento: de estatura regular, nem gordo nem magro, não lhe fôra dificil encontrar um «smocking» que lhe assentasse bem. Podia dar-se ao luxo de comprar camisa e gravata adequada e tinha um par de sapatos pretos que serviriam; estava tudo feito.

Pelo bonde, vinha ainda sonhando... Como iria abordar os assunto com Sônia? Provavelmente dançariam algumas vezes, conversando de coisas usuais; depois pediria à orquestra que tocasse «Begin the beginning» e então deixaria que a emoção o arrastasse...

O veiculo aproximava-se da rua Santa Clara, onde residia; o homem mais idoso, sentado em frente, era o dono do estabelecimento que o atendera e que voltava a casa para almoçar. Despertou ao passar Figueiredo de Magalhães e com um tom alacre, despediu-se do velho. «Então, aquilo para logo, não?»

Aquilo, era o «smocking», a festa, o noivado, a ventura...

xxx

Nosso jovem, tratado de todos os modos pelos caprichos de minha imaginação, transforma-se agora, que nem Frégoli, num recém casado. Havia pouco mais de três meses que desposara Lucita, e sua lual de mel tinha sido uma embriaguês! Haviam passeado por São Paulo, Santos, Guarujá e cada um dêstes lugares estaria doravante associado no seu espirito a recordações inesqueciveis!

De volta ao Rio, tinham ido viver num pequeno apartamento da rua dos Voluntários: o quarto, saleta, banheiro e cozinha de que se compunha, valiam para êle mais do que os mais ricos palácios da cidade. Lucita tinha hábitos simples, mas um gôsto apurado e de um nada sabia fazer maravilhas: já vestira harmoniosamente janelas e portas com cortinas leves e frescas, dispusera bem os móveis modestos, os bibelôs, presentes de casamento, as fotografias de parentes e amigos, dando ao apartamento uma atmosfera pessoal e intima.

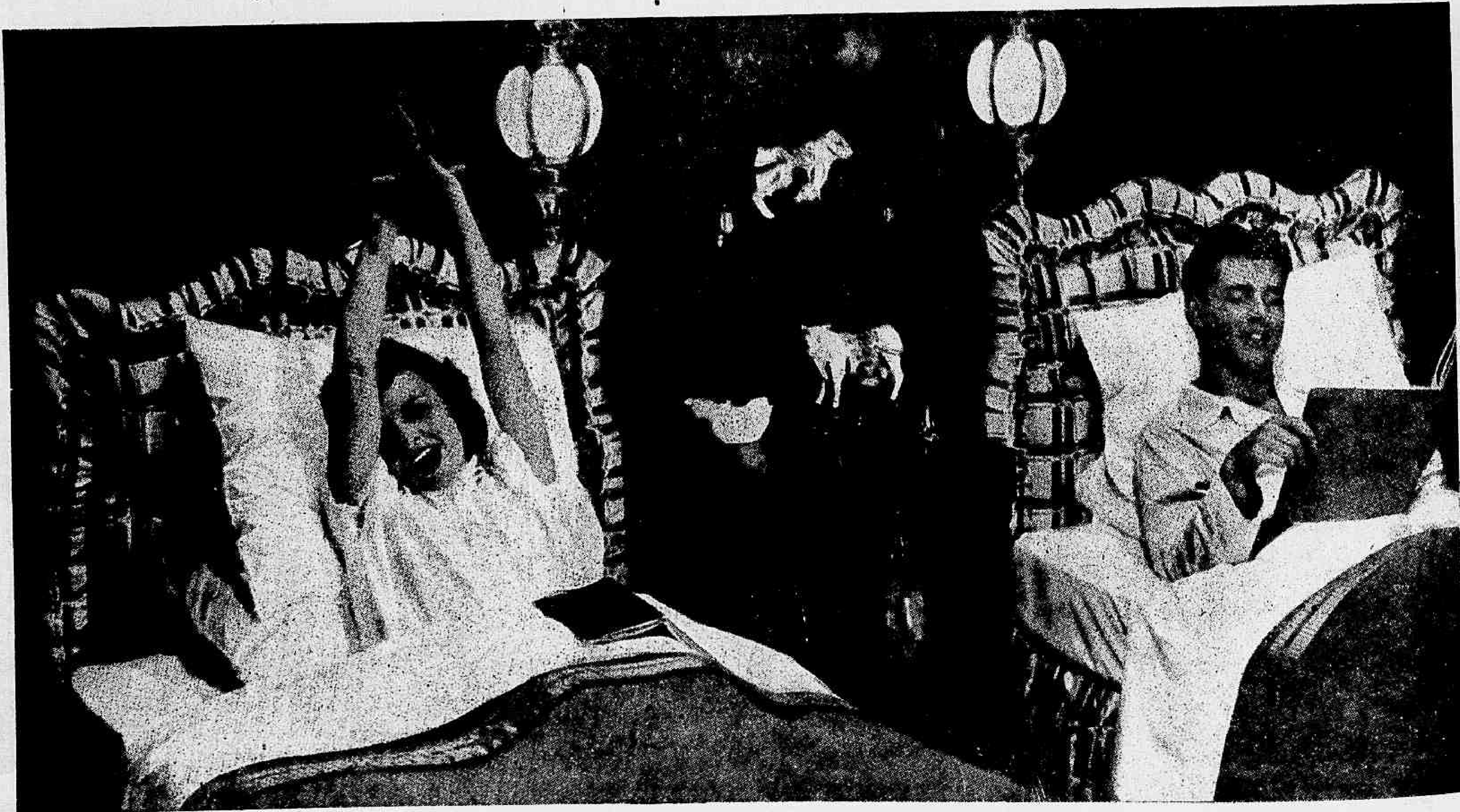
Ao regressar à tarde, encontrava-a sempre, deliciosamente bonita em seu «deshabillé», a ler numa poltrona ou a coser alguma prenda doméstica. Voltando, na véspera, procurara-a em vão pela casa e sua ausência causara-lhe estranheza: «Onde está d. Lucita?» perguntara à empregada. — «Saiu com uma amiga; mas **num** disse onde dia, não **sinhô**.

Nosso jovem ficou amuado e pôs-se a matutar por que não me terá dito nada? A contrariedade de não vê-la logo ao entrar, tornava-o até injusto; esquecia-se de que Lucita era muito independente, fôra habituada a uma vida movimentada e tinha numerosas relações; se raciocinasse com clareza, veria que era mais do que natural que tivesse saido a passeio com alguma amiga, assim, de repente, sem planos prévios.

Naquele dia, justamente, regressara a casa mais cêdo; uma onda de paixão apossara-se dêle e, como nos primeiros dias, almejara tê-la nos braços, apertá-la muito contra o coração e beijá-la inteirinha,

(Cont. na pág. 48)

NOVELA DE DOMICIANA



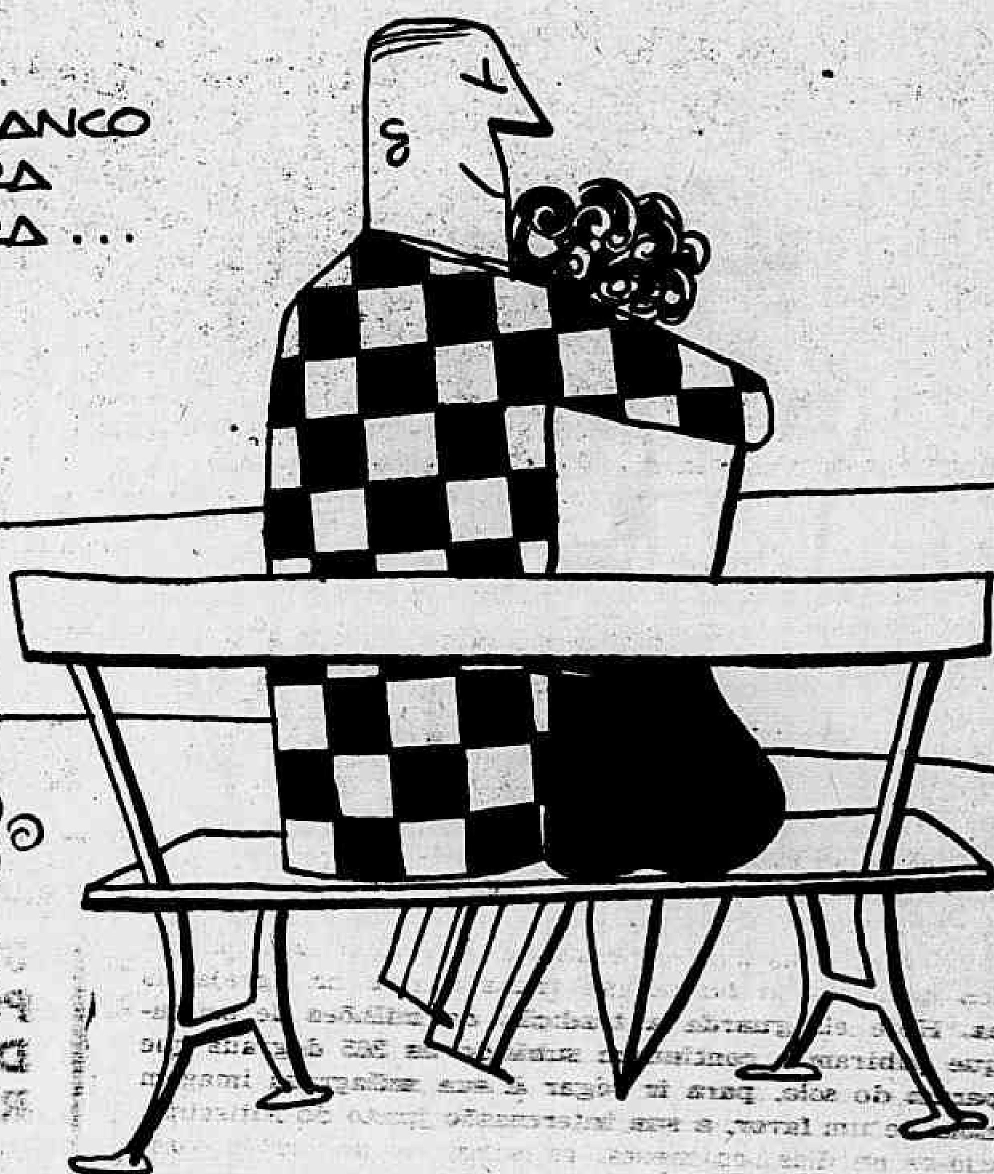
nicodemus VIVA NUMA

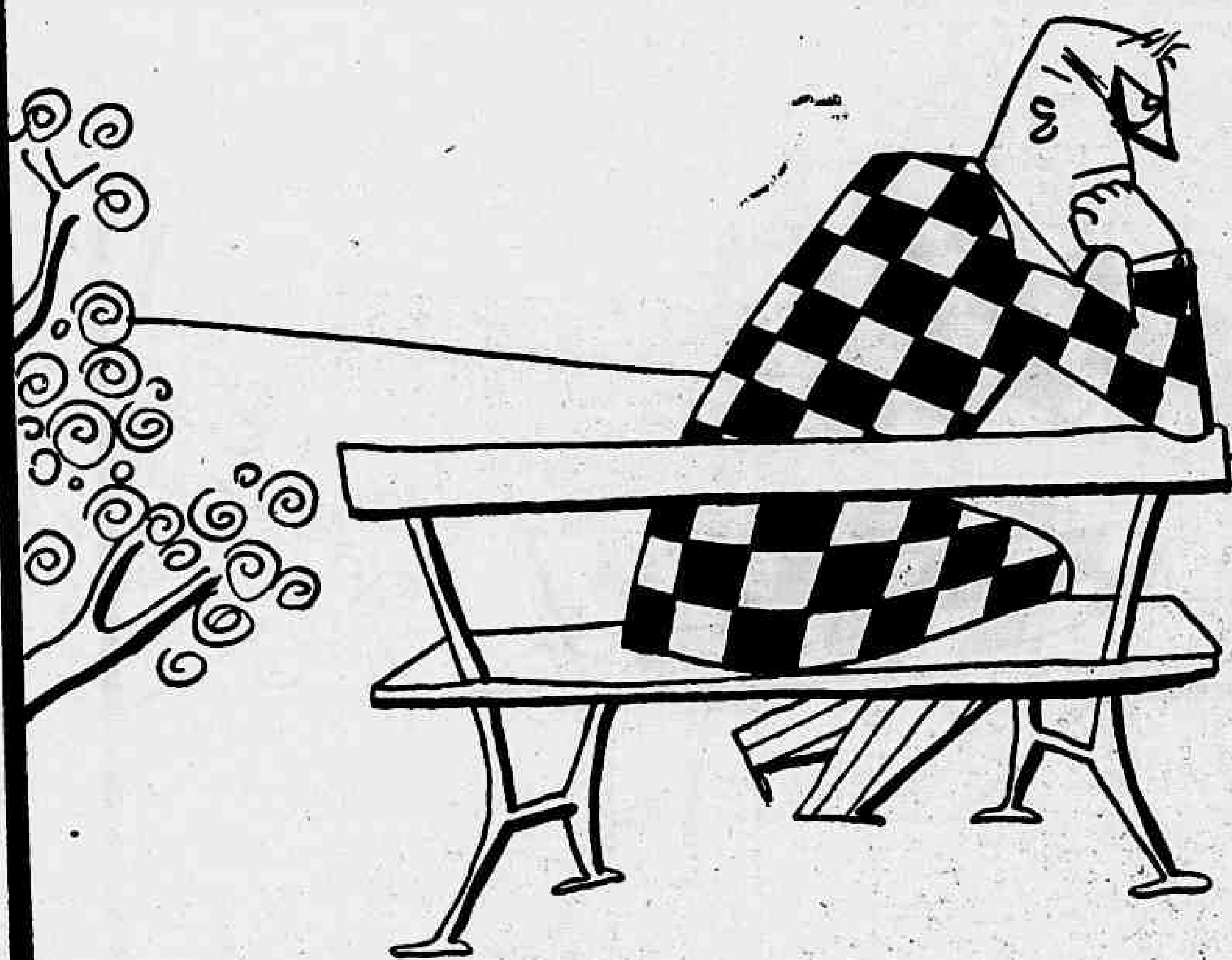
noite de lua

DISCO PRATEADO
LUZ DOS NAMORADOS . . .



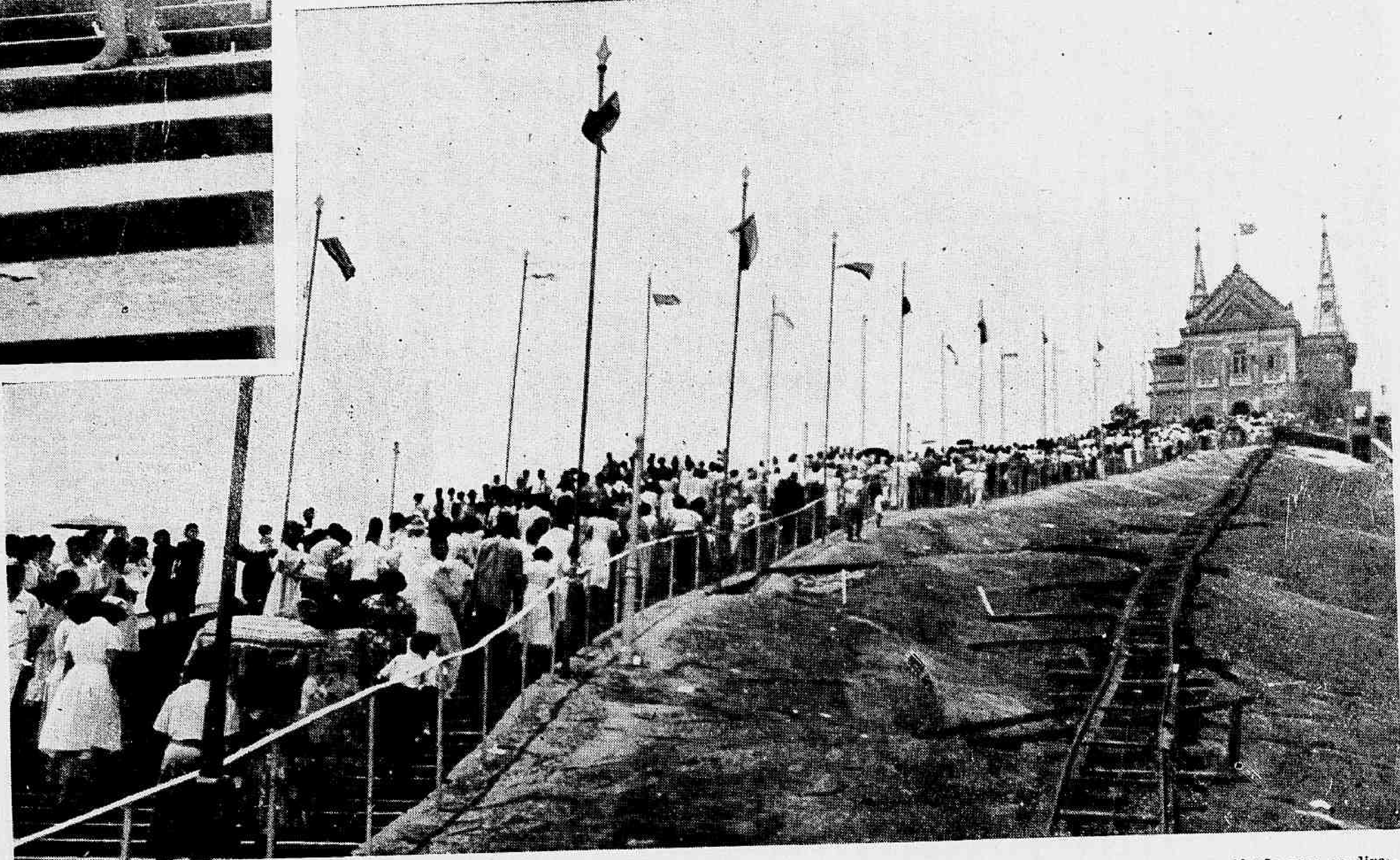
GÔMO DE LARANJA
FATIA DE
REQUEIJÃO
REDONDA
COMO UM TAMANCO
LUNA LUNERA
CASCA VELERA . . .





BALSAMO
QUENTE
DE AMÔR
CONTAMINANDO
CORAÇÕES . . .

. . . MAS
NÃO FOI
POR CAUSA DA LUA
QUE
ELA
VOLTOU SOSINHA . . .



ORA, VIVA A PENHA! — dizem todos os romeiros subindo os 365 degráus do penhasco. E' uma festa com um misto de alegria e tristeza. Pois, entre os que lá vão para se divertir estão os que buscam o milagre para seus males. Durante os 4 domingos de outubro, todos os caminhos levam à Penha. Muitos fazem promessas de subir de joelhos ou descalços.

TODOS SÃO ROMEIROS

NACIONAIS E ESTRANGEIROS... BRANCOS E PRETOS, RICOS E POBRES ★ NÃO HÁ DISTINÇÃO DE CLASSES... MAS HÁ DIFERENÇA DE SORTE ★ ENQUANTO UNS VÃO PARA SE DIVERTIR, OUTROS VÃO EM BUSCA DO MILAGRE PARA OS SEUS MALES ★ E ASSIM É A VIDA... MAS, RECRUDESCE, CONTUDO, A FÉ DO POVO CATÓLICO.

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES
Fotos de WALTER MORGADO

SÔBRE uma penha agreste — só acessível por um dos lados e abaulada pelas chuvas — imponente no seu tamanho enorme, e impressionante no seu aspecto hostil — construiu a piedade de um devoto uma capalinha rústica que, com o tempo, se transformou na **Igreja da Penha**. Hoje ela guarda a tradição de milhões de criaturas que subiram e continuam subindo os 365 degraus que a separam do solo, para ir rogar à sua milagrosa imagem a esmola de um favor, a sua intercessão junto do Altíssimo. Passam-se os dias, os meses, os anos, no seu rolar constante. Morrem uns, nascem outros, e a vida criada por Deus, prossegue imutável na sua essência e limitada pela morte fatal e traiçoeira. Dos que morreram, quantos terão ido pedir e agradecer à Santíssima Virgem as graças conseguidas?! Também os que nasceram lá irão um dia... Irão pedir ou agradecer, para confirmar o que está escrito: — «O homem ajoelha duas vêzes: uma para pedir e outra para agradecer». «E será chamado de ingrato aquêle que, tendo recebido uma graça, não se dignar a agradecê-la».

AS LENDAS

Historiadores sacros, folcloristas e outros estudiosos, há muito vêm procurando desvendar o mistério, ou melhor o milagre que deu motivo ao culto a Nossa Senhora da Penha. Como sempre acontece, em tais casos, surgem muitas versões. A folclorista Mariza Lira, no «Correio da Manhã», conta-nos as seguintes:

«Um caminhante, fugindo aos rigores do sol, procura abrigo entre a sombra copada do arvoredo, que crescia no sopé de uma grande rocha. Tendo adormecido, acorda horrorizado, vendo sair de um brejal um medonho jacaré de fauces escancaradas, pronto a tragá-lo. Num último anseio ergue os olhos para os céus e divisa entre as nuvens a Virgem Maria a sorrir-lhe magnânima. No mesmo instante desce da montanha em coleios ligeiros, uma enorme serpente que, travando lutá com o jacaré, fere-o de morte.

Como que obedecendo a uma ordem sobrenatural, o réptil envereda pela mataria e galga ligeira a pedra lisa até desagarecer no cume do rochedo nu.

O viajante surprêso indaga de si mesmo: — «Quererá êsse animal mostrar o lugar onde deva agradecer à Mãe de Deus, o milagre que me acaba de salvar?». Extasiado, espera um sinal dos céus e logo divisa uma nuvem de brancura fulgurante a esgarçar-se em tôrno do cimo do penhasco.



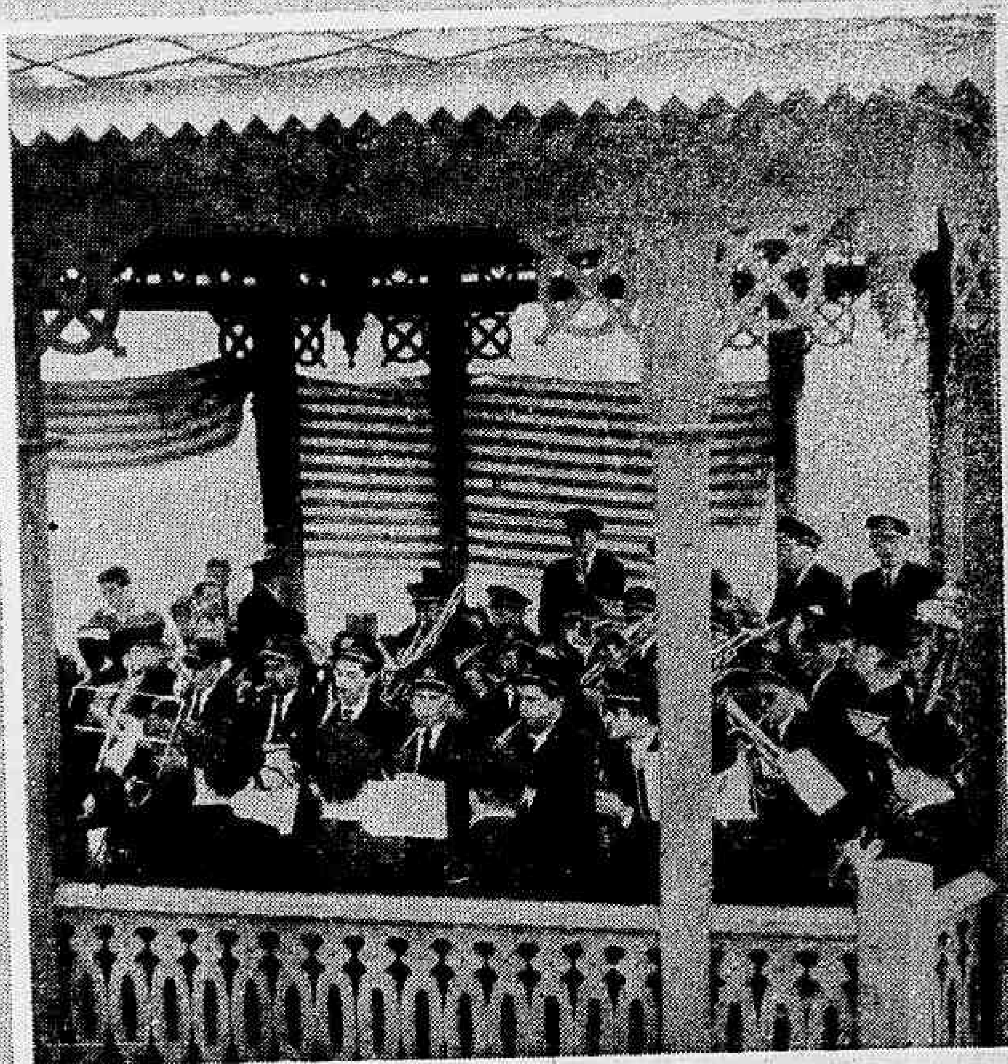
MUITA VEZ a Festa da Penha é apenas um pretexto para um piquenique. Um pouco de vinho é um pedaço de galinha



AS FAMOSAS rôscas da Penha são uma delícia, disse-nos esta bonita mocinha sobraçando um bocado delas.



ÊSTE gaiato luso, no entanto, prefere o seu tradicional bacalhau à portuguêsa e o vinho lá da quinta onde nascera.



APÓS A MISSA os crentes descem as escadas ao som de música.





ÊSTES são do ról dos romeiros alegres. Sentados na grama, comem e bebem ao ar livre. «A vida assim é outra coisa»!

Em vão deu o viajante voltas ao rochedo sem encontrar sítio propício a uma escalada. Prostrou-se contrito e firmou um voto ardente: — «Aqui ficarei até morrer, dando graças ao Senhor dos mundos e a Nossa Senhora».

Assim foi. Construiu com paus do mato e palmas de coqueiro a cabana abrigadora, mais ou menos no lugar onde fica hoje a Casa dos Romeiros, iniciando o culto a Nossa Senhora.

Outras versões mais ou menos interessantes completam o enrêdo da lenda. Uma delas diz:

«Procurara o viajante água pelas redondezas e não encontrara. Sedento, deitou-se e adormeceu. Em sonhos, viu Nossa Senhora que lhe diz haver no alto do monte uma sua imagem, que lá devia ser adorada. Ao romper do dia desperta desesperado de sêde. Entre os arbustos divisa um coelho muito branco. Acompanha-o por um trilho novo e logo adiante encontra um límpido olho d'água fresca, saciando [illegible] de [illegible].

«Continuando a seguir o coelho, que galga a encôsta por lugar acessível, o viajante vai encontrar no alto do penhasco a imagem ainda hoje venerada».

Outra ainda assim nos conta:

«...Tendo o viajante construído uma capelinha rústica, onde venerava uma imagem da Virgem Conceição trazendo Jesus ao colo, despertou, certa manhã, desolado com o desaparecimento da imagem. O dia todo passou em buscas pelas redondezas. Ao escurecer, fatigado, adormeceu e em sonho viu no alto do morro a fulgurar um halo esplêndido, a imagem da Santa. Madrugada, ansioso, subiu a encosta e lá no alto encontrou a imagem. Trouxe-a para a capela em festiva adoração. Êsse acontecimento sobrenatural repetiu-se por mais duas vêzes. Vendo na insistência do milagre um sinal dos céus, com sacrifícios inauditos construiu no alto do rochedo a ermida, que foi mais tarde transformada, tornando-se o belíssimo templo de hoje.

«Do milagre ficou a lembrança fixada num antiquíssimo quadro, existente na sacristia da Misericórdia e nos registros distribuídos pela Irmandade».



Os violeiros anônimos completam a festa com as suas cantigas dolentes. Êstes dois são fadistas portuguêses. Há 20 anos lá vão pontualmente.



Outro grupo de romeiros que posaram para o nosso fotógrafo. Homens, mulheres e crianças, todos querem aparecer na foto.





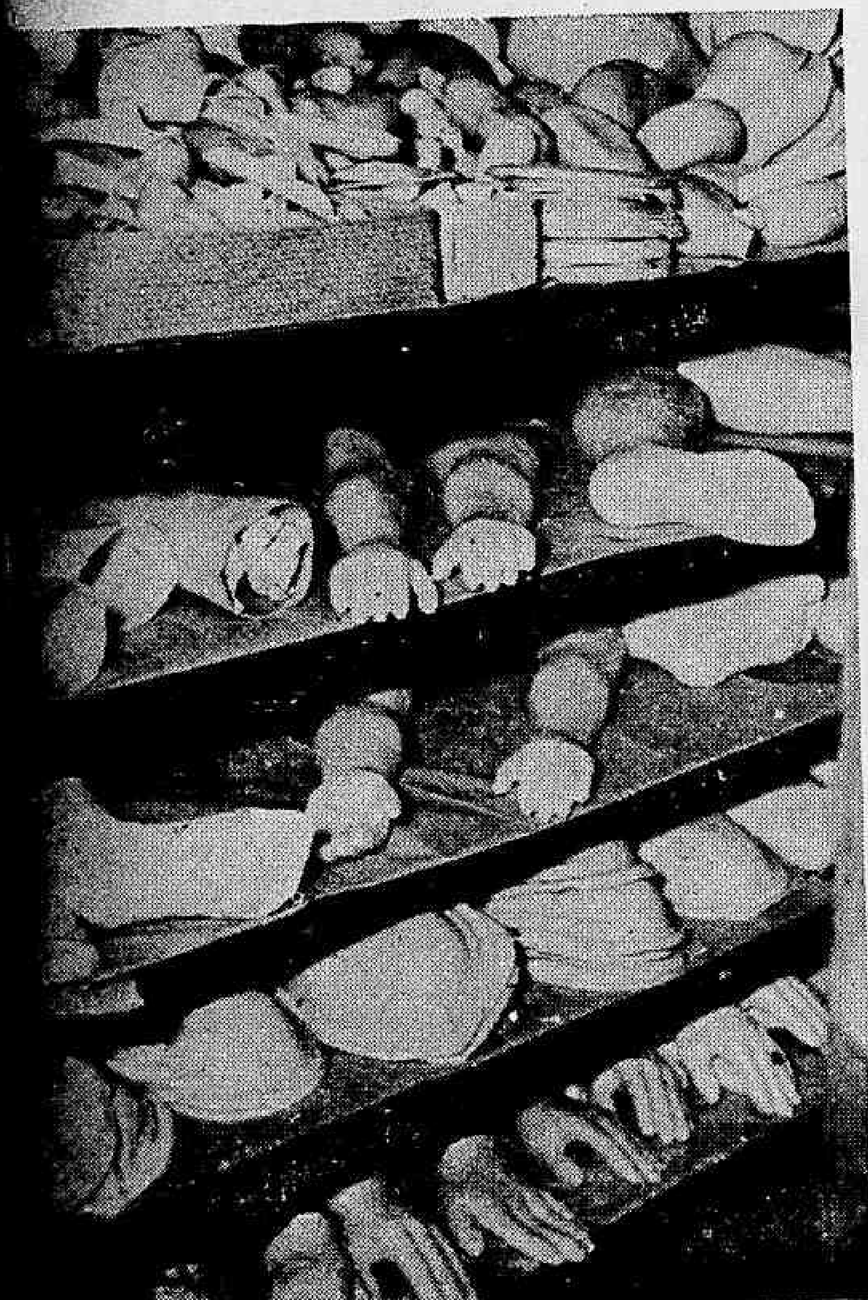
ASSIM É A FESTA DA PENHA: UNS COMPRAM MISSANGAS, OUTROS BEBEM A SUA CERVEJA NO GARGALO DA GARRAFA; MAS HÁ OS QUE PREFEREM DESTRINCHAR UM LEITÃO ASSADO COM FARÓFIA OU SABOREAR UMA MACARRONADA À ITALIANA!







NO SOPÉ da escada da Igreja da Penha, ficam os mendigos. Êste contraste é bem expressivo. Uma linda loura dá esmola a um preto velho. Na «Casa dos Milagres» os



crentes adquirem as chamadas «promessas de cêra». Por vezes crianças sobem as escadas de joelhos.





ESPERTALHÕES há por tôda a parte. E na Festa da Penha êles pululam, explorando a credulidade dos incautos. Muitos dêles são engenhosos como o proprietário dêsse aparêlho que, segundo a propaganda, predisse a vitória de Getúlio Vargas.

A HISTÓRIA

Todavia, segundo informa Monsenhor Alves Rocha, a devoção teve origem em terras de Espanha, no cume de uma montanha chamada «Penha de França» e daí transitou para Portugal.

Vieira Fazenda é quem mais dados nos fornece, atribuindo o início dessa devoção em terras brasileiras, ao capitão lusitano Baltasar de Abreu Cardoso, que possuía imensas terras nas paragens de Irajá. E assim, por sua fervoresa devoção, levantou, em 1635, no tôpo do atual penhasco, uma pequenina ermida, servida por um rústico cáminho, bem mortificante para os que tinham necessidade de o percorrer. E ainda hoje se conserva, na sacristia do Santuário, a primitiva imagem de Nossa Senhora do Rosário, que foi a invocação inicial desta devoção.

Em 1728, foi reformada e aumentada a primitiva ermida; e como o culto da Santíssima Virgem muito se houvesse generalizado, os seus devotos juntaram-se e conseguiram de quem de direito, a instituição da Irmandade que hoje dirige os destinos daquele benemérito Sodalício, que é um dos que maior número de fiéis reune em tôrno das graças e do amor que a Mãe de Deus consagra a êste Brasil tão profundamente católico, que até na sua gloriosa bandeira é o Cruzeiro do Sul o melhor ornamento, a confissão internacional da sua fé.

★

A Irmandade de Nossa Senhora da Penha deve muito ao benemérito monsenhor Alves da Rocha, que fôra o seu capelão por mais de 30 anos. A sua ação dentro da Penha se deve, entre muitos outros melhoramentos, a reforma do altar-mór, a aquisição do histórico carrilhão, a construção do magestoso e higiênico batistério, o levantamento da capela do Sagrado Coração de Jesus e a aquisição da respectiva imagem de fina e artística escultura, e o altar e devoção à Santa Teresinha.

E quanto ao terreno espiritual: — as aulas de catecismo tôdas as quartas-feiras e sábados; missa diàriamente; explicação do Evangelho todos os domingos; festividades de Nossa Senhora da Penha e do Mártir S. Sebastião e respectivas novenas, cujos hinos, aprovados e vulgarizados, são da sua autoria; primeira comunhão anual, renovação e comunhão pascal.

Do seu amor à instituição basta dizer que a escola da Irmandade, comportando 60 anos, foi desdobrada, por sua iniciativa, em dois grandes colégios para cada um dos sexos, podendo hoje orgulhar-se de educar e instruir gratuitamtnee 500 alunos pobres, órfãos principalmente, cujo dispêndio excede a 120 mil cruzeiros anuais. E não é só. A atividade de monsenhor Alves da Rocha, dentro dos domínios da Comunidade, vai muito mais longe em realizações — bastando citar o fato, entre todos notável, de ter sido a sua cooperação a que mais contribuiu para transformar em realidade a ciação da Paróquia do Bom Jesús da Penha — conforme os desejos, muitas vêzes manifestados, de S. Eminência o sr. Cardeal.

Por todos êsses esforços e empreendimentos, a Irmandade desejando dar público testemunho ao seu grande e eficaz cooperador, o nomeou definitivamente inspetor dos seus colégios, tendo-lhe sido passado o respectivo título. E, com grande solenidade e simpatia geral, fêz colocar na galeria dos beneméritos o retrato do seu zeloso capelão e Grande Benfeitor.

O Govêrno de Portugal, ou melhor, de sua Pátria, ciente de tudo isto, e tendo em alto aprêço a conduta e a ação de Monsenhor Alves da Rocha, no Rio de Janeiro, onde, incontestàvelmente, multas centenas de patricios lhe devem amparo e colocação, agraciou-o com o grau de Oficial da Ordem Militar de Cristo. A seguir, por ocasião da visita que o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, fêz ao Brasil, no ano de 1934, a convite do Govêrno brasileiro, monsenhor Rocha foi designado por Sua Eminência, o cardeal D. Sebastião Leme, para fazer parte



«A FÉ REMOVE montanhas»... e alenta a vida. Homens simples, gente do povo, nêsses dias festivos, põem os seus melhores ternos e vão assistir à Santa Missa na Igreja da Penha. Vela numa das mãos, chapéu na outra, pisando firme, sobem os 365 degráus. Para chegarem à Penha usam de todos os meios de transporte, inclusive automóveis e caminhões.

da Comissão de Recepção nas festas promovidas em honra do ilustre visitante; e de tal forma contribuiu para o brilhantismo e elevação dessas festas, que o Govêrno brasileiro o agraciou com o grau de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro do Sul.

Em 1936, Sua Santidade, Pio XI, por relevantes serviços prestados à Igreja no Brasil, agraciou-o com o grau de «Camareiro Secreto» e pelas mesmas razões, em 1940, Pio XII promoveu-o a «Seu Prelado Doméstico» — título êste que corresponde à designação de Monsenhor.

Finalmente, também no ano de 1940 — o Govêrno português, apesar de já o haver agraciado, como ficou dito, resolveu distingui-lo mais uma vez, nomeando-o Comendador da Ordem da Benemerência — pelos relevantes serviços prestados às duas Pátrias irmãs.

A FESTA DA PENHA

«Durante longos anos — volta a explicar Mariza Lira — foi tambmém capelão da Penha o padre Ricardo a quem se deve a edificação da ponte no pôrto de Maria Angu, hoje desaparecida, onde atracavam as barcas que traziam os romeiros que vinham por mar. E' fato verídico que o padre Ricardo subia sempre o penhasco, para ir celebrar a missa, montado comodamente num burro. Não se pode pois taxar de desrespeito, o fato de um tal Camarinha ter subido as escadas a cavalo.

As romarias à Penha têm a tradição bem radicada na vida carioca. As transformações sociais, o progredir da cidade, modificaram-lhe o aspecto, mas não lhe diminuiram o esplendor. A princípio essas romarias de elementos lusitanos, quase que exclusivamente, eram feitas em carros de bois, de burro, a pé, em penosa peregrinação atenuada pelo ardor da alegria que reinava pelos caminhos. Caros enfeitados com colchas e flores, carroças e carroções com toldos de esteiras, cheios de romeiros, conduzindo odores, chifres, garrafões cheios de vinho tinto, sugados de mo-

(Cont. na pág. 53)





O BAILE -- Estão todas ansiosas por saber de quem será a primeira contradança!



FIM DE UM NOIVADO

CONTO DE CELSO B. RAMOS ★ ILUSTROU OSWALDO DA CUNHA

LEMBRO-ME bem: O meu amigo havia desfeito o seu noivado na semana da realização do casamento, com surprêsa geral, por motivos íntimos e desconhecidos.

Êle — rapagão forte, simpático, jovial e expansivo. Não era rico, tendo, contudo, a ventura de possuir uma educação primorosa, preparo sólido, coração bem-formado e caráter nobre. Desfrutava posição definida. Sendo detentor de uma inteligência lúcida, a sua palestra versada sôbre qualquer assunto, bordada de espírito refinado e bom-humor, seduzia pela sua verve eloquente. Temperamento arrebatado de idealista, transportava quem o ouvia nos vôos sublimes do seu entusiasmo, sempre a serviço das causas justas. Sincero, prestimoso e insinuante, grangeava com facilidade a amizade de todos.

Ela — jovem, requintadamente prendada, viajada, dominando seis idiomas, pintava com mérito, inculcando um cunho característico de originalidade, que só os verdadeiros artistas sabem imprimir às suas concepções. Tocava piano com aprimorada técnica e sentimento, interpretando com desenvoltura os clássicos. Bordava com perfeição, costurava com apurado gôsto, sendo exímia na arte culinária. Meiga, carinhosa e cordata, jamais contrariava o seu querido noivo, a quem se dedicava com amor e de quem um simples desejo tinha a fôrça de um Mandamento Sagrado. Paciente, tolerante e de uma bondade inata, tinha esta espontaneidade rara que cativa. Bonita, esbelta, porte majestoso e, sobretudo, possuidora de graciosa simpatia que lhe emoldurava a personalidade, numa auréola de atração envolvente. Apesar de riquíssima, era destituída do orgulho ridículo peculiar aos abastados.

★

Certa vez, fazia eu uma ligeira refeição, à noite, na Cinelândia, quando alguém em minhas costas, batendo-me de leve ao ombro, diz:

— Boa-noite, dá-me licença?

— Boa-noite, pois não, sente-se e queira servir-se.

— Obrigado, já fiz o mesmo ali, naquela mesa defronte, desejo apenas bom-apetite e palestrar.

— Então conversemos. Como vai você? Que me conta?

— Passo bem de saúde, entretanto sempre preocupado com certo caso em minha vida, objeto da minha tristeza e do meu sofrimento.

— Trata-se efetivamente de um caso delicado e íntimo, causa das suas atribulações?

— Sim. Isto mesmo.

— Que é que há? Mágoa, desgôsto, desilusão?

— Tudo isto e mais alguma coisa, que você não disse e nem eu posso dizer, porque as palavras são exíguas para exprimirem o profundo sentimento que me dilacera a alma, causado pelo rompimento do meu noivado, cujas consequências foram tremendas, desastrosas.

— Tive notícias; à propósito, a iniciativa foi sua, ou dela?

— Minha.

— Naturalmente constrangido pelo procedimento dela, ou por fortes injunções surgidas, criando a incompatibilidade. Sendo assim fêz bem cortar o mal pela raiz e o que está feito é um fato consumado. Urge reagir com firmeza, recalcando o sentimentalismo. Caso encontre dificuldade, trate imediatamente de substituí-la por outra. E' preciso fôrça-de-vontade e domínio, numa ação decisiva. As mulheres, meu caro, são como as ondas do mar, a rolar na praia da nossa vida. Aquela que nos está envolvendo fragorosamente com o seu amor tumultuoso e com a carícia enleante do seu contacto, esta é, certamente a preferida. Mas, desde que ela passe e se vá, cumprindo o ciclo normal do seu destino, resta-nos apenas a sua recordação e saudade, que logo serão desvanecidas pela chegada de uma outra, numa sucessão ininterrupta, a segunda diluindo a lembrança da primeira, numa compensação renovada e justa, porque enfim, amar é variar.

— Agradeço as suas palavras cheias de consôlo, floridas de bela imagem e inspirada comparação, que denotam a generosidade das suas intenções. Permita-me relatar todo o ocorrido fielmente e depois gostaria que você externasse a sua opinião imparcial, sôbre a minha atuação neste caso compungente.

— Certamente. Todavia, desejo esclarecer antes, o meu conceito concernente ao sofrimento oriundo do amor: Penso que o sofrimento é o sêlo indelével do amor, que o sublima e o enaltece. Quanto mais se sofrer para amar, tanto mais se ama sofrendo. Os percalços e tormentos, servem-lhe de estímulo. E' através do sofrimento que o amor se nutre, desenvolve e robustece.

— Concordo, mas não é êste o caso. Vamos ao fato:

★

Marcado que foi, com razoável antecedência, o dia do casamento, que seria num sábado, atingimos finalmente a semana da sua realização, estando tudo providenciado, nada faltando. Estávamos na última têrça-feira, dia da chegada do Norte da minha família, especialmente convidada para assistir e paraninfar as solenidades. Fomos recebê-la. Em seguida rumamos com destino à residência da minha ex-noiva, onde almoçaríamos todos, conforme fôra prèviamente combinado, o que foi feito com hospitalidade e fidalguia inexcedíveis, quando os anfitriões nos cumularam de gentilezas. Após servido o lauto almôço, dirigimo-nos para o salão de estar, onde aguardaríamos o licor final, em cordial palestra. Conversávamos animadamente, estando eu exultante por notar o bom-entendimento e a simpatia compreensiva que existiam entre todos, dando ao ambiente uma atmosfera sadia de confiança, alegria e intimidade familial, que encantava. Exibiam-se agora as finíssimas peças de um principesco enxoval, onde vaporosas cambraias, sêdas ondulantes, rendas custosas, bordados e fitas de tôdas as procedências e matizes, emprestavam a tonalidade viva da côr, àquela reunião festiva e íntima. Nós homens, passamos a formar um grupinho à parte, onde assuntos palpitantes, de atualidade, eram debatidos com discernimento. Em dado momento, o meu ex-futuro sôgro se dirigiu a mim, dizendo que não desejava interferir no meu noivado, para não prejudicá-lo, de vez que testemunhava a imensa afeição que nos unia e que um era o complemento exato do outro. Mas que sendo pai, era compelido a desempenhar o seu papel, cumprindo o seu dever de zelar, amparar e defender os interêsses e a felicidade futura da sua filha que, de resto, seria a minha própria. E como já se avizinhava de perto a realização do casamento, tornava-se inadiável abordar o assunto magno, o que fazia contrafeito. Antes, porém, dirigia-me um substancial apêlo, através do qual invocava todo o amor que eu dedicava à sua filha, sendo em nome dêste, que me pedia encarecidamente, que eu concordasse em satisfazer três condições que formulava, onde se condensavam tôda a garantia e segurança da nossa felicidade comum, pelo que contava com a minha boa-vontade. Prosseguiu aduzindo que sendo a sua filha dona de considerável fortuna própria, de raiz, o seu marido, necessàriamente, teria de administrá-la, como seu legítimo dono, de fato e de direito, pôsto que só consentiria no casamento, caso o contrato conjugal fôsse lavrado no regime de comunhão de bens, ficando assim antecipadamente afastada qualquer tentativa do recurso da separação dos mesmos. Nestas circunstâncias, a minha árdua profissão me absorvendo literalmente o tempo, entraria em flagrante conflito colidindo com a administração dos bens, que não sendo complexa nem afanosa, exigia contudo dedicação, zêlo e, principalmente, tempo suficiente, sem o que se tornaria inexequível, surgindo a chocante incompatibilidade entre ambos. E de como não seria justo que se malbaratasse pelo abandono estulto, um patrimônio secular e tradicional, acumulado pelos esforços continuados e construtivos de várias gerações sucessivas, ou se dilapidasse pela incúria malsã, o produto do trabalho objetivo e honesto dos seus maiores, que seria um atentado de lesa-gratidão às suas saudosas memórias, impunha-se imperativamente o meu pedido de demissão, sendo esta a primeira das condições.

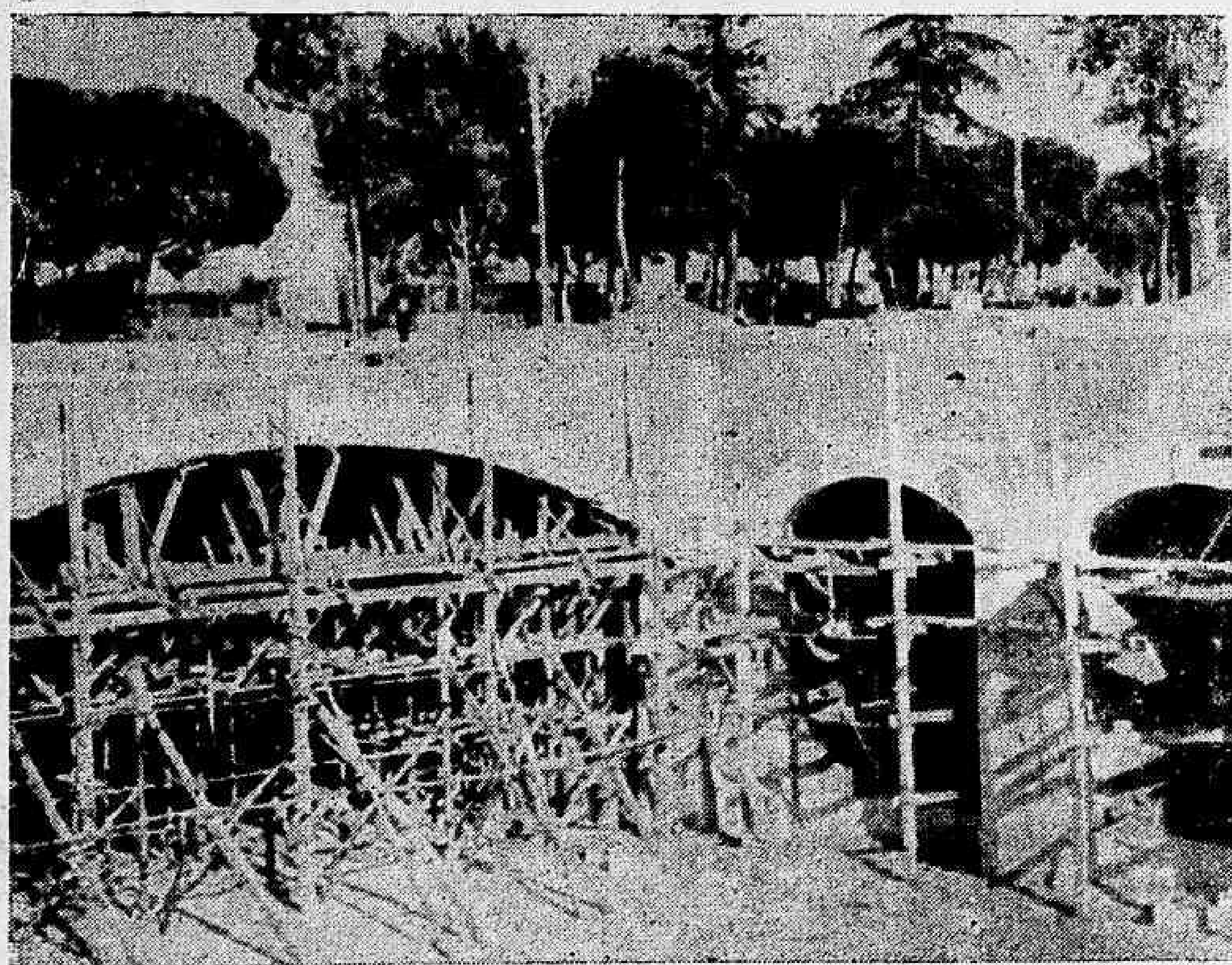
A segunda constava da minha promessa formal de não ausentar-me do Rio de Janeiro, salvo caso excepcional, de fôrça-maior e transitório, regressando logo que cessasse o

(*Cont. na pág. 53*)



A Espanha sempre foi uma terra de espírito religioso, e são numerosos os apóstolos que saíram de seus cláustros. Aqui vemos alguns monges de San Lorenzo do Escurial.

ESPANHA DE HOJE - A MESMA DE SEMPRE-II



Madri, uma das mais belas capitais da Europa, procura acompanhar o progresso do mundo.

AS REGIÕES MARAVILHOSAS DO SUL DO PAÍS ★ NA PONTA DA EUROPA... ★ SANTANDER, A CIDADE QUE TEM UMA HISTÓRIA... ★ IRUM, A TERRA DO CONTRABANDO ★ ESPANHOIS QUE NÃO ENTENDEM ESPANHOIS ★ O MAIS IMPORTANTE MOSTEIRO DO PAÍS.

(Exclusividade da IPA — REVISTA DA SEMANA)

O sul da Espanha é uma região maravilhosa! Algésiras, por exemplo, é a cidade mais meridional, pequeno pôrto, quando comparada a Gibraltar e Tanger. Chega-se a Gibraltar a pé ou de taxi, passando por La Medina. Vai-se a Tanger, ao lado africano do mar, a três horas de navio.

Algésiras é uma pequena cidade, bastante pobre, que vive do contrabando. Tem algo já de africano. Faz calôr durante o ano inteiro. A polícia dorme. Neste lugar insignificante, pequeno porto de pesca, há um palácio enorme, um dos mais belos hotéis da Espanha, o «Maria Cristina», que é algo de inesperado. Mas, há uma explicação: é em Algésiras que se aguarda para deixar a Europa: é onde se espera um navio, um barco, um «visto». E' a ponta da Europa! Durante a guerra, este palácio esteve sempre cheio, e muitos de seus hóspedes atravessaram o jardim, à noite, tomando o caminho do mar, lançando-se às águas, ou por não poderem

mais esperar a partida, ou por não não terem mais com o que pagar o luxuoso hotel, que em tempos normais, sua clientela se compõe dos viajantes para Tanger, que perdem o navio. E, por extraordinário que pareça, êles sempre o perdem, pois o expresso de Madrid faz durante a noite pequenas paradas tão incompreensíveis quanto prolongadas, em plena campina aberta, e em vez de chegar a Algésiras a uma hora, chega às três.

O navio acaba de sair. Mas como só há navio três vezes por semana, o taxi do «Maria Cristina» já está à espera de seus hóspedes forçados. Há ainda uma outra solução para os mais apressados: procurar o cônsul inglês e tentar arranjar um «visto» de passagem por Gibraltar, o que só conseguirão por um milagre, e tomar um avião para Tanger, o que raramente há. Isso, entretanto não evita que se passe uma noite em Algésiras, onde os pequenos hotéis, cheios de persevejo, não atraem os viajantes.

NA OUTRA EXTREMIDADE OUTRAS PARTICULARIDADES

Irun, na fronteira francesa é também a terra do contrabando. Aqui se sabe logo que não se está mais na França, mas não parece que se tenha penetrado inteiramente na Espanha. E' o país dos bascos. Fala-se basco, língua absolutamente incompreensivel, tanto para franceses como para espanhóis, e cuja única semelhança não está nem em inglês, alemão, árabe, mas sim no húngaro e no japonês, e isso mesmo, de maneira muito vaga. País que escapa a todo e qualquer contrôle, onde as casas são construidas em estilo especial e os habitantes têm costumes e alimentação muito particular.

A Espanha é um país de curas. A Igreja tem muita força, exercendo influência nos negócios do Estado. Os padres são freqüentemente ministros e os conventos são numerosos. O mais importante é o Mosteiro de San Lorenzo do Escorial. Lá foram sepultados todos os reis de Espanha. Os monges saem de lá mui raramente, e mesmo assim nunca sòzinhos.

A CIDADE QUE TEM UMA HISTÓRIA

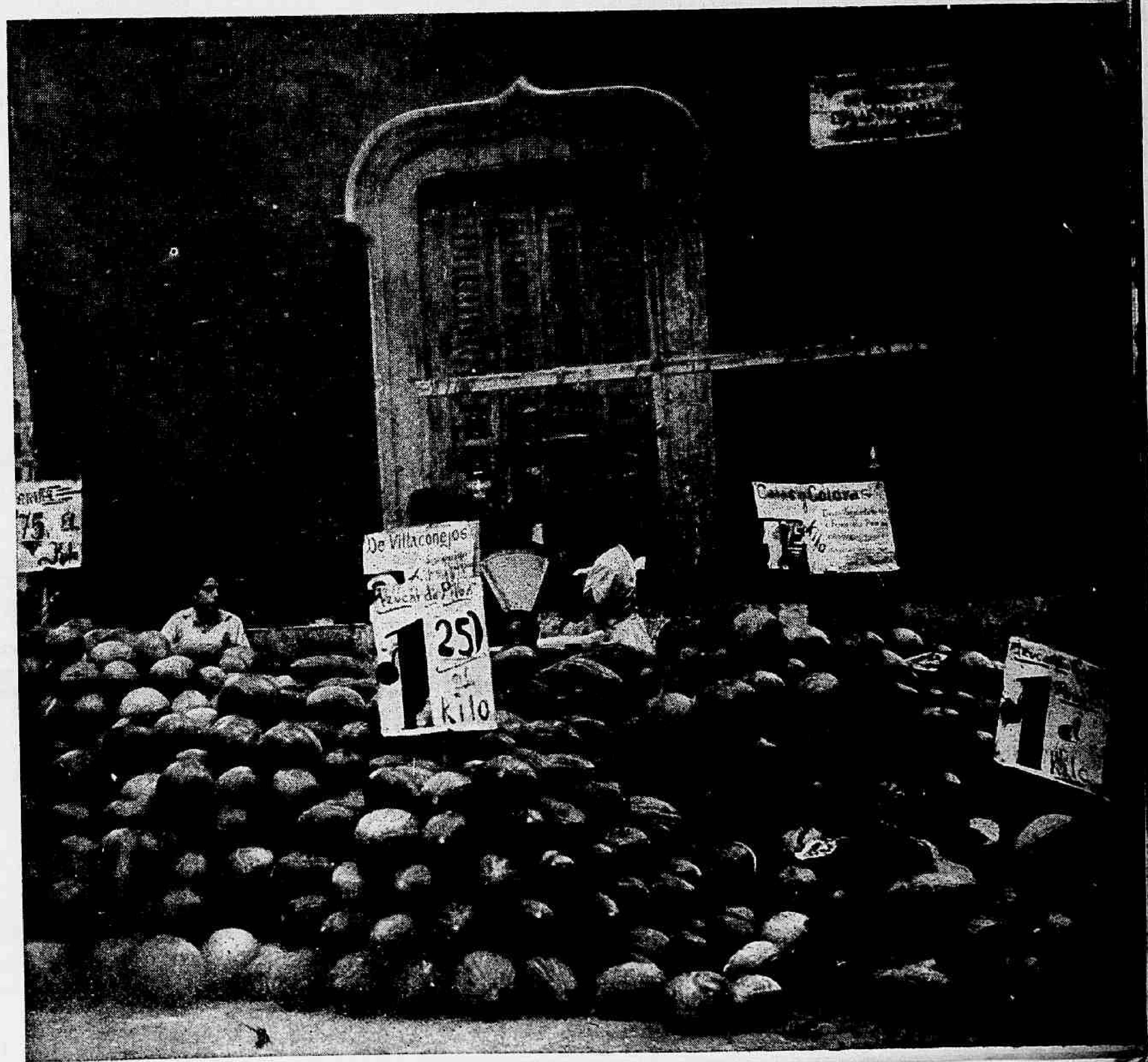
Santander, por sua vez, é uma cidade que tem uma história: Numa noite de tempestade, em 1943, um incêndio tomou proporções medonhas, sendo que três quartos da cidade foi queimada em apenas duas horas. Embora reconstruida, em muitos lugares da cidade, pode-se observar até hoje o limite do fogo, com uma nitidez incrivel... de cêrca de um metro. Certos muros indicam mesmo o lugar de antigas casas que foram substituidas por construções provisórias. Certas ruas ficaram queimadas apenas de um lado.

Está-se reconstruindo na Espanha. Fala-se muito na futura auto-estrada que ligará bréve Madri ao seu aeroporto. Quando se passar por ela, levará apenas sete minutos de automovel para percorrer o trajeto. Esta estrada serviria, ao mesmo tempo, os estúdios cinematográficos de Madri. Também se reconstroem pontes demolidas ou danificadas, principalmente na zona da capital.

Madri vai se assemelhar, em vinte anos, a uma pequena Nova York, onde se poderá viver mesmo com as tradições milenares...



Ao fundo, o famoso rochedo de Gibraltar, sentinela da entrada para o Mediterrâneo e saida para o Atlântico, numa foto tirada do Hotel Maria Cristina, em Algesiras. A fotografia abaixo, representa uma das cenas mais comuns em ruas de Madrid: o mercado livre de melancias e melões saborosos.



A VIDA DE ISADORA DUNCAN

1878—1927

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

"QUALQUER mulher que escrevesse a verdade sôbre a sua vida, escreveria um grande livro". Mas que mulher já escreveu a verdade sôbre a sua vida? Nenhum Walt Whitman ou Rousseau feminino nos deu até agora suas *Confissões*. "Porque tôdas as mulheres deixam estranhamente em silêncio os grandes momentos de alegria ou angústia". Mas quem sabe se nós não temos uma só verdade e uma só vida, e sim múltiplas visões que nos povoam a cabeça e o coração? "O que existe é a visão que os nossos amigos têm de nós; a visão que temos de nós mesmos; e a visão que aquêle que nos ama tem de nós". Não há uma personalidade simples, singular. "Onde posso encontrar a mulher que eu fui em tôdas as minhas aventuras? Parace-me que não houve uma, mas centenas; e a minha alma, pairando no alto, realmente não foi afetada por nenhuma delas".

Isadora nasceu em San Francisco, cidade à beira-mar, onde recebeu do ritmo das ondas suas primeiras inspirações para o movimento da dança... e sua primeira tentação para se rebelar contra um mundo que permitia a blasfêmia dos cortiços junto à liberdade do mar.

A familia de Isadora era pobre. Sua mãe era uma professôra de música, uma católica irlandesa que se tornara descrente e começara a ler Bob Ingersoll quando seu marido se lhe mostrara infiel e originara um divórcio. Era uma mãe com a alma cheia de beleza esmagada por um mundo de hipocrisia. Seus quatro filhinhos já eram rebeldes antes mesmo de compreenderem a significação da palavra *rebeldia*.

Isadora era uma rude e rija pirralha. Quando frequentava a escola secundária já era sabida demais para a sua idade. A praia foi o cenário dos seus contos de fadas; os estivadores incultos e praguejadores foram os seus principes encantados. Sua franqueza dava uma agradável impressão. Um dia, a professôra pediu às alunas que fizessem uma redação tomando por assunto suas vidas; foi um alvorôço na aula quando Isadora se levantou para ler *sua* composição:

"Quando eu tinha cinco anos nós morávamos numa casinha na Rua 23. Não pagando o aluguel, não podiamos ficar nela, e nos mudamos para a Rua 17, e dentro em pouco, como as nossas posses escassearam, o proprietário estrilou, de maneira que nos mudamos para a Rua 22, onde não nos deixaram viver tranquilamente, e então nos mudamos para a Rua 10".

Mas havia um lindo sonho que preservava a menina de uma queda. Isadora Duncan era uma dançarina. Como sabia dançar! Quando tinha apenas seis anos, reunia as crianças da vizinhança que ainda eram muito pequenas para caminhar, e sentando-as no chão as ensinava a ondular os braços. Quando mais crescida, os pais mandavam suas filhas para a "escola de dança" dela; e o negócio se tornou tão proveitoso, que ela achou que podia muito bem deixar a escola, "a qual não é mais que um desperdicio de tempo, já que eu posso fazer dinheiro".

Que espantoso conglomerado de estranhas disposições de espirito e de caprichos os anjos haviam juntado e chamado Isadora. Um dia sua mãe a levou a um professor de bailado para receber lições de dança. Quando êle disse que ela ficasse na ponta dos pés, Isadora perguntou:

— Por quê?

— Porque é bonito — respondeu êle.

— Não, é feio e contrário à natureza!

Disse isso e saiu para nunca mais voltar.

Buliçosa como um selvagem, e misteriosa como uma sereia que residisse no fundo do mar, naquele mar que se estendia de Frisco "até o fim do mundo". Mal atingira a adolescência quando incitou sua mãe a encaminhá-la numa carreira. Juntando todo o dinheiro de que podia dispor, a mãe de Isadora comprou uma passagem de trem para Chicago, "a cidade dos teatros". Isadora compareceu ante os empresários e dançou envôlta numa túnica grega. Mas os empresários menearam as cabeças. Que espécie de dança era aquela, afinal de contas? Um dêles, entretanto, diretor do Templo Maçônico Jardim Suspenso, ficou um tanto impressionado. Andava à procura de um número de dança "com saias, peitilhos, e pernas levantadas... Bem que podia apresentar aquêle troço grego primeiro, e depois passar para os peitilhos e as pernas levantadas; havia de ser uma mudança que atrairia a atenção."

E assim Isadora conseguiu seu primeiro contrato, começo de uma jornada de vida rotineira, de busca frustrada, de esperança, de fome e de desespêro. Se ao menos alguém a deixasse dançar a *seu* modo!

— Por favor, Mr. Wiggins, por favor, Mr. Smithens, por favor, Mr. Daly. Não é bem uma dança diferente... Tenho uma grande idéia a lhe apresentar.

Entrou de escritório em escritório, com seu narizinho irlandês arrebitado em riste. A dança dela não era bem uma dança comum. "Descobri a dança. Descobri a arte que se perdeu durante dois mil anos. O senhor é um grande empresário teatral, mas falta no seu programa uma coisa que fêz a grandeza do velho teatro grego, e essa coisa é a arte da dança, o côro trágico...



ISADORA DUNCAN

Trago-lhe a idéia que vai revolucionar tôda a nossa época...

Tôda a nossa época, Mr. Jones, nem mais nem menos!... Visitou cidade por cidade, enfrentou empresários após empresários, ano após ano, sorriso após sorriso de incredulidade. "Mostrarei o caminho até que tôda a América dance à música dos cânticos de Walt Whitman; com milhões de americanos de mãos dadas..."

Os empresários mascavam os charutos e meneavam a cabeça. De quando em quando ela recebia uma resposta evasiva:

— Bem, tenho um pequeno papel numa pantomima que levarei à cena em Nova York, em outubro...

E, um dia, a catástrofe. O hotel em que ela e sua mãe depositavam seus pertences incendiou-se completamente. Nem uma simples maleta escapou.

Achava-se agora numa situação bem semelhante à dos seus antepassados desbravadores do Oeste, os Duncans que tinham cruzado as planicies num carro. Nada que os detivesse em casa, e uma visão a lhes acenar para que a seguissem. Isadora reservou passagem num navio de transporte de gado que partia do Novo para o Velho Mundo. E para os seus amigos que a olhavam espantados, ela dirigiu estas palavras:

— Marcho rumo ao triunfo.

II

A principio, Londres lhe deu pouco de comer e não muito lugar onde dormir. Mas havia a National Gallery onde ela podia regalar os olhos. Durante dias contemplou a *Vênus e Adônis* de Correggio, mastigando pãezinhos baratos e observando os "movimentos" criadores dos artistas. Seu irmão Raymond, um magro asceta envôlto tanto na erudição como nas roupagens da antiga Grécia, viera com ela para Londres, ansioso por compartilhar com a irmã suas experiências e seus sonhos. Ambos iam dar um giro pelo mundo passado de um periodo de dois mil anos, retrocedendo ao reino da beleza pagã, quando os deuses não estavam lá em cima cortejando os mortais, e os mortais não compreendiam cá embaixo o amor dos deuses. Quem eram aquêles dois americanos: uma dupla de lunáticos a viver fora de época? Raymond detinha a gente que vinha chorar seus mortos no cemitério de Chelsea e lhe falava sôbre a filosofia da alma, de Platão. E Isadora procurava ensinar à mesma gente que a vida não era um desfile solene, mas uma dança.

Passado algum tempo, Isadora recebeu convites para dançar com sua túnica grega em jantares e reuniões ao ar-livre. Os artistas e atores presentes a essas reuniões afirmavam que a Vitória Alada da Samotrácia retornara à vida. Um jovem poeta escocês renegou seu Keats e se ajoelhou aos pés dela. E declarou que nunca em sua vida fôra invadido por tal beleza.

— De que parte do mundo vem? — perguntou êle.

— Da lua — respondeu ela.

Isadora dirigiu-se a Paris com Raymond. Levantava-se cedo e dançava nos Jardins do Luxemburgo, enquanto Raymond fazia esboços dos vasos gregos do Louvre. Às vêzes ela ficava imóvel no seu estúdio durante horas, esperando a alvorada para despertar com ela, procurando aquêle primeiro gesto de onde brotaria uma série de movimentos de dança, empenhando-se em penetrar "a unidade da qual se origina tôda a diversidade de movimentos". O segrêdo da dança é o segrêdo da própria vida. "Para as minhas danças estudo os movimentos da natureza... Li que os elefantes dançam erguendo suas trombas ao luar. Os bruscos meneios dos leões e dos tigres chegaram a se associar no meu espirito com as agitações de cabeça das Bacantes... Existe coisa mais linda ou maravilhosa na natureza do que os delicados movimentos amorosos das plantas? Tudo são expressões do amor da dança que perpassa na vida."

Nada de dançar mecânicamente como um titere, de ser como dançarina uma brilhante boneca de engonço, uma artista de exercicios de ginástica. Era preciso pôr fim àquele absurdo do arabêsco e do grotesco. Isadora libertaria o corpo humano, apresentaria o evangelho de uma nova religião, revelaria o segrêdo do renascimento da vida à prosaica monotonia do mundo. Dominada por êsse sonho, dirigiu-se a Berlim, a Viena. "Descobri que o segrêdo da perpétua juventude está na dança. Sigam-me, e ninguém jamais tornará a morrer".

Vai para Budapest, onde as melodias ciganas vibram no próprio vento. Dança a Bacanal coberta de rosas vermelhas, e os espectadores atiram os chapéus para o ar e gritam "Eljen!". Em Munich os estudantes agarram-lhe a carruagem e a levam para uma taberna, onde Isadora dança de mesa em mesa entre caudais de vinho. E êles entoam um cântico, entusiasmo de um mundo interior, que aflui com a aurora: "Isadora, você transformou nossa vida num sonho mágico!" Rasgam o xale dela em pedaços, com os quais ornam os chapéus enquanto caminham pelas ruas.

Então essa jovem deusa vestida com uma túnica entra na mansão de Vênus. Em Bayreuth, não longe do deus adormecido que encantou o mar com seu tritão a celebrar sua agonia em música, dançou a Bacanal de Tannhäuser num frenesi. Mas nem sempre Vênus é dominada por Dioniso. Muitas vêzes Isadora está sob o fascinio de Apolo, e seus pasos são castos e serenos. Quando dança de pés descalços, com suas vestes folgadas e esvoaçantes, com seus xales azuis e seus mantos brancos, cada expressão sua parece uma estátua viva feita de lua. Sua dança, seu próprio caminhar é "tão divinamente lindo, que arranca lagrimas dos olhos". Os que repararem bem nela sabem que a sua arte não é uma paixão, mas uma religião; uma consagração digna de se situar entre os quadros de Leonardo, a música de Beethoven, e as mais belas ações dos santos e dos heróis da humanidade.

III

Após beber um copo transbordante de Tokai, enquanto a fumaça de um café de Budapeste se espalhava de envôlta com as notas de uma canção cigana, Isadora mergulhou seu olhar no olhar do seu primeiro amante. No estúdio dos poemas em mármore de Rodin, ela conhecera certa vez a paixão dos homens. E despertava a paixão dêles em tôdas as cidades do continente, abrindo caminho nos corações com

(Cont. na pág. 50)

"MAILLOTS" DE HOLLYWOOD



COM a vinda dos dias quentes, as praias se enchem e aparecem os primeiros modelos de «maillots». Hollywood é quem primeiro dita a moda em roupas de banho. Em cima, ANN BAXTER e COLEEN GRAY da Fox, com dois sugestivos modelos em cetim lastex; em baixo, JUNE HAVER e novamente ANN BAXTER desta vêz em dois modelos exóticos e de grande efeito; por fim, temos novamente a morena ANN BAXTER com um audacioso e sugestivo modêlo em lastex estampado em cores vivas.





A AMADA IMOVEL

ACABA de ser filmada na Argentina, sob o título «La Amada Inmóvil, a biografia do poeta Amado Nervo, um dos nomes não só do México mas das letras hispano-americanas mais amados no Brasil.

A propósito, procuramos conhecer o livro de Nervo de que foi tomado o título do filme, pois «La Amada Inmóvil» é o título da — «ENCONTRADA en el camiño de la vida el 31 de agosto de 1901 — PERDIDA — para siempre? el 7 de enero de 1912» — como está na dedicatória.

O prefácio dêste livro de amor de tão emocionantes acentos, dedicado à amada imóvel e imortal, recapitula, não apenas a história dêsse romance de incansável ternura vivido pelo poeta, mas o drama do amante, exacerbado pela dôr, em luta desesperada contra o mistério do Além.

Amado Nervo, desde o título tão expressivo e confrangedor de seu poema, discute com o irremediavel. A bem amada não morreu: está apenas imóvel. Depois, na dedicatória, êle a considera perdida mas não quer acreditar que o seja para sempre. Em pouco, está no caminho da sobrevivência e do espiritualismo. Indaga. Bate a todas as portas. Desanimado pelas teorias metafísicas e não achando consôlo nas religiões — encontra nos poetas, em alguns pensadores, palavras de confôrto, pensamentos afins. Mas apenas isso. Tem, então, que buscar em si mesmo a sua certeza, aquela certeza certa de que sua alma ferida e sua carne sangrando — necessitam para viver, para viver sofrendo — porque final êle, como o «Pequeno Mendigo», de Murilo, quer expôr ao sól os seus andrajos, a alma dilacerada, em frangalhos.

Êste é, por certo, um dos mais dolorosos poemas de amor de todos os tempos, canto de paixão e de angústia junto ao túmulo da amada imóvel. Outros cantaram a indiferença, o perjúrio, o abandono, a volubilidade da mulher, alguns choraram mesmo a morte das amantes extintas, e Ravel dedicou uma pavana a uma linda infanta defunta. Mas Amado Nervo não lança os seus gemidos de dôr apenas à lápide que recobre o frio corpo desaparecido — e seus gritos doridos querem penetrar as próprias sombras do além-túmulo, para chegar àquela atmosfera ignorada em que êle sonha novos esponsais com a criatura que seu amor não só imortaliza mas também materializa nos intermundios desconhecidos. Não é muito mais pungente essa dôr e muito mais dramática essa esperança?

(Cont. na pág. 52)

APRESENTAMOS algumas criações francesas em modelos de maillots e calças, para o week-end na praia ou na montanha. Calças três quartos em linho, usada com blusão de duas cores do mesmo tecido. Calças compridas listradas e casaco solto em fazenda escura. Conjunto de «short» e colete em tecido escuro e blusa listrada. Interessante modêlo de «maillot» inteiro, estampado, com dois babados franzidos formando mangas.



WEEK-END NA PRAIA





HORA DO COCKTAIL





Á hora do cocktail, nas reuniões elegantes e nas «boites» é que a mulher se apresenta no máximo de elegância. Os modelos para estas ocasiões são luxuosos e trabalhados. Em cima dois notáveis modelos de Paquim, em preto; à esquerda elegante modêlo em tafetá, saia justa, mangas japonêsas compridas, pala solta formando grande gola; em baixo, modêlo em linho cinza chumbo, corpo abotoado, gola branca, manga três quartos, saia pregueada.



Á medida que se aproxima o verão, de maior utilidade se tornam os vestidos em tecidos léves e de fácil lavagem. O algodão, é no caso, o material mais procurado e empregado na confecção dos modelinhos simples, próprios para passeio ou esportes, nos dias quentes. Nesta página apresentamos às nossas leitoras, sugestivos e encantadores modelos para várias horas do dia, désde a manhã até à noite.





MODELOS EM ALGODÃO







ÊSTES são alguns dos modelos de chapéus para primavera, apresentados em um desfile de modas em Nova York. Caracterizam-se pela originalidade e são confeccionados em tecidos leves como tafetá, organza, etc. Copa alta, com pequena aba adornada com três laços superpostos em tafetá quadriculado. A aba dêste chapéu termina em bico na frente e é enfeitada com palha preta rendada. Copa em tafetá, enfeitada com organza branca franzida. À direita em cima, modêlo original em veludo cinza, e em baixo, algumas criações próprias para o cocktail



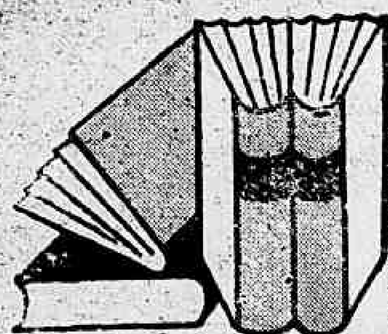




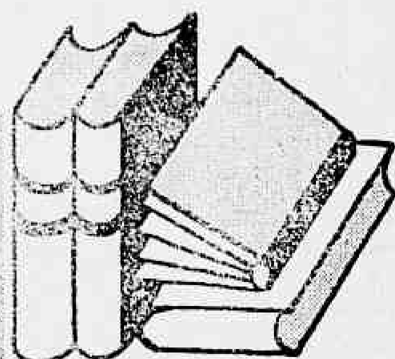


CHAPÉUS EXÓTICOS



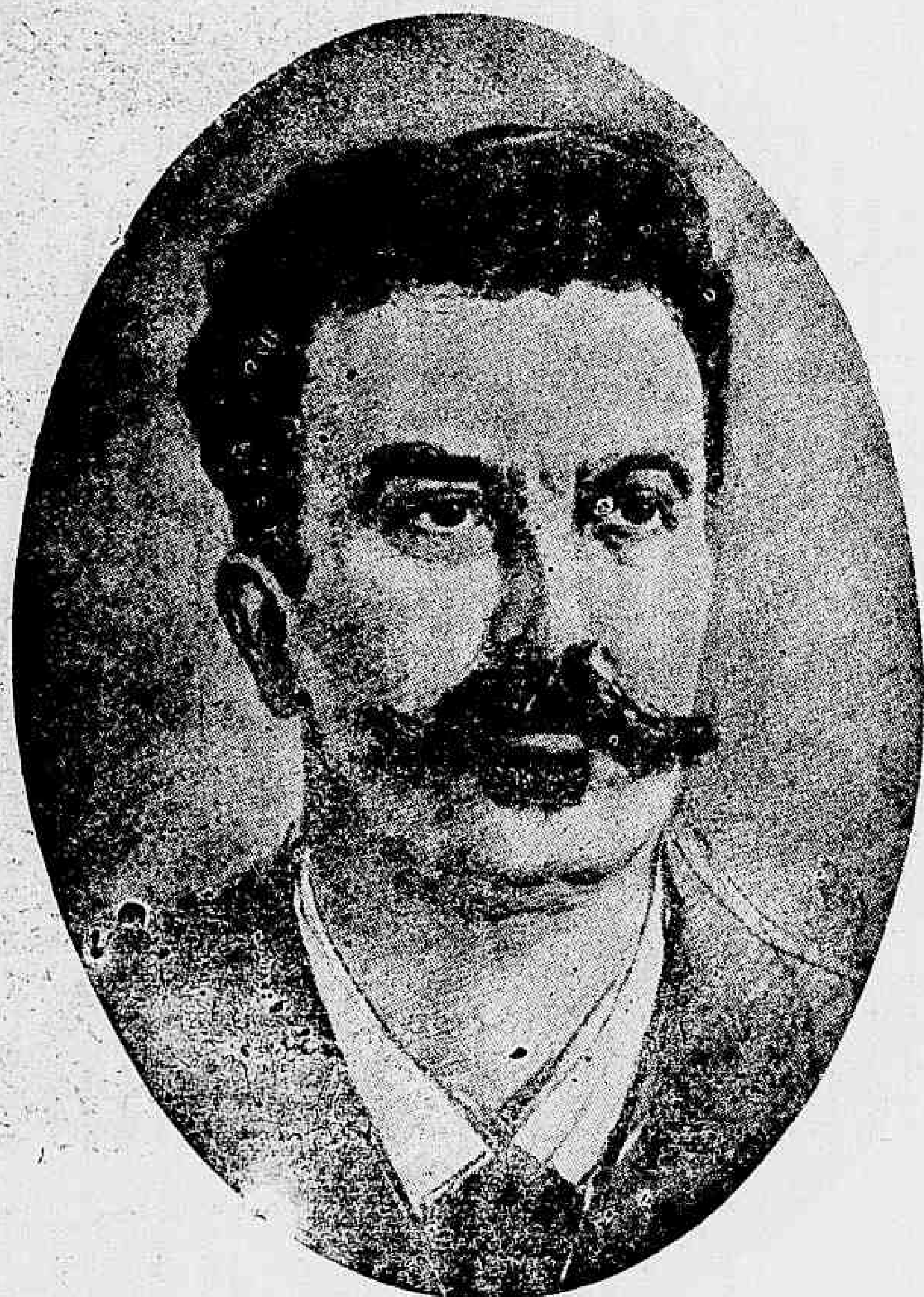


SEMANA LITERÁRIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



GUY DE MAUPASSANT — Guy de Maupassant, um dos grandes realistas franceses, cujo centenário de nascimento está sendo comemorado êste ano, nasceu em 1850 e faleceu em 1893. Oriundo da Normandia, onde passou tôda a infância, Maupassant estudou em Paris, passando depois a empregado público nos Ministérios da Marinha e da Instrução Pública. Embora muito mais perto de Flaubert do que de Zola, Maupassant também fêz parte do grupo de Medan, quando se apresentou ao público com a sua primeira grande novela, "A Bola de Sêbo", de 1880. Daí em diante, não mais deixou de escrever, destacando-se sobretudo no conto, em que foi realmente um grande mestre. Discípulo de Flaubert, a quem dedicava profunda admiração e amizade, Maupassant seguiu-lhe de perto a maneira literária, embora a partir do romance "Mont-Oriol", talvez por influência dos conselhos de Taine, tenha modificado alguns de seus pontos de vista literários em função do realismo, como até então praticara. Suas obras principais são: "A Casa Tellier", de 1881; "Uma Vida", de 1883; "Bel-Ami", de 1885; "Horla", de 1887 e "Notre Coeur", de 1890. O último dos livros citados, e mais "Pierre et Jean", de 1888, e "Fort comme la mort" pertencem, aliás, a uma segunda fase da evolução literária de Maupassant, onde a análise psicológica se sobrepõe mais intensamente à realidade pura e simples. Nos derradeiros anos de sua vida, atacado por grave doença mental, Maupassant deixou traços acentuados dessa fase em alguns dos seus trabalhos, entre os quais se destacam "La Peur", "Lui", "Le Horla", "Qui Sait", etc., onde a própria experiência de enfêrmo serviu-lhe para estudar a perda da personalidade e as alucinações, entrando muitas vêzes no terreno do mais puro fantástico.

SUÍTE DOS EXÍLIOS

(NÚMERO QUATRO)

REYNALDO BAIRÃO

I

Escolhido o Assombro,
encontro a alegria dos mortos.

Os mortos habitam a Cidade
e em tudo a presença dos mortos
causa pavor.

II

Aquêle que eu fui
continua num túmulo escuro.

Há nos homens
o silêncio de quem se recolhe...
Há na morte
o abandono de quem se esqueceu...

III

Imponderável desejo
de persistir em morrer.
O que já perdi, não importa...

Importa não mais reviver!
Oh, sim, tudo que eu já fui, esqueci em mim.
Pavor, Assombro, Cansaço e Espanto,
eis a noite intransponível em mim...

A morte
me rouba a presença dos mortos,
mas a morte é a continuação de mim...
Me perco na minha própria divindade,

oh, a ânsia de me esconder de mim!...

V

Os mortos geraram o Espanto
enquanto eu ressuscitava em dor...

VI

Sim, não me desdigam!
Desconheci minha refletida imagem
e o sonho que vivi foi aquêle que me matou...

Houve, em mim, o mêdo de ontem,
houve, em Deus, a misericórdia de mim...
Não, não posso mais ser contrariado!
Aquêle que eu já fui
tem ânsias de se esconder de mim...

Agôsto de 50.
(Do livro inédito: "O Tempo do Cansaço")

NOTICIÁRIO

FALECEU ABEL HERMAN

AOS 88 anos de idade, faleceu no olvido de sua pátria o escritor francês Abel Herman, ex-colaboracionista e, por isso, confinado em uma prisão, desde a vitória dos Aliados.

Abel Herman foi um dos nomes de maior prestígio das letras francesas no princípio do século.

★

Está anunciado o aparecimento das seguintes obras: "Mistérios e realidades dêste e do outro mundo", por A. da Silva Melo, 2ª edição aumentada. — "O Jardineiro", por Rabindranath Tagore. Coleção Rubaiyt. — "Quase Política", discursos parlamentares de Gilberto Freyre. — "O Grande Pescador" (A Vida romanceada de São Pedro), por Lloyd Douglas. Trad. de Wanda Murgel de Castro. Coleção O Romance da Vida. — "Contos de Aprendiz", por Carlos Drummond de Andrade. — "A Sombra do Pecado", romance de Frank Yerby. Trad. de Lia Cavalcanti. Coleção Fogos Cruzados.

Com o belo romance de Frank Yerby — "A Sombra do Pecado" — traduzido por Lia Cavalcanti, o Clube do Livro Selecionado, apresenta a sua oitava seleção. Embora de fundação recente, o Clube do Livro Selecionado, que obedece à orientação literária de Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo e Agripino Grieco, já ofereceu aos seus associados obras de grande valor literário, incluindo-se entre elas os romances "Moby Dick", de Herman Melville, e "Peste", de Albert Camus, além de livros outros de grande aceitação em tôdas as camadas de leitores. Vale acentuar, ainda, que o Clube do Livro Selecionado, além de proporcionar aos seus sócios obras de alto nível literário, assinada por escritores de fama universal, ainda distribui numerosos cheques de cinquenta a quinhentos cruzeiros e numerosos brindes de utilidade imediata, como por exemplo canetas Parker, etc. Daí, naturalmente, o justo prestígio que vem conquistando o Clube do Livro Selecionado entre leitores brasileiros de todos os quadrantes do país, que nêle podem reunir facilmente o útil ao agradável. Visando, no entanto, aumentar ainda mais o renome já conquistado, os responsáveis pelo Clube do Livro Selecionado estão no firme propósito de melhorá-lo cada vez mais, num aperfeiçoamento progressivo de suas finalidades e de sua amplitude.

★

Acabam de aparecer: "O Livro dos Provérbios", atribuído a Salomão, tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, prefácio de Tristão de Ataíde, Coleção Rubaiyat; "Cancioneiro do Amor", antologia de poesia de amor brasileira, por Nilson Lousada, Coleção Rubaiyat; "Alimentação Humana e Realidade Brasileira", por A. da Silva Melo; "Noivos e Esposos" (Problemas do matrimônio), pelo Padre A. Negromonte, terceira edição, Coleção de Obras Educativas; "Anos de Tormenta", romance de A. J. Cronin, terceira edição; "As Chaves do Reino", romance de A. J. Cronin, quinta edição, Coleção Fogos Cruzados.

★

Não será necessário insistir-se na situação crítica que vem atravessando a indústria editorial alemã posterior à guerra, indústria que foi uma das mais importantes de um país tão justamente famoso, pelas suas tradições de cultura, porque tal fato pode ser deduzido por qualquer leitor inteligente. Lutando contra a escassez de papel, de máquinas e de mão de obra, os editôres alemães viram pesadamente diminuídas suas possibilidades de produção em larga escala, apesar da boa-vontade das autoridades das diversas zonas de ocupção. No entanto, apesar de tantos obstáculos sérios, a indústria editorial alemã vem renascendo das cinzas, vagarosamente, é verdade, e já em 1947 publicaram-se em todo o país 8612 obras, das quais 7287 eram novidades. A literatura concorreu para êsse número com 1927 títulos, a religião com 1299 e as traduções com 528. Dessas obras, 6.083 não contavam mais de 100 páginas, e 580 tinham mais de 300 páginas. Funcionavam então cêrca de 150 editôras de primeira categoria, quantidade essa positivamente animadora num país ainda cheio de cicatrizes da guerra.

Foi aberta ao público a exposição de arte gráfica italiana, apresentada no ex-Assírio, com um esplêndido material. O livro italiano de hoje, como se pode admirar na referida exposição, é do que de melhor se produz no mundo.

★

Acabam de aparecer: "O Poço da Solidão", romance de Radclyffe Hall, tradução de José Geraldo Vieira, Coleção Fogos Cruzados; "A Peste", romance de Albert Camus, tradução de G. R., Coleção Fogos Cruzados; "Recordações da Casa dos Mortos", romance de F. M. Dostoiewski, tradução de Rachel de Queiroz, prefácio de Brito Broca, 2ª edição, Coleção Fogos Cruzados; "Noivos e Esposos" (Problemas do matrimônio), pelo Padre A. Negromonte, 3ª edição, Coleção Obras Educativas; "Alimentação Humana e Realidade Brasileira", por A. da Silva Melo; "Cancioneiro do Amor", antologia da poesia de amor brasileira, por Wilson Lousada, Coleção Rubaiyat; "Corpo e Alma da Bahia", por Eduardo Tourinho; "Sob a luz de um novo sol", poemas de Beatrix dos Reis Carvalho.



CINEMA E LITERATURA



BALZAC

O cinema francês açaba de fazêr a glorificação do imortal romancista, assim contribuindo para o maior esplendor das comemorações do centenário do gênio da "Comédia Humana". Trata-se de uma realização de Jean Vidal, tendo como operadores Henri e Daniel Sarrade, sendo a música de autoria de Guy Bernard. O celulóide é uma evocação biográfica que nos apresenta a vida e a obra de Balzac relembradas por gravuras e documentos de época. Nãq seria o caso do Instituto Nacional de Cinema Educativo, sempre atento na obra de educação e cultura, por meio de cinema, adquirir cópias dêsse novo documentário francês?

★

FIGURAS DO MOMENTO



CAMUS, cuja obra «A Peste», acaba de aparecer em tradução brasileira.



W. SOMERSET MAUGHAM, cuja edição brasileira de «Um Gôsto e Ssis Vintens», acâba de aparecer em nova tiragem. (Editora Glôbo).

FORA DO PRELO

A SOMBRA DO PATRIARCA — Alina Paim — Editora Globo — Pôrto Alegre. — Alina Paim é, entre as ñovas escritoras do Brasil, uma das de mais alto merecimento.

Os sucessivos romances que nos têm dado vêm marcando uma vocação das mais firmes que conhecemos em nossas letras, justamente nêste gênero em que as mulheres são arrastadas, com raras exceções, ao romanesco banal, ao sentimentalismo inconseqüente, a todas as trivialidades que o gênero comporta.

A romancista sergipana, entretanto, fage a esses limites por particularidades que a tornam uma figura invulgar, com os dotes indispensáveis para uma espécie de ficção em que se firmou desde o inicio, sabendo enriquecer suas histórias de um mundo real e chocante, de aspectos novos e de sentido superior.

Esta escritora é familiar dos problemas do tempo e das paisagens que, nos seus livros, não servem apenas à evolução dos acontecimentos, o primeiro, e ao cenário dos fatos e das criaturas, as segundas. Depois, Alina Paim nos forcene vida mesma, com sangue, suor e lágrimas — segundo a expressão feliz — essa vida indispensável ao romancista atual, e põe de pé, à nossa frente, criaturas humanas, com as suas falhas e as suas intercadências, como é próprio da condição humana.

Aqui, nêste esplendido romance, ardente de vida, Alina aborda um caso fascinante, isto é, o do patriarcado rural. E', êste, um fenômeno muito brasileiro, uma espécie de pageiança hereditária e cuja influência persiste, através do tempo, atenuada apenas na orla çivilizada do mar, nos grandes centros industriais, nas cidades mais adiantadas. Aí, por esses Brasis das extensas zonas agricolas e pastoris, êsse patriarcado permanece, como uma das forças de agregação doméstica, quase sempre de influências deformativas, nas familias numerosas. A romancista apresenta o caso através do tio Ramiro, desde já um dos melhores tipos do romance brasileiro, pelo cuidado que ela teve em não fazer um «tipo». O tio Ramiro representa o patriarcado, mas sem simbolismo, sem composição, antes guardando traços pessoais e diferenciadores. Assim, ela não nos quer dar uma tése, mas um episódio caracteristico que prova, no rumo em que ela investe, isto é, no sentido de mostrar um estágio social, medievalesco, que nos é próprio. E, portanto, êsse estudo adquire traços universais, ausente dêle, qualquer regionalismo, qualquer propósito de pitorêsco, de colorido pelo colorido.

Como o tio Ramiro, todos os outros heróis de Alina Paim têm vida singular caminham, marcham, não dirigidos, mas autônomos, gozando de uma independência que os situa no plano dos verdadeiros personagens de romance, portadores de registro civil. E a figura da Raquel, heroina central do romance, reativo admirável para o anacronismo do tio Ramiro, que epiloga realisticamente, em vez de cair no desfecho simbólico — merece tôda a nossa simpatia e, fechado o livro, continua a conviver conosco, tão nitida e real como as moças de carne e ôsso que conhecemos

★

INQUIETUDE - Carlos Werlang - Rio de Janeiro Trata-se aqui de uma coletânea de contos apologais, à maneira árabe, pequenas histórias de simbolos e alegorias, em que o autor revela aptipão para o gênero, com um estilo no tom e no movimento dos apologos árabes. Lê-se o pequeno livro com agrado e, nêle, aqui e ali, colhem-se frutos de amavel sabedoria.

★

POESIAS SEM IMPORTÂNCIA. — Leoni Machado Filho — Pongetti — Rio. O poeta Leoni Machado Filho leva sua modestia — ou sua vaidade, porque elas às vezes se confundem — ao ponto de dar êste título ao seu livro de poemas, publicado êste ano. O livro tem boa apresentação, o que é um sinal da importância que têm para o autor, e nos traz versos modernos, de inspiração lirica, repassados de sensualismo.

E' verdade que êste estreante ainda não está completamente liberto de preconceitos técnicos e artísticos e não revela, ainda, tôda a fôrça de sua inspiração. Mas, esta é uma poesia simpática, em que encontramos, apesar de certas notações de originalidade rebuscada, alguns momentos de verdadeiro lirismo, interpretados por um poeta dêste tempo. Vejam por exemplo êste poema:

PIROGNOSTICISMO

A chama do maçarico,
o Sódio dá amarelo,
o Potássio dá violeta
e o Cálcio alaranjado.

O Strôncio dá vermelho,
o Magnésio dá branco,
o branco Bário dá verde
e o Cromo também o dá.

O Manganês é grânfino,
dá na chama o ametista
e o Cationte ferroso,
se fôsse rúbrico, azul.

Experimentemos o fôgo
que a tudo dá uma côr,
para ver de que côr é,
a chama do nosso amor.

Não vemos aqui apenas uma bizarrice do poeta, mas, inclusive, uma força subterrânea que lhe deu algo novo para dizer do amor, como seja essa ligação entre os milagres elementares do fogo, sôbre os corpos inorgânicos, e a possibilidade de sua aplicação ao amor. Juntam-se, nêste poema, muitos mistérios passiónais, tanto é fundamental da paixão a ânsia de «vêr» o amor e tanto é intima dessa paixão o desejo de purificação que, no poema de Leoni Machado Filho, está presente na missão do fogo. Estes e muitos outros versos do livro é que nos dizem que esta não será, realmente, uma poesia sem importância.

★

V E S P E R A L COM CHUVA — Lúcia Benedetti — Gráfica Tupy Ltda. Editora — Rio de Janeiro. A escritora Lúcia Benedetti tem versado muitos gêneros com igual êxito. Estreiando-se como romancista, deu-nos dois romances de primeira qualidade, sem indecisões, sem fraquesas, livros sòlidamente construidos e com um aspecto de simplicidade que marca a escritora como um dos mais belos talentos de nossa jovem literatura.

Em seguida, Lúcia fez teatro infantil e, já por várias vezes, tivemos oportunidade de assinalar que a ela cabe a glória de ter fundado a literatura teatral infantil, entre nós, pois suas duas peças se situam a perder de vista do repertório anterior. E, sobretudo, possuem um extraordinrio sentimento de teatro, do espetacular, visto através do ângulo infantil.

Agora, Lúcia aparece como contista, gênero muito cultivado entre nós, entretanto ainda pobre de grandes nomes, tanto parece certo que contamos pelos dêdos nossos bons autores de contos. O conto será talvez próprio das grandes literaturas, dos climas menos exuberantes, das paisagens mais áusteras, dos artistas-escritores mais pacientes e menos retóricos, pois nada é tão exaustivo de escrever como uma páginas bréve, que seja, ao mesmo tempo, uma grande página.

E' no conto que agora aparece Lúcia Benedetti. E, outra vez, temos que reconhecer que consegue uma nova vitória. Seu livro foi justamente premiado pela Academia Brasileira de Letras e, embora a especial preferência dos acadêmicos pelos nomes femininos, devemos acentuar que dificilmente poderia aparecer no certâme um livro tão forte, tão brilhante, como o que nos traz os contos primorosos de Lúcia.

Qualquer destas páginas bréves merece um lugar nas antologias. E é com particular agrado que lemos estes contos, tão vivos, tão ágeis, tão saborosos, fixando instantes e criaturas, momentos de lirico encantamento, com tantos aspectos deliciosos, cheios da graça ou do drama da existência cotidiana, uma criança, uma mulher, um bicho, um ângulo de casa ou de jardim, — que são um novo mundo de poesia, de humor, de verdade, de ternura.

LIVROS ILUSTRADOS



Esta é uma primorosa ilustração da edição de 1833 (Bentley) do romance de Jane Austin — "Orgulho e Preconceito".







WEEK-EN | A



BLUSAS LIGEIRAS

ESTA coleção de blusas, em diversos tecidos, são fáceis de fazer e práticas tanto no uso como na lavagem. O algodão listado forma o feitio desta blusa sem mangas. Blusa branca, de mangas japonêsas, em gáse, inteiramente pregueada. Modêlo em seda escura com decote alto. Mangas bem franzidas e botões originais. Blusas em seda com pala franzida e a parte da frente bordada.



BÔLO DE VINHO

70 gr de açúcar, 50 ovos, 100 gr de amêndoas raladas, 100 gr de farinha de pão embebida em rhum. 1 ½ colher de sopa de cidra cristalizada bem cortadinha. Bate-se o açúcar, as gemas, as amêndoas, e a farinha de pão durante 20 minutos; adicionam-se a cidra e as claras bem batidas, leva-se ao forno em forma de anel bem untada e polvilhada com semolina.

Creme: Cozinham-se 200 gr de açúcar com um pouco de água, 1 pedaço de canela em pau, alguns cravos e 1/4 de litro de vinho tinto. Ferve-se novamente um pouco e ainda quente despeja-se, por um passador, em cima do bôlo.

SONHOS DE ARROZ

Com arroz cozido em leite, bananas cortadas em fatias e 1 ôvo faz-se uma massa e formam-se com as mãos umas bolas que se passam em massa de panquecas e fritam-se em gordura quente. Servem-se com ameixas, refogados ou calda de frutas.

VIRGENS ALEGRES

100 gr de açúcar, 6 ovos, 6 colheres de sopa de farinha de trigo, 2 colheres de sopa de farinha de batatas, casca ralada de limão e 1 pitada de sal.

Para a calda: 3/4 de litro de vinho branco, 200 gr de açúcar, 1 pedacinho de cebola.

Bate-se o açúcar, com o sal, as gemas, e a casca ralada de limão até ficar em creme espumoso. Adicionam-se a farinha de trigo e a farinha de batatas, misturam-se as claras bem batidas, fazem-se pequenos bolinhos com o auxílio de uma colher, e assa-se em bastante banha quente. Enquanto isso, ferve-se o vinho branco, o açúcar e canela durante dois a três minutos. Servem-se os sonhos com a calda enquanto quentes.

PUDIM DE ARROZ

3/4 de litro de leite, 125 gr de arroz, 60 gr de açúcar, 40 gr de manteiga, 4 ovos, casca ralada de um limão ou essência de baunilha.

Escalda-se o arroz com água fervente, deixa-se escorrer, passa-se por água fria e ferve-se com leite adoçado. Tira-se a caçarola do fogo, mistura-se a manteiga, as gemas e por fim as claras batidas em neve.

Põe-se a massa em uma fôrma de barro e cozinha-se no forno em banho-maria até que se forme uma crosta marron. Serve-se com calda de frutas ou chaudeau.

LARANJAS REAIS

Corta-se a tampinha de laranjas das quais se tiram cuidadosamente as polpas que se passam por uma peneira. Na cavidade das laranjas, colocam-se morangos polvilhados com açúcar. Espalha-se por sôbre os morangos um pouco da polpa que se passou pela peneira, enfeitando-se com creme Chantilly.

COMPOTA DE PÊSSEGOS

Tomam-se uns 20 pêssegos maduros, descascam-se, partem-se ao meio, tirando-se os caroços. Deitam-se em uma calda fervendo, onde se deixam amolecer. Quando a compota estiver fria, mistura-se-lhe um pouco de Kirsch ou Maraschino.

SALADA DE BATATAS

Cozinham-se batatas que se cortam em rodelas. Descascam-se duas ou três maçãs que se picam e que se misturam com as batatas. Cobre-se tudo com môlho de salada e, por fim, acrescentam-se cebolas e salsas picadas.

SALADA GENEBRA

Toma-se uma fôlha de alface que se cobre com 2 a 3 colheres de "petits-pois" misturados com môlho maionese. Em seguida, vão se dispondo alternadamente 3 rodelas de tomate e 3 rodelas de ovos cozidos.

PÃOZINHO À MARINHEIRA

Passam-se 3 gemas cozidas por uma peneira e misturam-se as mesmas, em seguida, com um pouco



de manteiga, mostarda, sal, suco de limão, cebolinha ou salsa bem picada. Passa-se esta mistura sôbre fatias de pão que se guarnecem com rodelas de pepino em conserva e "filets" de sardinha.

CREME RUSSO

Batem-se 2 gemas com 100 gr de açúcar, até formar espuma, juntando-se em seguida ½ litro de nata batida, bem como uma colher de rhum. Êste creme que se serve gelado é muito apreciado nas reuniões de senhoras.

BÔLO DONDON

6 ovos, 12 colheres de açúcar, 12 colheres de farinha, 1 xícara de leite, 1 colher de fermento. Bata as claras, as gemas, depois o açúcar, a farinha e por último o fermento no leite. Leve a assar em uma fôrma grande. Pode também dividir em duas partes; na primeira ponha um pedacinho de baunilha. Na segunda, 2 colheres de chocolate em pó e algumas nozes picadas e um pouco de licôr de cacau. Pode também assar em 3 fôrmas e juntá-las com geléia. Êste bôlo é muito prático por ser rápido, o mais econômico, bastante grande e se prestar para combinações. Pode também assar em tabuleiros, partir em losangos, rechear com creme e cobrir com glacê. Também pode assar em forminhas e cobrir com suspiro. Pode juntar chocolate na metade, e fazer 2 bolos diferentes. Não deve assar demais; fica muito sêco.

BÔLO TRICOLOR

Bata um bôlo com 6 claras em neve, 8 gemas, 400 gr de manteiga,

NA COZINHA

400 gr de açúcar, 400 gr de farinha, 1 colher de fermento, 1 xícara de leite, e 1 cálice de cognac. Divida em 3 partes. Deixe uma simples, na segunda junte um pau de chocolate ralado, e a terceira tinja de rosa. Leve a assar em 3 formas rasas. Depois unam-nas com doce de amêndoas e cubra com glacê rosa. Enfeite com frutas cristalizadas partidas, formando flores ou arabescos e deixe endurecer. Também pode cobrir com suspiro.

DOCE DE AMÊNDOAS

Faça uma calda com 2 xícaras de açúcar, junte 2 gemas, 100 gr de amêndoas, e leve ao fogo só até ferver.

CEVADINHA COM LEGUMES

Cozinham-se a cevadinha em água e sal, juntando-se em seguida manteiga e legumes refogados, como ervilhas, couve-flor, couve-rabano e batatas, devendo as couves e as batatas ter sido picadas.

FATIAS DE SEMOLINA

125 gr de semolina, 1/4 de litro de leite, sal, 1 a 2 ovos, gordura. Despeja-se a semolina no leite fervendo, misturando-se-lhe sal e mexendo-se continuamente até formar um mingau grosso. Tira-se do fogo, deixa-se esfriar, e corta-se a massa em fatias que se passam em ôvo batido e que se frigem em gordura.

AIPO, CASTANHAS E SALSICHAS

Cozinhe 12 talos de aipos em água, sal e gôtas de limão Cozinhe 250 gr de salsichas de Viena em água a ferver, deixe uns 5 minutos no fogo, escorra e parta em pequenos toros. Leve ao fogo 1 frigideira com 2 colheres de manteiga com 1 colher-de-chá de açúcar, junte o aipo, passe um pouco, junte o resto, esquente e deite ao redor da língua. Serve também para acompanhar pato ou galinha. Na falta de castanhas, empregue cenouras ou nabos pequeninos.

EMPADINHAS DE CAMARÃO

Massa sem ovos: Amasse ½ k de farinha de trigo peneirada, com 1 xícara de banha, 1 colher de manteiga e vá juntando água morna e com sal; regula 1/4 de xícara, mais ou menos. Forre as forminhas e guarde a metade da passa para cobri-las.

O recheio: Leve ao fogo 1 colher de manteiga, 1/2 cebola picada e 1 cenoura regular em rodelinhas finas. Junte 1 colher de farinha de trigo, toste um pouco mais e regue com 3 xícaras de leite. Deixe cozinhar, tempere com sal, e passe pela peneira. Tome 1/2 k de camarões, lave, cozinhe em água e sal e depois descasque. Cozinhe em água a ferver com sal e 1 colher de açúcar, umas 6 cenouras e depois parta aos pedacinhos de 1 cm. Misture os camarões com môlho e as cenouras e encha as forminhas forradas. Cubra com a massa reservada, doure com 1 ôvo desmanchado e leve a assar no forno.

CARNE ENROLADA

Às vêzes não se obtém um pêso bom para assar, então tome o pêso fino, lave e ponha no centro algumas fatias de presunto cru, ou toucinho inglês ou mesmo toucinho comum. Enrole, amarre com um barbante. Toste gordura com manteiga com rodelas de 1 cebola grande e aí deite a carne. Deixe fritar bem de todos os lados. Junte 1/2 colher-de-chá de farinha de trigo, molhe com o caldo ou água e deixe cozinhar lentamente até ficar bem macia. Desengordure o môlho e deite dentro 2 ovos duros picados. Tome fatias de pão torrado, passe manteiga e deite num prato. Parta carne em rodelas e arrume cada uma sôbre uma fatia de pão. Na hora de servir despeje o môlho por cima.

ARROZ COM COMPOTA DE PÊSSEGOS

Prepara-se o arroz comum. Em uma travessa funda arruma-se uma compota de pêssegos com calda bem grossa. Sôbre esta compota coloca-se o arroz, sôbre o qual se esparrama uma camada grossa de açúcar. Queima-se êste com um ferro quente.

BANANAS COM CHANTILLY

Descascam-se algumas bananas que se cortam pelo meio no sentido do comprimento e arrumam-se em um prato de vidro. Cobrem-se com geléia vermelha e enfeitam-se com creme Chantilly.





Flagrante feito quando discursava monsenhor Mello Souza, vendo-se, a contar da esquerda: dr. Vitor Barbosa Guizard, sr. Nelson Filizola Barbosa, dr. Breno Bernardes de Oliveira, diretores do Banco, dr. Felix Guizard Filho, presidente, mons. Mello Souza, sr. Cid Bretas, gerente da filial do Rio, comendador Oscar da Costa, dr. Paulo Guimarães de Almeida, advogado do Banco, e o dr. Leon Camile Legay, presidente do Banco da Barra do Piraí.

BANCO DO VALE DO PARAIBA S/A

A INAUGURAÇÃO DA FILIAL DESTA CAPITAL

NO dia 11 de outubro último realizou-se a solene inauguração da filial do Banco do Vale do Paraiba S.A. A cerimônia compareceu grande número de elementos dos meios econômicos e financeiros da metrópole, tendo a nossa reportagem anotado, entre outras pessoas, as seguintes: srs. dr. Vitor Barbosa Guizard, Nelson Filizola Barbosa, dr. Breno Bernardes de Oliveira, sr. Raul Fialho de Faria, dr. Hamilcar Bevilacqua, Francisco de Paula Monteiro Machado, dr. Alcides da Costa Guimarães, João Vieira Xavier de Brito, José Giancoli, dr. Felix Guizard Filho, comendador Oscar da Costa, Cid Bretas, dr. Leon Camile Legay, dr. Paulo Guimarães de Almeida. A benção das instalações foi procedida por monsenhor Mello Souza, tendo em seguida usado da palavra o sr. Cid Bretas, gerente da filial recém-inaugurada. Aos presentes foi servida fina mesa de doces e bebidas. O Banco do Vale do Paraiba, que possui uma rêde de 14 agências e filiais na zona da Central do Brasil, linha de S. Paulo, está magnificamente instalado nesta Capital, à rua Visconde de Inhauma, 101.



Na foto acima vê-se o sr. Cid Bretas discursando, aparecendo ainda o dr. Felix Guizard Filho, monsenhor Mello Souza e dr. Paulo Guimarães de Almeida.



Um grupo em palestra, do qual se destacam os srs. dr. Alcides da Costa Guimarães, gerente do Banco do Brasil, sr. João Vieira Xavier de Brito, do Banco do Brasil, senhora Cid Bretas, sr. José Giancoli, gerente do Banco do Vale do Paraiba em São Paulo.

"Êle" depende da Sra...



e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



TRÊS VARIAÇÕES...

(Cont. da pág. 33)

como se nunca o tivesse feito. Sentiu-se frustrado, colérico; sua imaginação já arquitetava mil coisas: «Estará ficando cansada de mim; quem sabe, já não me ama tanto?» Êste pensamento de tal forma o atormentou, que, de repente, não suportou mais a idéia de se ver assim sòzinho e, batendo a porta, saiu, sem dizer aonde ia.

Meia hora depois, chegava Lucita nervosa, ofegante, com receio de estar atrazada; olhou para o relógio da saleta: eram só seis e um quarto, e o marido costumava voltar às seis e meia. Ligou o rádio, tomou uma revista e pô-se a lêr enquanto esperava, mas os minutos foram-se passando: sete menos um quarto — sete horas — sete e meia! Começou então a sentir-se inquieta e a telefonar à sogra, às cunhadas, aos amigos mais íntimos; ninguém vira seu marido, mas confortavam-na: «Algum atraso imprevisto»... Por sua vez, Lucita pôs-se a torturar-se: «Não tem mais pressa de vir para junto de mim»... e uma grande amargura apertou-lhe o coração.

Oito menos dez... Uma volta na fechadura e nosso jovem entra sem jeito, de expressão mudada; sua contrariedade ainda persistia e Lucita também magoada, recebeu-o friamente. Beijaram-se sem entusiasmo, cada qual se aprofundando mais em seu tormento, porém encerraram-se em seu orgulho e nenhum pediu explicações ao outro.

Jantaram quase em silêncio, passaram parte da noite sem se falar e retiraram-se para o quarto com a mesma disposição hóstil. «Nossa primeira briga», pensava Lucita tristemente; «paciência... outras virão»... Deitou-se, esperou pelo marido que prolongava demasiadamente sua «toilette», fingindo que dormia, quando êste entrou no quarto; podia senti-lo prêsa de uma luta interior fortíssima, parecendo-lhe mesmo, que a um dado momento, tentara aproximar-se dela, porém, teimou em fingir-se adormecida.

Êle afinal desistiu e acabou por conciliar o sono; Lucita pôs-se a chorar com desespêro... Chorou por muito tempo e a descarga fez-lhe bem aos nervos; os pensamentos foram-se tornando mais claros, menos amargos; «Que tolos somos, de torturar-nos assim; porque não fazemos as pazes?» E enlaçou em seus braços o pescoço do marido.

Mesmo antes de dar plenamente acôrdo de si, êste já a havia estreitado contra o peito; ao despertar com o rosto de Lucita junto ao seu, começou a cobrí-la de beijos apaixonados; todo o seu amor renascia mais vibrante, mais incontido e essa noite foi a mais completa, a mais feliz, de quantos tinha tido até então. Na manhã seguinte, ao passar pela rua do Ouvidor, entrou numa loja de flores e escolheu três orquídeas para Lucita; havia planejado sairem à nóite para jantar fora e dansar um pouco.

Quase valera a pena a briga, para conhecer de novo aquela embriaguês! «Então, aquilo para logo, não?» dizia despedindo-se do velho florista seu freguês, a quem acabara de encomendar as orquídeas que Lucita certamente usaria aquela noite.

JÁ CHEGOU O SEU?

(Cont. na pág. 25)

comprara estava aqui, momento em que era procurado por um dos agentes do grupo para assinar os papéis alfandegários e receber o dinheiro. Todo o incômodo estava na assinatura. Houve até quem se prestasse à transação na melhor boa-fé, sem interêsse na comissão, atendendo apenas a pedidos de amigos.

Mas o negócio começou a crescer. O mêdo ou a vertigem do lucro fácil fêz com que os revendedores se entregassem furiosamente à procura de nomes emprestados. Sabe-se de muitas pessoas que iam aos Estados Unidos apenas por alguns dias, voltando com direito a ter na bagagem um carro. Ora, dezenas dêles entrando no pôrto levaram o govêrno a arrumar um decreto de última hora, restringindo o automóvel na bagagem apenas aos que permanecessem nos Estados Unidos durante um ano. A medida a que recorreu o govêrno, como veremos mais adiante, é de má qualidade, e vinha apenas tapar o sol com peneira.

Neste interim é interessante ressaltar um ponto. O negócio era de tal monta que os agenciadores naturalmente já bastante enriquecidos, continuaram a agir, sem cogitar da ilegalidade do decreto. Sabiam êles que a medida só entraria em vigor no estrangeiro noventa dias após a publicação. Era preciso comprar o mais depressa possível. Foi o que fizeram. E o resultado é o cais de hoje, cheio.

O JUDICIARIO RESOLVEU O CASO

Mas a Alfândega recebera ordens para apreender todos. O prazo legal para a lei entrar em vigor no estrangeiro foi pôsto de lado. A ordem era não liberar nenhum. Houve o escândalo, e logo depois tudo ficou mais feio, porque um dos que trouxeram carro sem comprar, um dos *cantados*, um tanto aflito, procurou as autoridades e disse que o carro não era seu. Se não era dêle, de quem seria? O verdadeiro dono foi então convidado a aparecer. Mas o verdadeiro dono desconfiou muito bem do que lhe poderia suceder, caso se apresentasse. Se não é de ninguém, é da Fazenda Pública. Acabou em leilão. Mas os outros carros, cujos donos eram verdadeiros ou falsos, não sabiam o que fazer. Esperaram.

Na verdade, entre os carros apreendidos há muitos de pessoas que foram honestamente aos Estados Unidos e de lá voltaram com um para uso pessoal. E' gente que entra na trapalhada como simples vítima, vítima do grupo de negocistas e do govêrno que não fêz, consciente ou inconscientemente, a lei de licença prévia sem brechas. Para sanar o êrro, sabe-se, primeiro foi baixado um decreto pretendendo modificar as Preliminares da Tarifa, o que é evidentemente um dispositivo ilegal. Em seguida, reconhecendo o Executivo a má qualidade do primeiro ato, encaminhou mensagens ao Congresso, pedindo uma lei para dar características legais à primeira medida. Mas o Congresso até aqui, não votou a lei solicitada.

Ora, um dia certo dono de automóvel impetrou mandado-de-segurança e o juiz da Segunda Vara da Fazenda, dr. Raimundo de Macedo, deferiu o pedido. Para tanto, invocou exatamente o art. 36 das Preliminares da Tarifa. Daí por diante, cada carro vem saindo do cais à custa de mandado-de-segurança, e, como até agora o Congresso não resolveu modificar as Preliminares da Tarifa, cada viajante pode continuar trazendo um *Cadillac*, sendo o verdadeiro dono ou ... não. E é isto o que se está vendo, pois o negócio é bom. O cais está cheio outra vez.

A VIDA DE CATHARINA...

(Cont. do número anterior)

— A Sibéria é uma região tão grande, e tem tantas direções!

Palmilharam à toa centenas de milhas nas montanhas, ziguezagueando, e afinal foram capturados pela polícia.

Outro período de prisão nas minas de Kara, com rações de pão preto e umas poucas onças de carne podre. Cinqüenta por cento dos prisioneiros morreram de escorbuto, mas Catarina nem mesmo ficou doente. Era protegida por seus largos ombros, seu reforçado tórax e seu inexpugnável Sonho. Estava decidida a não abandonar êsse Sonho até que a Rússia se tornasse livre.

— Mr. Kennan — declarou ela ao correspondente americano que a visitou na Sibéria — nós podemos morrer no exílio, nossos filhos podem morrer no exílio, e os filhos dos nossos filhos podem morrer no exílio, *mas alguma coisa resultará disso um dia.*

V

Sôlta em 1896, regressou da Sibéria e visitou seus amigos da nobreza na ssuas luxuosas residências. Preferia as privações dela ao fausto deles. "Afligem-se com o café; afligem-se com o jardim; afligem-se com tudo. Durante trinta anos eu andei sem bagagem, e não me aflijo com coisa alguma".

Após uma breve temporada que passou com os amigos, voltou à sua atividade revolucionária para, como chistosamente observou, aliviar êsses amigos das suas preocupações. Certa vez, como tempos atrás, disfarçou-se em camponesa. Reiteradas vêzes os guardas tentaram prendê-la, mas ela agiu sempre de maneira a lhes escapar. Uma ocasião, quando visitava uns parentes na campanha, os policiais cercaram a casa. Acontecia que era o



TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Jasmin — Super	10.00	22.00	30.00
Violeta B — Super	13.00	22.00	30.00
Q. Fleurs — Super	15.00	25.00	35.00
F. Amor — Super	15.00	25.00	35.00
Mitziko — Super	18.00	25.00	35.00
Arp. S — Super	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super	21.00	35.00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40.00
Chan 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N — Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narciso N — Super ..	25.00	35.00	40.00
Pretx. Super	35.00	45.00	55.00
Rumores — Super	35.00	45.00	55.00
Escândalo — Super ...	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super.	35.00		
Flor Maçã LF	50.00	70.00	90.00
Soupploss LF	50.00	70.00	90.00
Biarritz LF	50.00	70.00	90.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	90.00
Arabesque LF	60.00	80.00	100.00
Heno del Campo LF ...	60.00	80.00	100.00
Casino LF	60.00	80.00	100.00
Violette Feuilles LF ...	85.00	105.00	125.00
La Rose Rougeatre LF	85.00	105.00	125.00
Champagne LF	60.00	80.00	100.00
Despesas Reembolso ..	9.00	9.00	9.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A Feira das Essências

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e droga-ias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 83 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00

CORREIO DA REVISTA

LUNAH-EL-MAR — **Rio** — «Paisagem que Foge», não foi aprovado. Notámos que a autora tem imaginação, mas sua técnica se ressente de vários defeitos para o conto literário. Também são numerosos os lapsos de linguagem. Mas não desanime. Continui a escrever, a ler bons autores.

A.J.M. — **S. Paulo** — Seu conto foi aprovado a 14 de março. Se ainda não saiu, está pertinho. Calma e paciência, que, sem isso, não se triunfa nêste mundo complicado.

EUNICE — **Belo Horizonte** — Não temos dúvida nenhuma de que o seu próximo conto logre o êxito de tantos anteriores. Quanto à reportagem, não está conosco. Um conselho: quando se servir de fatos reais, procure robustecê-lo com os recheios da ficção. Aguardamos a continuidade de sua colaboração. Quanto ao «revés», são percalços de quem escreve. Mas isso será recompensado com as próximas vitórias.

LISA CASTRO — **Rio** — Muito bom o seu «Livrai-me do casamento». Sairá num dos próximos números. Talvez nêste mesmo.

MARY ANN PENI — **Rio** — Todos nós devemos manter sempre em dia os estudos de português. E os que têm vocação para as letras e desejam aparecer, ainda mais. Não renuncie ao prazer e inclinação de produzir intelectualmente, transformando seus pensamentos em criações literárias. Se deseja ser escritora, como vai desistir? Siga este lema: Ação e Correção. Escreva, escreva sempre, procure boas fontes de orientação literária e cultural, e vencerá pois talento não lhe falta. Qual o título do outro conto que nos mandou?

OSWALDO D. BELLO — **S. Paulo** — Vamos examinar o seu trabalho.

VICTORIA KRESCH — **Rio** — Seu conto já está com os julgadores. Muito agradecidos pelas expressões amáveis.

J.M. BARCALA — **Porto Alegre** — Recebemos. Aguarde a decisão.

NISIA: — Deixe amadurecer bem o seu pensamento criador. Organize, mentalmente, a história, dê-lhe vida, substância, e nos mande. Não tenha receios. Todos os princípios são difíceis. Especialmente a caminhada em busca de um nome literário Coragem.

CARLINDO CERQUEIRA — **Juiz de Fóra** — «As Férias de Policarpo» sairá na primeira oportunidade. A demora havida é porque há vários na fila. Quanto ao assunto ligado ao publicado na edição número 16, de 22.4.1950, transmitimos sua carta à Gerência para providenciar.

C. ELMANO — **S. Paulo** — Não consta, em meio ao número de trabalhos a julgar, o seu conto «Sagitana». Com certeza já foi julgado ou não nos chegou às mãos. «Na Rinha» foi recebido e o passamos aos julgadores. Aguarde.

PLACIDO M. DE ARAUJO — **S. Paulo** — O Curso de Literatura, Estilística e Português a que se refere, é na Av. Rio Branco 117-3º, sala 305 — Rio.

---

dia de folga da cozinheira. Os policias vasculharam a casa de alto a baixo, enquanto Catarina, vestida com a roupa da cozinheira, preparava sossegadamente o jantar na cozinha.

Êsse foi um dos muitos papéis que ela se viu obrigada a representar, e representar com perfeição teatral, no seu contínuo brinquedo de esconder com a polícia. Tornara-se perita na arte do disfarce. Quando visitou a América, um admirador rico presenteou-a com uma batelada de lindos trajes.

— Que hei de fazer com todos êstes vestidos? Fêz essa interrogação, mas em seguida seu rosto se iluminou.

— Já sei! Vou aproveitá-los nos meus disfarces quando regressar à Rússia.

VI

Sua visita à América fêz parte de uma extensa viagem empreendida com o fim de "ganhar a simpatia do mundo para a causa de uma Rússia livre". Foi uma excursão triunfal. Em tôda a parte, quando ela aparecia no estrado ou na tribuna, "o público levantava-se em massa, lenços eram agitados, chapéus voavam para o ar, palavras afetuosas em muitas línguas choviam sôbre ela de todos os cantos da sala, e os aplausos eram ensurdecedores". O povo gritava, ria e chorava — certa assistência quase lhe rasgou a roupa no esfôrço coletivo para a abraçar — enquanto a grisalha *Babushka*, vovòzinha, recebia o triunfo com a mesma tranqüilidade sorridente com que recebera o martírio. "Só os seus olhos traíam os anos de sofrimento".

Seus amigos pediram-lhe que ficasse na América, onde estaria a salvo de futuros incômodos. Mas ela não lhes deu ouvido.

—Não posso me demorar mais tempo; precisam de mim na Rússia. Um dia hei de voltar, quando a Rússia fôr livre.

Retornou, assim, à sua pátria, onde novo exílio a esperava. Dessa vez (1912) foi sentenciada à prisão perpétua. A um repórter que lhe expressou sua simpatia na véspera de ela partir, afirmou:

— Não se preocupe; já passei por tudo isso antes.

As autoridades julgavam que dois ou três invernos nos gelos siberianos dariam cabo daquela "obstinada agitadora" de sessenta e oito anos. Estavam enganados, porém. Ela parecia se tornar mais forte com os anos. Um de seus companheiros de exílio a descreve na sua segunda ida à Sibéria: "De compleição forte, face rosada (prestei especial atenção: não tinha rugas), olhos cintilantes, e cabelos grisalhos pendendo sôbre uma testa tão brilhante que era difícil acreditar tivesse ela quase setenta anos". Outro exilado escreve a respeito dela numa ocasião posterior da viagem: "Pareceu-me que desde 1905... ela se tornara mais jovem. Estava em excelente disposição... E isso depois de cinco dias de penosa marcha, todo o tempo sob uma chuva torrencial, e passando as noites em barracas ou ao redor do fogo".

Os guardas se admiravam da resistência dela, da sua fibra. "Parece que nada a pode abater. Esta mulher tem feitiço". Escalaram dois espias para a vigiar, depois quatro, e finalmente seis. "Não falando do que é capaz de fazer. Velha como é, todavia tem bastante audácia para tentar fugir outra vez".

E tentou; desta vez quase com êxito. Foi recapturada após ter andado milhares de milhas. "Como conseguiu percorrer tal distância" escreveu um siberiano, "isso não podemos compreender". E isso que a polícia logrou interceptá-la sòmente uma ou duas horas antes que ela alcançasse a fronteira.

Aparentemente tão perto da liberdade, e contudo tão longe — observou ela tranqüilamente.

— Com a Rússia, porém, acontece o contrário — acrescentou. — Aparentemente tão longe da liberdade, e contudo tão perto.

Suas palavras acêrca da Rússia eram mais proféticas do que ela poderia esperar. Mandaram-na para o ponto mais setentrional da Sibéria, onde mesmo a mais robusta constituição sucumbiria ao frio.

— Aqui — disse ela — estou guardada como um arenque salgado num barril. E suponho que aqui morrerei sem ter visto a libertação do meu povo.

Pouco se importava com a própria sorte, mas se entristecia com a sorte da Rússia. "O caminho é tão longe, e a noite tão escura..."

Mas, um belo dia, raiou de repente a alvorada. Uma mensagem para Catarina Breshkovsky, para todos os prisioneiros políticos na Sibéria: "A Rússia é livre!"

VII

Ela veio a Moscou e se lançou mais uma vez à sua atividade, desta vez para mobilizar os russos não contra a crueldade dos Romanoffs mas contra a selvageria dos Hohenzollerns. Porfiou em que os russos deviam permanecer na guerra (1917) contra a Alemanha. "Não desejo ver a destruição do povo alemão, mas desejo ver a destruição do seu criminoso e desumano desrespeito para com tôdas as outras nações". Advertiu o govêrno bolchevista contra a paz prematura com a máquina militar alemã. Sua advertência, no entanto, foi inútil. Lenin concluiu o tratado de Brest-Litovsk.

— Derrubastes uma tirania só para vos sujeitar a outra tirania — disse ela, e melancòlicamente rumou mais uma vez para o exílio. Mas desta vez era um exílio voluntário na Tchecoslováquia.

Seu principal trabalho estava feito. A vovòzinha da Revolução Russa vivera para ver a realização do seu Sonho. Não era exatamente como o sonhara, verdade seja dita. Mas ela era bastante sábia para compreender, embora não fôsse bastante paciente para aceitar, a diferença entre o resultado final e o plano original. A realização há de ficar sempre aquém da expectativa. "Afinal de contas, só temos nosso imperfeito material de construção humano com o qual trabalhar".

Abriu uma escola para crianças pobres em Praga, aquela jovem velha de setenta e seis anos. E lá, durante os últimos catorze anos da sua vida, tratou de enriquecer novos espíritos com novos sonhos. "Uma grande época se aproxima, sinto isso no íntimo da alma, uma época em que tôdas as nações se unirão numa única família humana".

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE CATARINA BRESHKOVSKY

1844 — Nasceu

1869 — Aderiu à causa revolucionária.

1873 — Foi desterrada para a Sibéria por "pregar o evangelho da liberdade".

1896 — Foi sôlta. Organizou o Partido Revolucionário Socialista.

1904 — Visitou a América. De volta à Rússia, foi novamente condenada à Sibéria.

1917 — Regressou à Rússia com as boas-vindas do govêrno de Kerensky.

1918 — Deixou a Rússia devido à sua oposição aos bolcheviques. Abriu uma escola para crianças na Tchecoslováquia.

1954 — Morreu na Tchecoslováquia.

LIVRAI-ME DO...

(Cont. do número anterior)

Mas voltemos ao Hélio. Implorei-lhe que terminássemos o namôro, satisfazendo assim o desejo de seus parentes; mas êle recusou-se tenazmente. Disse que se eu terminasse o namôro passaria a vigiar-me e o primeiro homem que me acompanhasse teria que se avir com êle. Até as ameaças anteriores foram repetidas por êsse meu terceiro marido. O que poderia eu fazer? Meu destino era casar... casar... casar. Fiquei num estado de nervos capaz de enlouquecer qualquer cristão menos equilibrado. Iria cometer trigamia e estaria sujeita a processos, cadeia, o diabo. Mesmo assim permaneci firme: Só pertenceria ao homem que fôsse meu marido, a despeito de tudo e de todos. E passamos a preparar os papéis. Em pouco tempo corriam os proclamas e a data ficou marcada. Meu coração andava pequenino de ansiedade. Minha futura sogra presenteara-me com duzentos cruzeiros, que ajudaram a comprar a fazenda para o vestido e combinação, o sapato, etc. Eu mesma fiz o meu enxoval modestissimo, e certa manhã nos encontramos no cartório com os padrinhos. Não sei como consegui assinar o livro e responder às perguntas do juiz. Parecia que alguém surgiria de inópino e diria: "ela não pode casar". Mas tudo terminou tranquilamente. Voltamos para o quarto que alugáramos dias antes e passamos a viver a nossa vida conjugal. Estamos casados há oito anos e continuo com um grande vazio dentro de mim. Hélio não é o meu príncipe-encantado. Tem muitas falhas de caráter que me deixam desesperada.

— Só depois de tantos anos é que você chegou a essa conclusão?

— Não; mas só agora é que tive coragem de tomar esta iniciativa. Tenho empregado todos os meus esforços no sentido de conseguir sua aquiescência sôbre nossa separação. Estou fazendo tudo para não fugir uma terceira vez, mas êle não concorda em que nos separemos. Afirma que não poderá viver sem minha companhia, que sou tudo em sua vida. Sei que êle encontraria logo quem o consolasse. E' simpático, bonito mesmo, carinhoso... um homem que pode conquistar outra mulher... mas que só quer a mim.

— A senhora quer que eu anule o terceiro casamento apresentando a certidão do anterior?

— Exatamente. Não importa que eu responda processo ou que vá parar na cadeia. O meu objetivo é ficar livre novamente. Livre de qualquer homem. Quero viver só... viver do meu trabalho sem qualquer preocupação sentimental. Sei que não nasci para o casamento e não tenho feito outra coisa em minha vida. Por favor, dr. Eduardo! Livre-me dessa agonia.

— O seu caso não é nada fácil nem comum. Dar-me-á muita dor de cabeça. Seu marido sabe dêsse seu propósito?

— Não, doutor! Êle não me deixaria vir aqui e até sua vida correria perigo se êle descobrisse que o procurei para êsse fim.

— E a senhora pode pôr assim em perigo a vida de um semelhante?

— Êle não descobrirá. Falta-lhe imaginação. Só tomará conhecimento do fato quando já não haja remédio.

— E se eu conseguir o que me pede... o que vai fazer depois?

— Viver do meu emprêgo. E a propósito, dr. Eduardo, quais os seus honorários para resolver o meu problema?

— Eu não havia pensado nisso... creio que uma idéia no meu subconciente é que me impedia de estabelecer uma média para êsse caso...

Ai o dr. Eduardo Menezes parou de falar e envolveu Maria Célia num longo olhar de admiração. Êle era rapaz solteiro, com trinta-e-cinco anos de idade e dez de tiro-

"Uma caça noturna..."

...sòmente por causa de uma única pulga — é uma grande maçada!



Não se aborreça... Polvilhe sôbre o lençol e o próprio corpo NEOCID em pó... e continue seu sono, tranquilo. Use o pó, que não irrita a pele e não deixa cheiro.

Para pequenas aplicações prefira a latinha de NEOCID *em pó*

NEOCID

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO.

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal

Livrai-me do casamento

(Cont. da pág. 49)

cínio. Conhecia relativamente a humanidade e confessava não ter encontrado ninguém comparável com a criatura sentada à sua frente. Quantos anos ela teria? Trinta, no máximo, baseando-se nos anos decorridos de seu primeiro casamento para cá, porque, aparentemente, ela não teria mais de vinte-e-cinco. O advogado continuava com os olhos pregados na moça, fazendo um balanço mental do seu tipo: Não pesaria mais de cinqüenta quilos. Cintura sensìvelmente delgada, busto proporcional, ancas desenvolvidas, talhe flexível, cabelos castanhos claros, olhos rasgados... Com efeito, Maria Célia oferecia um lindo quadro para um homem de gôsto apurado.

— Chegou à uma conclusão? — perguntou a moça, interrompendo-lhe a reflexão.

— Sim. Se eu conseguir libertá-la dêsse casamento sem que você vá parar na cadeia, ficando ainda, livre de qualquer processo, o meu preço é... casarmo-nos.

— Oh!

A vida de Isadora Duncan

(Cont. da pág. 38)

sua dança. Uma ocasião, em Londres, onde começara sua jornada continental de dança, travara conhecimento com Gordon Craig, filho da famosa atriz Ellen Terry. Êle foi pai do primeiro filho dela. O corpo de Craig era tão delicado como o de uma menina, mas suas mãos de polegares grossos e com ponta reta, como os de um macaco, indicavam a fôrça de um atleta. Era "uma criatura semelhante a Shelley, feito de fogo e relâmpago", e tinha planos para um teatro como só um gênio os poderia conceber.

Para Isadora, à primeira vista êle não era desta terra. Quando chegou a conhecê-lo melhor, convenceu-se de que êle viera de um planêta onde habitavam anjos. "Êle vivia num estado de exaltação da manhã à noite. Já com a primeira xícara de café, sua imaginação ficava em fogo e cintilava. Um passeio comum pelas ruas com êle era como um passeio na Tebas do Antigo Egito com um Sumo Sacerdote superior".

Quando a criança estava por chegar, Isadora foi viver nas praias do Mar do Norte. Sua casa estava encarapitada nas dunas de areia, no tôpo de uma escadaria de cem degraus. E ai nasceu sua filha Deirdre, de cabelos d[illegible]dos. E Isadora continuou a dançar, a [illegible]nçar no coração dos homens.

Viajou pelo Nilo acima com um milionário que se fêz pai do segundo filho dela, Patrick. O vinho do amor foi doce para ela no Egito. Mas ela passou agitadamente para outros braços.

Era a supermulher nietzschiana de um mundo futuro. Sua arte, seu amor, sua religião eram seus filhos, aquêles dois frutos do seu ser, almas da sua alma. Logo que êles aprenderam a caminhar, ela os ensinou a dançar; quando os acompanhava ao piano, êles dançavam com suas túnicas brancas como passarinhos. Não tinham nada da educação convencional das outras crianças. Eram tão naturais, tão livres de vergonha como dois raios de sol após um chuvisqueiro matinal. Êles seriam mestres na dança para tôdas as outras crianças, dizia ela. Pois que a esperança do mundo estava nas criancinhas. Em tôrno dessas crianças ela construiria uma escola baseada no límpido e mágico culto da expressão natural.

Uma tarde a governanta saiu com Deirdre e Patrick para um passeio de automóvel. Isadora beijou a janela no lugar em que poucos momentos antes sua filha encostara o grosso narizinho. Em seguida estirou-se num divã a fim de repousar para o seu espetáculo de dança à noite. De repente alguém entrou no quarto com semblante aterrorizado:

— Seus filhos morreram.

O sedã em que o chofer levara as crianças a passear caíra no rio Sena. A governanta foi encontrada abrançando-as contra o peito como que tantando patèticamente resguardá-las da água que invadia o auto.

Centenas de estudantes reuniram tôdas as flores brancas que puderam achar e as espalharam nos arbustos do jardim de Isadora. As crianças foram levadas para casa, foram vestidas com suas roupas mais finas, e tiveram seus cabelos penteados e encaracolados como se estivessem apenas dormindo e fôssem acordar com o sol. "Jazem de mãos dadas como dois anjos risonhos".

Isadora se ajoelhou. Não queria saber de lágrimas. "Êles nunca tiveram um pesar; não devemos estar pesarosos hoje. Quero ser bastante corajosa para fazer a morte linda, por tôdas as outras mães que perderam seus filhos..."

Quando levaram aquêles pequenos cadáveres para o forno crematório, ela sentiu que a vida tôda era um sonho. Se assim não fôsse, quem poderia sobreviver a suas tragédias? Cortou seu cabelo e o arremessou ao mar. Depois disso sua dança tornou-se ainda mais bela. Dançava com braços que nada embalavam. "Quem poderá esquecer os gestos dos braços maternos que não embalavam nada?"

Em busca de novos desígnios na vida, Isadora foi com Raymond para a Albânia, de onde vinha notícias de grande fome entre o povo. Auxiliou-o a organizar um grupo de mulheres que teciam à beira-mar, e as ensinou a cantarem ao mesmo tempo que trabalhavam, para aliviar a monotonia da sua tarefa. Fizeram um grande número de bonitas colchas, e Raymond as vendeu em Londres. Com a quantia que rendeu essa venda êle comprou alimentos para as tecelãs famintas e suas famílias.

Isadora regressou a Paris justamente quando os tambores da Primeira Guerra Mundial começavam a rufar seu ritmo de morte.

O govêrno se apoderou da sua escola de dança e a transformou num hospital. Isadora achava-se muito doente. Carregaram-na numa padiola para lhe mostrar o que estava sendo feito. Os pratos decorativos e as telas que ela tão triunfalmente pendurara nas paredes estavam sendo retiradas, para serem substituídas por Jesus Crucificado. "Dioniso fôra completamente vencido. Ali reinava Cristo".

IV

Os anos de guerra passaram. Firmou-se na Rússia um govêrno revolucionário. Quando Isadora soube da notícia, meteu-se na túnica vermelha com a qual frequentemente dançava a *Marselhesa*, e dançou pelo advento da segunda aurora do mundo.

Em 1921, o govêrno comunista convidou-a a ir a Moscou abrir uma escola para crianças bailarinas. Ela aceitou o convite com louco entusiasmo. Ali estava afinal o sentido da vida. Não estava interessada na política da nova ordem, mas se interessava extraordinàriamente pela oportunidade de uma nova arte. Agora mostraria ao mundo o que quisera expressar com a sua dança. Nunca almejara criar uma diversão para platéia, mas uma religião para o povo. Não havia nada mesquinho na sua arte. Era um método para construir uma humanidade melhor: a inteligência mais alta no corpo mais livre. Êsse tinha sido o segrêdo da democracia na Grécia antiga. Ela faria de Moscou uma Atenas; faria uma Atenas do mundo inteiro! E lidaria com crianças. Não queria nunca mais sentir a perda de Deirdre e Patrick. Ensinaria os filhos dos trabalhadores e dos camponeses a se exprimirem com beleza, e êles por sua vez ensinariam outras crianças até que um dia tôdas as crianças do mundo dançassem ao som da Nona Sinfonia de Beethoven, tornando uma coisa real a fraternidade huma-

(Cont. da pág. 52)





LUSTRES DE CRISTAL de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO — FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428

JUNTO AO TÚNEL NOVO

Fim de um noivado

(Cont. da pág. 35)

motivo. Finalmente, a terceira e última, seria eu me comprometer solenemente, a residir com êles, isto é, ocupar o apartamento recentemente construido em seu próprio domicilio, especialmente para nós, sendo amplo, moderno e luxuoso, já se achando ricamente mobilado e decorado, segundo o gôsto da sua filha. Sem a quebra do respeito que tributava ao venerando pai da minha ex-noiva, disse-lhe tôda a verdade à luz da razão, primando pela não omissão. Comecei dizendo que impugnava sumàriamente a primeira das condições, por ser absurda, descabida e extemporânea: Absurda, porque não havia nada no mundo que me pudesse forçar a pedir demissão, visto como o amor que dedico à minha Pátria, é um sentimento elevado e superior, que se não confunde e se sobrepõe a tôdas as afeições secundárias indistintamente, tratando-se de um ideal, sacramentado por um compromisso e um juramento sagrados. Descabida, porque para administrar-se uma fortuna, já feita e consolidada, maciça e inalienável, nada tendo de transcendente, seria elementar e rotineiro, bastando para isso, critério e bom-senso, uma vez que tudo já estava feito, tratando-se apenas da sua conservação e não do seu desenvolvimento. Demais, várias Companhias e Bancos desta praça, de conceituado renome e libada honestidade, mediante módica comissão, encarregavam-se dêsses misteres, tomando sob sua responsabilidade exclusiva, esta parte de somenos importância; pretender o contrário, seria falsear a verdade, complicar fatos singelos, encarados pela enganosa lente de aumento de um egoismo desmedido, que tudo reivindica cavilosamente para si. Extemporânea, porque seriam admissiveis tais condições se formuladas, na ocasião em que foi feito o pedido e não na véspera do casamento e que quando lhe havia pedido a mão da filha, obtive resposta favorável e pleno consentimento paterno, não me sendo apresentadas condições, exigências, ou objeções de qualquer espécie ou natureza. Se tal houvesse acontecido, teriam sido altivamente repelidas, jamais me sujeitando às restrições de ontem, como às imposições intempestivas de hoje. Destarte, sendo impugnada a primeira das condições, pelas razões explicitas e a segunda sendo uma sua decorrência precipua, estaria concomitantemente prejudicada e igualmente repudiada. Quanto à terceira, comprometia-me apenas, satisfazê-la em parte, isto é, residiria no apartamento quando e sempre que servisse nesta Guarnição. E que reputava a aceitação global e irrestrita das condições, altamente ofensivas ao meu brio, desinterêsse e desprendimento, consubstanciando uma troca deslavada da minha posição pela riqueza, despersonalizando-me para ser rico, com evidente prejuizo moral para mim, deixando-me seduzir pela tentação do fausto, em detrimento das minhas modestas aspirações profissionais. Retrucou, reiterando obstinadamente manter as suas condições e que sendo estas impugnadas como o foram, estava declarado o impasse de imprevisiveis consequências. Possesso de raiva, diante da ameaça velada desta insinuação, resolvi romper decisivamente, liquidando de vez a controvérsia, dizendo-lhe que o preço exigido pelo direito de possuir um lar e constituir familia era exorbitante, estando muito além e acima das minhas parcas possibilidades, a menos que eu perdesse o decôro, a compostura e o respeito que devo a mim mesmo, denegrindo a minha consciência, aceitando a minha falência moral. Se para eu me casar fôsse preciso descer tão baixo, humilhar-me tanto, corrompendo-me pelo subôrno, mergulhando na venalidade, como um desfibrado, sem escrúpulos, positivamente o casamento não havia sido feito para mim. Portanto, a partir daquele momento, estava irrevogàvelmente anulado o meu noivado, ficando ambos os noivos liberados de qualquer compromisso anteriormente assumido, para todos os efeitos. Encerrei o assunto com a minha repulsa em face da insólita coação exercida. Apresentei as minhas excusas, cortêsmente, por ter que me retirar, penitenciando-me por possiveis excessos da minha parte e agradecendo o fidalgo tratamento que nos fôra dispensado, notadamente a mim, em particular, e a minha familia, de um modo geral. Retirei-me.

★

— Que sucedeu depois?

— Contaram-me os meus, que lá permaneceram, por

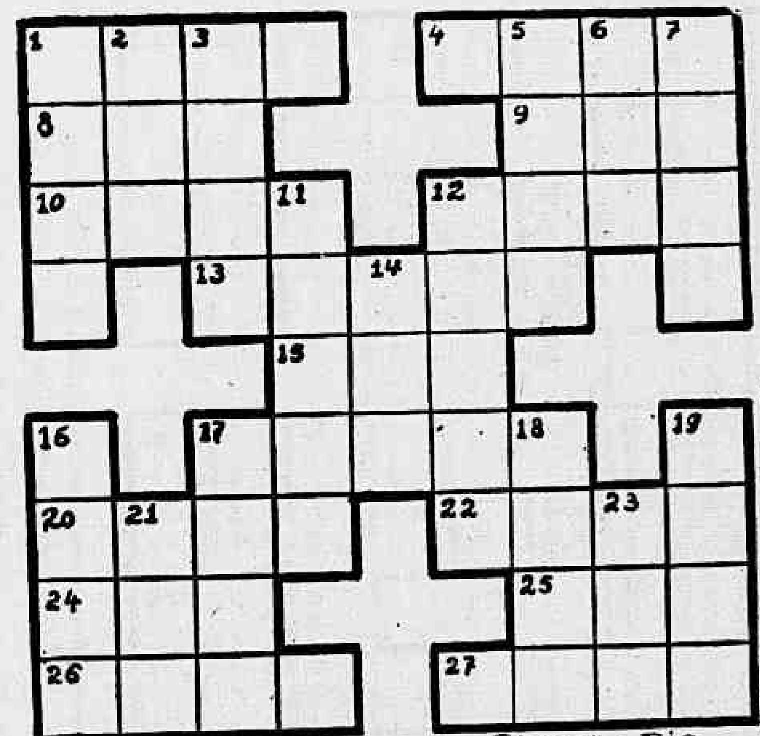
(Cont. da pág. 53)



Flagrante obtido por ocasião do recital das alunas de piano da professora Maria Aparecida França Borges, que se vê ao centro, sentada, tendo a seu lado a maestrina Joanídia Sodré, diretora da Escola Nacional de Música, onde teve lugar essa festa de arte.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 26 — PARA NOVATOS

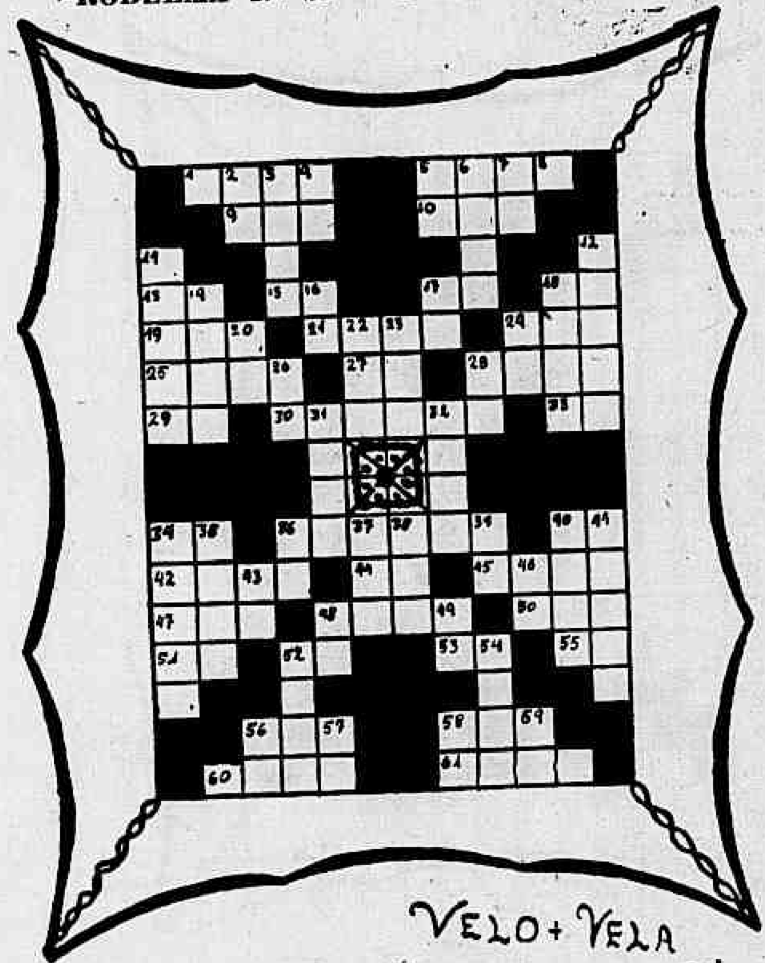


Otaner - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Fruto de palmeiras — 4. Gostas — 8. Para barlavento — 9. Criada — 10. Raspo — 12. Ilha de coral — 13. Cume — 15. Pedra de altar — 17. Albumina do ovo — 20. Espaço aberto no interior dum edifício — 22. Território brasileiro — 24. Sofrimento — 25. — Seguias — 26. Rezar — 27. Esticada.

VERTICAIS: — 1. Semblante — 2. Folha de palma — 3. Taça — 5. Destrua — 6. Senhor — 7. Compartimento principal duma casa — 11. Pedra semi-preciosa de côr leitosa e azulada — 12. — Comida feita de massa de feijão cosido frito em azeite de dendê — 14. Cólera — 16. Destino, sorte — 17. Substância produzida pelas abelhas — 18. — Agudeza — 19. Movel de sala de refeição — 21. Grande porção — 23. Titulo abissínio.

PROBLEMA Nº 26 — PARA VETERANOS



VELO + VELA
Rio

HORIZONTAIS: — 1. Iguaria feita de camarões e quiabos — 5. Fiasco — 9. Cabelos brancos — 10. — Interjeição dos índios e caboclos do Amazonas exprimindo espanto, alegria — 13. O mesmo que preguiça — 15. Espécie de vinho do Marne — 17. Grande massa — 18. Rio da China — 19. Comédia satírica de Aristofanes — 21. Rolão — 24. Carlinga — 25. Nome que recebem as piabas pequenas — 27. 12ª letra do alfabeto grego — 28. Ligar — 29. Feminino de sufixo «ão» — 30. Teriaga — 33. Deus egípcio — 34. Aragem — 36. Permanecer muito tempo — 40. Pessoa exímia — 42. Espécie de seta muito aguda — 44. Em partes iguais — 45. Vulcão da Itália — 47. Senhor — 48. Espécie de mosquito miudo — 50. Cachaça de mau gosto — 51. 10ª letra do alfabeto árabe — 52. A segunda pessoa da trindade confuciana — 53. Sufixo que designa o agente — 55. Modo — 56. Avedo-paraiso — 58. Intimo — 60. Renques — 61. Divisão de um caule.

VERTICAIS: — 2. Flecha usada pelos antigos turcos — 3. Ladrão do mar — 4. Entrada — 5. Pôpa — 6. Curvatura de abóbada — 7. A ti — 11. — Parto — 12. Bando de animais — 14. Tratamento familiar de meninas e moças — 16. Caminhar — 17. Canhamo da India — 18. Fechar as asas para descer mais depressa — 20. Curada — 22. Aranha amazônica — 23. Bagaço de que se faz a aguapé — 24. 16ª letra do alfabeto grego — 26. Forma antiga da 1ª nota musical — 28. Pelo que cobre o carpo de certos animais — 31. Fertil — 32. Pedra preciosa — 34. Pequeno peixe da família dos Caraciídeos — 35. Pequena abertura, fenda — 37. — Espécie de macaco — 38. — Interjeição imitativa de tiro ou pancada — 39. Retaguarda — 40. Cadeiras — 41. Deserto africano — 43. 17ª le-

(Cont. na pág. 52)

CICLISTAS!

Este é o novo



O MAIS PERFEITO
FREIO CONTRA PEDAL
DO MUNDO

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LIMITED

BIRMINGHAM .... INGLATERRA

A AMADA IMOVEL

(Cont. da pág. 39)

Tal é o assombro do poeta diante da morte, tão grande o seu afeto por essa extinta adorada, que na busca à sua certeza êle consegue o milagre do conúbio espiritual — que por certo lhe bastou à dôr lancinante — e teve a graça de trazer aos que lêem os versos de «La Amada Inmóvil» uma espécie de tranquila aceitação do mistério da morte, uma doce conformidade de alma que nos faz repetir com aquela criança de «L'oiseau bleu»:

— «Il n'y a pas de morts».

Amado Nervo conseguiu pelo amor êsse desejo da morte que, se êle não nos in fundir totalmente pelo menos faz cintilar aos nossos olhos:

«Y un dia te fuiste
ay triste! ay triste!
... Pero te hallaré;
pues oculta ciencia
dice a mi conciencia
que em outra existencia
te recobraré.»

E adiante:

«Estoy citado
con una muerta,
y un dia de estos ha de llamar...»

Todo o livro é essa certeza otimista, quase miraculosa, de cujo prodigio — não é possivel negar — acabamos participando também um pouco. E temos a impressão de que sua morta imortal ficou apenas imóvel por um instante, para acordar depois para a beleza, para o amor — para um pavana talvez.

L Y S E

A vida de Isadora Duncan

(Cont. da pág. 50)

na. Enquanto viajava para Moscou, cantavam-lhe no espírito estas palavras:

"Deixem-se invadir pelo amor, vocês milhões. Eis um beijo para todo o mundo!..."

E Isadora, na companhia de sua felicidade recém-achada, apareceu ante os operários russos na sua túnica vermelha, e dançou a *Marcha Eslava*. Com um sublime gesto se ergueu da posição de joelhos em que estava, atirou-se para trás e quebrou os grilhões da humanidade, enquanto os trabalhadores aplaudiam e cantavam a *Internacional*.

Mas o mundo não se achava bastante preparado para a arte dela. O govêrno russo estava por demais ocupado com a alimentação dos trabalhadores para se inquietar com a dança dêles. A escola de Isadora para a criação da beleza internacional teve um fim prematuro.

Que remédio, era a vida! Entre os artistas para quem ela dançava, divinisou uma cabeça loira. Ficou arrebatada e se lançou aos pés de Sergei Alexandrevitch Essenine. Sergei salientava-se entre os jovens poetas da revolução. Tocava balalaica divinamente. Era um alto e vigoroso camponês, incapaz de compreender uma palavra da linguagem daquela mulher. Uma mulher magnética, ardente, parecida com Vênus até que se visse de perto o rosto dela. Era um rosto sulcado "pelos anos e pelas lágrimas". Êle não tinha mais do que vinte-e-sete anos.

FALA HUMBERTO DE...

(Cont. da pág. 7)

não ver a mão esquerda, a esmola que a direita tiver dado. Após a leitura do versículo, tem lugar as apreciações, os comentários, as preleções a propósito, desenvolvidas por outros componentes da mesa. Tudo simples, sem transes, sem os espasmos, sem nenhum ritual de extravagância ou «cheirando» a sobrenatural.

Reparamos, então, que nesse meio-tempo, Chico Xavier e outro médium atacam outra tarefa: cada qual, cobrindo o rosto com a mão esquerda, o cotovelo apoiado no tampo da mesa, com a mão direita munida de lápis, vai rabiscando centenas de folhas em branco que foram colocadas à sua frente. E em cada folha — podemos observar também— há, na parte mais alta, um nome e um endereço. São os pedidos de receituário provindos de lugares distantes do Estado e de todo o Brasil, que os dois mediuns vão atendendo, numa escrituração ininterrupta, sem tempo, sequêr, para fixar o nome e o endereço. Mesmo porque ambos estão de olhos tapados.

Na montanha de folhas sôltas que vão passando pela mão firme de Chico Xavier, encontram-se as seis laudas em que redigimos as nossas perguntas insertas em outra página desta reportagem. Foram escritas antes de iniciados os trabalhos, na mesa de um bar, onde fizemos o nosso «lunch», enquanto se aguardava a hora da sessão — e entregues a Chico Xavier momentos antes.

Pormenor importante: no ato de serem iniciados êsses trabalhos, o presidente convidou o repórter a tomar parte na formação da mesa. Assim, mais de perto foi possível acompanhar as minúcias da sessão. Mas precisavamos ilustrar esta reportagem com uma imprescindível documentação fotográfica. Solicitamos do presidente, autorização nesse sentido. E' consultado o «guia» e a resposta não se faz tardar: Sim, podemos levantar-nos quantas vêzes seja de nossa vontade e bater as chapas que julgarmos necessárias. Assim fizemos.

Duas horas e meia mais tarde, quase meia-noite, atendido todo o receituário, respondido os nossos quesitos — era encerrada a sessão.

E depois de atender às últimas consultas que, pessoalmente, lhe faziam peregrinos, crentes, enfermos, procedentes de lugares remotos, Francisco Cândido Xavier saia em nossa companhia. Nosso carro preparava-se para a jornada de volta a Belo Horizonte, onde chegariamos hoje, madrugada alta. Oferecemos condução ao médium — êle a aceita, em companhia de um amigo. Mas quando pensamos que vai pedir-nos para deixá-lo em casa — Chico Xavier mora na mesma rua, duas quadras adiante — eis que solicita levêmo-lo até mais adiante, onde vai ainda visitar uma pessoa enfêrma.

Voltamos enfrentando a chuvarada, a estrada lamacenta, os perigos da noite. Mas com as chapas batidas — e os originais das respostas de Humberto de Campos — ou Irmão X — no bolso. O resto, outras impressões pormenorizadas dêsse episódio, ficam para a próxima correspondência.



TRANSPIROL

PALAVRAS CRUZADAS

(Cont. da pág. 51)

tra do alfabeto grego — 46. 3ª letra do alfabeto árabe — 48. Espécie de esturninho — 49. Medida japonêsa de peso — 52. Tumor no joelho de alguns animais — 54. Fruta-pão — 56. Outra cousa — 57. Epiglotte — 58. Conduzir — 59. Rio da Sibéria.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Cal — Tal — Te — Emendar — Em — Idosos — Areado — Lema — Mar — Prós — Rádio — Trair — Loas — Ouse — Só — Tu — Pões — Tôni — Corso — Irene — Moda — Aar — Volt — Emendar — Erosão — Lê — Olarias — Ré — Ror — Ora.

VERTICAIS: — Ceder — Lesado — Trepas — Ledor — Til — Mó — Esmos — Darto — Ar — Mós — Omalópe — Arientinos — Iates — Rubor — Orador — Soara — Tirei — Nevoso — Comer — Elara — Mel — Toé — Al — Rã.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Mamão — Aspas — Sal — Iam — Magas — Aspes — Iva — Iracema — Ava — Repicar — Róridos — Arurá — Che — Toiós — Aarão — Olaia — Lúpia — Marca — Amura — Toa — Iatás — Saturno — Pássaro — Cró — Aórtico — Dal — Salta — Aureo — Lio — Air — Miose — Iroso.

VERTICAIS: — Asa — Magicar — Alara — Sismo — Papar — Ame — Pirar — Mapuá — Sarco — Aereo — Sadia — Massa — Ver — Vôo — Irapurú — Ioiocas — Api — Lua — Basco — Lutos — Parálio — Atora — Mapia — Risório — Atado — Isola — Mar — Ará — Notos — Acuar — Ali — Ers.



quase podia ser filho dela. Ficou fascinado por ela... e a desprezou. Mas ela era persistente. Aprendeu expressões russas para dizer a êle: lindas palavras de amor.

Mulher de idade, pedante, estúpida!

— Ya gotova chevolat cledi tvoik nog — disse ela suavemente. — Adoro até o chão em que pisas!

— Vá para o diabo! — respondeu Sergei.

Ela passava os dedos pelos cabelos dêle. Tinha grandes planos para êle. Ela, que havia jurado jamais se casar com homem algum, casou-se com êle. Fêz um testamento legando-lhe todos os seus bens. E êle dava-lhe pontapés, batia-lhe na face, rasgava-lhe os retratos das crianças... e escrevia poesias geniais!

Isadora levou-o para fora da Rússia. Vestiu-o com roupas caras e causou sensação por tôdas as partes da Europa em que viajou com êsse "urso louco da Rússia".

Vieram à América. Isadora dançou no Symphony Hall, em Boston, agitou um lenço vermelho sôbre a cabeça e gritou histèricamente:

— Isto é vermelho. E' a côr da vida e da fôrça. Já fôstes uma vez selvagens aqui. Não vos deixeis domar!

Em consequência disso, várias senhoras idosas e cavalheiros levantaram-se dos seus lugares e saíram pressurosos, conquanto os jovens estudantes de Harvard continuassem a aplaudir.

Em tôdas as entrevistas com os homens de imprensa, Sergei meneava a cabeça vigorosamente:

— Isadora, estou com fome... comer... comer!

Novamente de volta a Paris, no Hotel Crillon. Sergei, no acaloramento com que recitava suas poesias, arremessava as cadeiras pela janela, despedaçava os móveis, quebrava os espelhos e as portas, segurava seus convidados para a ceia pelo pescoço e os empurrava em tôrno da peça Foi prêso. Isadora intercedeu por êle, explicando que o marido era um homem mesmo doente, que sofria de ataques de epilepsia. Soltaram-no em virtude do compromisso que êle deixaria a França imediatamente. O casal atravessou a fronteira da Alemanha. Na noite seguinte Sergei, sentado nos seus aposentos do hotel, tocou sentimentalmente sua balalaica, enquanto a luz inocente de um céu azul fluía dos seus olhos. Mas de súbito se levantou em tôda acesso de quebrar móveis. Foi internado num hospício. Mais uma vez Isadora dirigiu-se súplice às autoridades, pedindo por seu amado Sergei. Não podia viver sem êle.

O lindo rapaz era incompreendido, explicou ela. Êle era um encanto: tão sensível, tão apaixonado! Prometeu que havia de lhe controlar os caprichos.

Puseram-no em liberdade; e não demorou muito que êle já estivesse a brandir uma pistola, ameaçando de atirar em Isadora. Noite após noite ela saía do quarto de dormir à procura de outro quarto, a fim de salvaguardar a vida. E na manhã seguinte êle vinha se ajoelhar diante dela; e ela o acariciava afetuosamente.

A caminho de Moscou, Sergei espatifou as janelas do trem. Roubou o dinheiro de sua espôsa e malbaratou montes de cédulas pelos cafés. Trazia constantemente consigo uma maleta, e ameaçava matar quem quer que a afastasse dêle. Mas um dia deixou-a em casa; Isadora abriu-a e achou nela roupas e outros pertences seus, dos quais tinha dado falta.

Percebeu que o mundo começava a se aborrecer com o espetáculo de uma artista de meia-idade a se agarrar desesperadamente à sua "turbulência de gênio". Até seus antigos adeptos eram capazes de dizer:

(Cont. no próximo número)

JOGOS DA PRIMAVERA

(Cont. da pág. 12)

esportivo, é muito mais suportável do que o era há trezentos anos. O ritmo veloz de nossa existência exige um preparo adequado Quanto à «imoralidade», ela existe nas almas e não nos corpos. A mentalidade evoluiu e já não causa surprêsa ver moças praticando esportes, cobertas apenas por simples maiôs. Nas Olimpíadas, felizmente restauradas em fins do século passado, foi admitida a presença de mulheres entre os competidores, instituindo-se provas exclusivamente femininas. Representantes de tôdas as nações nelas aparecem. E na vida esportiva de cada nação, nos calendários das atividades, constam mais de uma competição dedicada só a participantes femininas. O Brasil não quis ficar atrás, e além dos vários campeonatos, interclubes, interestaduais, conta, desde o ano passado, por meritória iniciativa de nossos confrades do «Jornal dos Esportes», com uma Olimpíada Feminina, por enquanto restrita apenas ao círculo de influência da Capital da República. Mesmo assim, nêste ano registrou-se a eficiente presença do clube Pinheiros, de São Paulo, mostrando que a tendência é para incluir representações de todos os recantos do Brasil, o que acreditamos se dará em futuro bem próximo. Essa olimpíada tem um nome altamente sugestivo: «Jogos da Primavera». Não se poderia denominar melhor, pois que representa de fato uma exibição da «primavera» de nossa juventude feminina. Moças, mocinhas, verdadeiros «brotinhos», lindas, graciosas, ágeis e compenetradas de seus deveres esportivos, estiveram durante três semanas em competição, representando vinte clubes e oito colégios, em onze esportes diferentes. Soberba foi a demonstração de eficiência, de cuidado nos treinos, de responsabilidade, de disciplina e amizade, enfim, de esportividade, mesmo nas derrotas. Se algum senão houve, foi provocado por pessoas estranhas às competições, como no caso do sr. Gastão, do Icaraí, que se desmandou em impropriedades por ocasião da realização das regatas, protestando contra os resultados dos juízes, proferidos diretamente da «jamanha» na baliza de chegada, resultados êsses os mais imparciais e justos, segundo observamos, pois estávamos assistindo e colhendo fotografias. Ainda outro caso evitável foi o da torcida fluminense, que queria a todo custo fôsse o título da Rainha dos jogos levantado pela representante do tricolor. Apenas, haviam esquecido que o julgamento obedecia a três notas, uma de fisionomia, uma de plástica e enfim outra de eficiência esportiva, já que se tratava da eleição da Rainha de uma competição esportiva. Na realidade, a representante tricolor ganhou em beleza, mas foi superada na contagem de pontos obtidos nos jogos, e a Rainha, Margaret Schmidt, deve o seu título a uma bela vitória na prova de vela, pela qual seu clube conseguiu o bi-campeonato nesse esporte, o bi-campeonato em todos os jogos, já que venceu os de 49 também, e ela pessoalmente pela segunda vez é aclamada Rainha dos Jogos da Primavera.

Êste ano, como novidade, foram apresentadas as regatas femininas, pela primeira vez realizadas no Brasil e em tôda a América do Sul. Como curiosidade daremos os resultados finais dos jogos, dando os vencedores entre os clubes e entre os colégios:

Natação: Icaraí e Inst. Educação; **Esgrima:** Flamengo e La-Fayette; **Volei:** Icaraí e La-Fayette; **Ciclismo:** Icaraí e Esc. Carmela Dutra; **Hipismo:** Vasco e La-fayette; **Atletismo:** Pinheiros e La-Fayette; **Tênis:** Fluminense e La-Fayette; **Basquete:** Atlética Grajaú e Lafayette; **Tênis de Mesa:** Grajaú T.C. e Esc. Carmela Dutra; **Remo:** Icaraí e La-Fayette; **Vela:** Icaraí e Inst. Educação. — **Classificação final:** — 1º — Icaraí; — 2º — Fluminense; 3º Esc. Educação Física; 4º — Vasco; 5º — Tijuca; 6º — Pinheiros; 7º — Flamengo. — **Entre os colégios:** 1º — La-Fayette; 2º — Inst. Educação; 3º — Anglo-Americano.

Com alegria, reconhecemos a perfeita camaradagem existente entre tôdas as moças, fôssem elas descendentes de emigrantes nórdicos, louras, altas e sardentas, ou morenas de sangue africano. Exemplo dos mais belos para ser imitado e incentivado.

FIM DE UM NOIVADO

(Cont. da pág. 51)

princípios humanitários, prestando os primeiros socorros.

— Socorros?

— Sim. Houve uma cena dantesca. Um quadro sinistro, horrível! Um desastre completo. A minha ex-noiva, criatura fina e delicada, moça de grande sensibilidade, os seus nervos não suportaram a violência do golpe brutal, desferido inesperadamente, de surprêsa. Foi acometida de aguda comoção cerebral e forte ataque nervoso, perdendo definitivamente a razão, enlouquecendo, não havendo esperanças de restabelecimento remoto. A sua velha mãe, cardíaca bastante adiantada, seu coração claudicante e débil, não resistiu ao choque de assistir à loucura da sua única filha, falecendo repentinamente, na mesma ocasião, vítima de um colapso.

— O velho foi bem castigado!

— Tanto quanto mereceu, pelo seu egoísmo e orgulho. O remorso lhe consumirá o minguado resto de vida, como causador da loucura da filha e da morte da espôsa.

— Aceite os meus parabéns e condolências conjuntamente. Parabéns, pela atuação magnífica que teve neste drama doloroso da sua vida; condolências, pelo desenlace fatal que lhe cortou a felicidade.

— Muito lhe agradeço.

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Secão Especializada para Guarda de Títulos e Valores

★

Tôdas as operacões bancárias, inclusive câmbio.

MÚSICA

A CONSTRUÇÃO DE ERICH KLEIBER

de ROBERTO LYRA FILHO (Especial para a REVISTA DA SEMANA)

TENTEMOS analisar o comportamento de Erich Kleiber, como regente, destacando as qualidades que o credenciam para a ocupação de um pôsto singular, próprio, exclusivo, entre os grandes maestros. Na constelação dos valores artísticos, que se dedicam ao setor sinfônico, há uma série de "estrêlas". Ainda recentemente, recebemos a visita de uma, sem dúvida de primeira grandeza, que nos deixou a recordação de momentos excepcionais, de entusiasmo, vibração e sensibilidade desenvolvidos em programas consagrados pelo mais expressivo sucesso: foi Serge Koussevitsky.

Depois de dilatarmos os nossos padrões comuns de julgamento, afeitos à avaliação de performances menos deslumbrantes, compreendendo, perante Koussevitsky, tôda a grandeza da função do regente, que categoria restará para Kleiber, que posição sobra para êle na hierarquia do nosso aprêço?

Não interessa determinar, entre os grandes, quem é o maior. São duas figuras situadas num plano superior, cada qual independente, original, no pleno uso e gôzo de sua experiência, de sua maturidade artística, cada qual com uma personalidade distinta. Mas — se consideramos ocioso e mesquinho pôr lado a lado valores heterogêneos, para uma avaliação comparativa de méritos — é indispensável que saibamos distinguir a qualidade, a natureza da contribuição de cada um. Não podemos envolver os dois nos mesmos superlativos, confundindo-os na mesma estima intelectual. E' preciso que a nossa capacidade de apreciar determine o endereço da admiração, indicando as feições salientes, as características principais de cada um.

Assim, não basta classificar Erich Kleiber entre os que estão à frente, pelos seus méritos, do batalhão de maestros: sob pena de não ser possível distinguí-los, todos, nem justificar a alta opinião que êles merecem de nosso senso crítico, é preciso deixar bem claro, inequívoco, patente o que cada vulto individual trouxe à arte que cultiva com tanta proficiência

UM ARQUITETO

Erich Kleiber é, antes de tudo, um construtor. Enquanto outros regentes recebem, com impaciência, uma orquestra desarticulada, maltratada, Kleiber sabe encontrar os elementos úteis, as aptidões dêstes, e desenvolvê-las, extraindo o rendimento máximo.

O temperamental Toscanini é capaz de atirar longe a batuta e fugir apavorado se não sente, logo, a receptividade da orquestra ao seu comando trepidante e nervoso. Kleiber é diferente: meticuloso, preciso, desmonta o mecanismo sinfônico, dirigindo-se a cada peça dêsse mecanismo — a cada músico, portanto — ajustando, com paciência, os desalinhamentos individuais, construindo, com desvêlo, aos poucos, o edifício orquestral, no qual o trabalho minucioso mostra os seus resultados: a limpidez, a nitidez, que Kleiber consegue, é, justamente, o resultado da cuidadosa preparação.

Vem a segunda fase, então, depois de ter sido "domado" o "instrumento" — e o "instrumento", infinitamente complexo e delicado, do maestro é a orquestra. Já é possível obter dos seus componentes a integração perfeita no padrão geral da execução, traçado pela batuta.

O mais extraordinário, porém, é que tal esfôrço descentralizado, com a atenção aplicada a cada elemento, não compromete a visão geral que funde a participação individual dos músicos, no teor musical desenvolvido harmoniosamente: polidas as arestas, retiradas "as pedras do meio do caminho", a fluência da linguagem sinfônica revela tôda a sua maleabilidade, obedecendo, dòcilmente, à mão firme que traça o desenho e acentua o traçado, com variedade especial de matizes.

Por tais qualidades, Kleiber é o regente de que mais precisamos. Sendo, essencialmente, um mestre, um professor, a sua presença, à frente de uma orquestra, educa, aperfeiçoa, acrescenta ao patrimônio artístico do conjunto o benefício de uma série de lições admiráveis.

ATIVIDADES DO INSTITUTO DOS BANCÁRIOS

O Instituto dos Bancários, prosseguindo na tarefa que lhe foi delineada e cumprindo as diretrizes especiais traçadas pelo govêrno do Excelentíssimo Senhor General Eurico Dutra, vem dedicando todos os esforços ao seu alcance visando conceder da forma a mais ampla a assistência médica cirúrgica e hospitalar, juntamente com os benefícios assegurados pelo seu regulamento.

Dedicou-se, outrossim, aos problemas relacionados com a concessão daquela assistência e respectivos benefícios nos centros mais afastados desta Capital, promovendo a descentralização dos órgãos localizados nas Capitais dos Estados e nas cidades mais importantes, através o que se tornou possível a sua rápida concessão.

No que se refere à assistência médica, avulta pela sua relevância a que diz respeito ao combate à tuberculose, cujos resultados bastante satisfatórios já se evidenciam com o elevado número de associados recuperados para o trabalho. Mantém o Instituto nêsse setor quatro modernos sanatórios convenientemente equipados, localizados no Distrito Federal, S. Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza, estando mais outros três em construção, nas cidades de Salvador, Pôrto Alegre e Recife.

Com o combate à tuberculose, dispendeu o IAPB, no primeiro semêstre do corrente ano, a apreciável sôma de Cr$ 5.206.379,90, contra Cr$ 12.247.621,40, durante todo o exercício de 1949.

Resulta desde já, portanto, uma diminuição nessa despesa que corresponde à diminuição dos doentes e consequente reabilitação para o serviço.

Nos outros ramos da assistência médica, cirúrgica e hospitalar, distribuida amplamente aos seus associados e beneficiários, bem como aos aposentados e pensionistas, dispendeu o Instituto a elevada quantia de Cr$ 17.051.535,20, volume eloquente para demonstrar a sua extensão, que abrange exames para admissão, no qual se inclui a ábreugrafia, consultas, aplicações fisioterápicas, exames e análises, radiografias, intervenções cirúrgicas e internações para diversos fins.

Concomitantemente, não descuidou a instituição dos benefícos assegurados pelo seu regulamento, tais como, aposentadoria por invalidez, aposentadoria ordinária, pensões, auxílio funeral, auxílios natalidade e doença e benefício funeral, proporcionando-os em tempo útil, através a Delegacia do Distrito Federal e demais órgãos descentralizados.

O valor dos benefícios pagos no primeiro semêstre de 1950, ascendeu a importância de Cr$ 16.573.466,70, contra Cr$ 31.261.444,40, durante todo o exercício anterior.

Acresce notal que o IAPB, antecipando-se à Lei que assegurou o aumento geral dos proventos das aposentadorias e pensões concedidos pelos institutos e caixas, a partir de 1º de julho último, majorou, a partir de 1º de janeiro de 1950, os citados benefícios, numa porcentagem que variou de 10 a 27%, demonstrando mais uma vez, assim, a posição de inteiro equilíbrio em que se encontra.

Vem o Instituto dos Bancários, dêsse modo, cumprindo sua missão altamente social, proporcionando aos seus segurados os benefícios da legislação de previdência.

SURPRESAS DE UM CASAMENTO



E saímos para nossa lua de mel...







TERIA SIDO UM ÊRRO ÊSSE APRESSADO CASAMENTO DE CLAUDIA?

Muito felizes estávamos por podermos ir morar em um apartamento na cidade. Minha companheira Fran, tendo-se casado, fôra passar fora umas duas semanas. Como gostei de ir para lá, ao lado de Ted!



Na tarde seguinte, ao sair do escritório, voei para casa. Queria chegar lá antes de Ted. Eu tinha grande surprêsa para êle.







Foi fácil dissipar aquela ligeira nuvem com um beijo. E eu fiquei satisfeita com a compra da cadeira. Não quis ver em nosso lindo apartamento, a velha cadeira de Ted. Êle continuava a estudar fortemente e eu redobrava de trabalho no escritório.





TUDO ISTO ACONTECEU

NUDISMO PÚBLICO

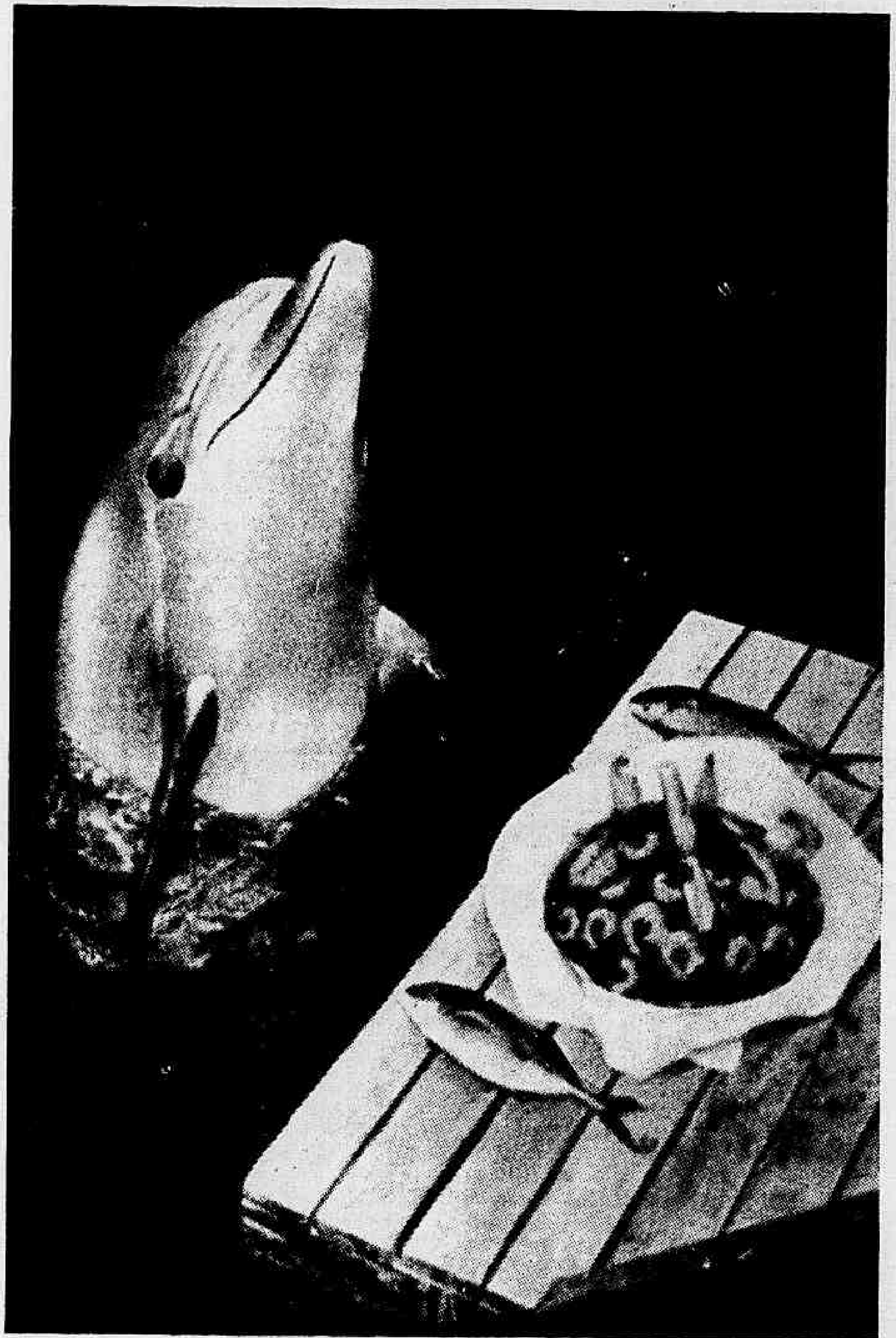


O uso de roupas é uma conseqüência da civilização. O indivíduo humano que procura regredir aos tempos das cavernas, também deveria renunciar à alimentação, à água filtrada, ao sapato, ao pente, a tôda espécie de higiene que a cultura nos deu. Isso de querer viver, em pleno século XX, como vivem os selvagens e cafres do interior africano, é um contrasenso que só se explica, e, com boa-vontade, pela filosofia. Que haja clubes de nudismo aí pelos subúrbios das grandes capitais, ainda se tolera. Uma vida ao sol, ao ar-livre, completamente desataviada de vestimentas e complicações sôbre o corpo, é até muito saudável. Mas, que se queira estender êsses hábitos nudistas para fora das portas dos clubes privados, é não querer respeitar os sentimentos alheios. Foi o que sucedeu agora no Canadá. Fundaram ali uma seita estranha, a dos "Dunkhobor", onde os adeptos vivem despidos. Funciona o credo em Kingston. Enquanto elas se mantinham confinadas em seus próprios domínios, tudo ia muito bem; mas, um dia, grande número dessas ninfas sem qualquer vèuzinho convencional, vieram completamente nuas até o centro da cidade. Diante do escândalo propositadamente feito, teve a polícia que intervir e prendê-las. Foram tôdas parar no xadrez de Kingston. Depois de certas formalidades processuais, foram remetidas para Toronto. Como não podia deixar de suceder, a notícia se espalhou com celeridade, e todo mundo acorreu à estação para ver os fenômenos de Evas nestas alturas da civilização. Quatro corpos de polícia lhes montavam guarda para evitar aglomeração. Elas se mantém firmes: não usarão roupa. Nasceram nuas e assim viverão e morrerão. E' da crença...

TAPIARAM AO BIÓLOGO

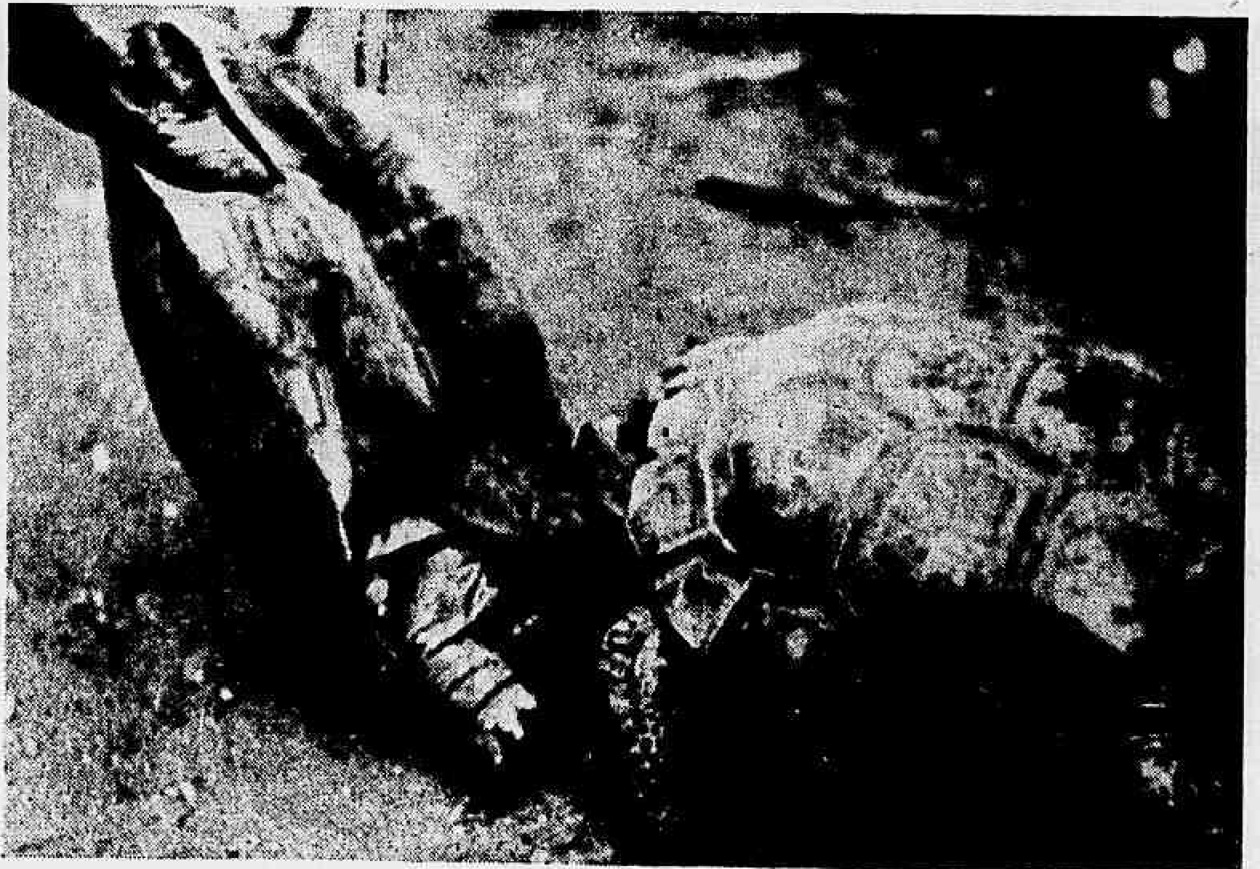


HOUVE em Atlantic City, Estados Unidos, uma reunião de biólogos. Isso, aliás, é coisa que há todos os anos naquela localidade. Mas, como sempre há teses esquisitas entre êsses sábios, apareceu uma que versava sôbre isto: "Quanto mais apurada e melhor é a comida para as pessoas humanas, tanto menor será sua prole". Reduzindo isso a trocados, temos o seguinte: os aristocratas, milionários, banqueiros, gente rica e que sabe comer bem e do melhor, fica sempre com limitadíssimo número de filhos. Mas, do lado oposto, isto é, do lado daqueles que vivem a comer do pão que o diabo amassou, a filharada é mesmo que mocó: às dúzias e, por vêzes, gêmeos e poligêmeos... Então os senhores professôres da Universidade de Chicago entraram a fazer consideração em tôrno do assunto e chegaram a esta conclusão: "A causa é a qualidade das comidas". Comida vulgar, ruim ou menos gostosa, já sabe: filhos em penca. Boas comidas, excelentes acepipes, belíssimos cardápios, um ou dois filhotes, se muito. Com certeza tapiaram os senhores biologistas. A causa da pequena natalidade entre os aristocratas, milionários e gente dinheiruda, não tem essa causa. O fato é muito outro. Os filhos, de qualquer maneira causam certos transtornos aos pais. Ora, todos sabemos, e os biólogos de Chicago também, que uma senhora da alta sociedade, com compromissos diários, não pode estar a serviço da sociedade com um filho por ano. E, daí... os anticoncepcionais, as operações antinatalícias, o que não se dá com a pobreza. Divertimento de gente pobre é ver filho nascer...

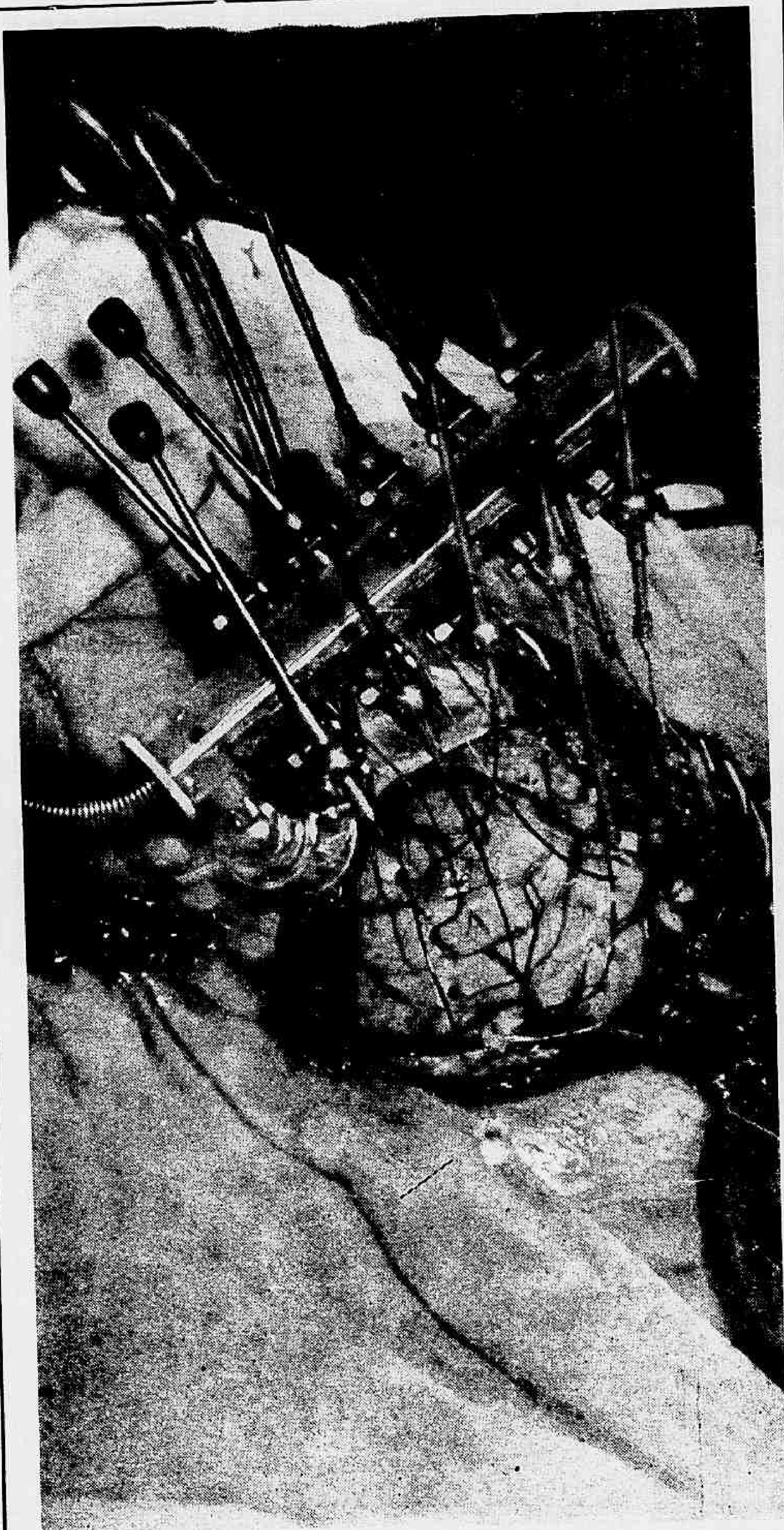


ÊSTE É O GOLFINHO "ALGY", habitante do museu oceanográfico de Mariland, na Florida. Quando completou um ano de vida, o diretor do estabelecimento homenageou-o com um «bolo» de aniversário, adornado com a respectiva velinha. Mas o «bolo» de um golfinho tem que ser algo diferente dos «cakes» da gente humana. Por isso foi-lhe oferecido um prato com saborosos camarões e peixinhos frescos de belo aspecto e delicioso sabor. Tudo preparado, começou a festa e, enquanto algumas pessoas cantavam «o happy birthday to you», o golfinho botava a cabeça de fora e apagava a vela... com jatos dágua. O resto é fácil de imaginar-se: devorou camarões e peixinhos até fartar-se. Só a vela e o prato escaparam...

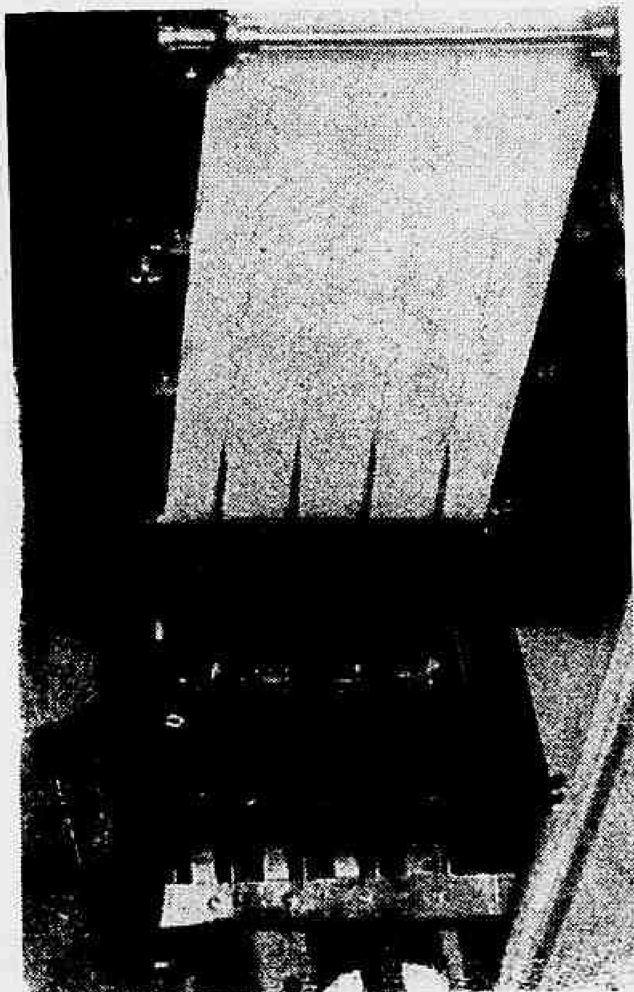




COMO SERÁ UMA LUTA romana entre as tartarugas? Ou entre os cágados e jabotís? Quanto às primeiras, não é muito fácil para nós, da espécie humana, apreciarmos; mas, quanto há cágados e jabotís, isso é mais fácil. E nesta fotografia podemos vêr uns lances do «match» em cinco rounds. Ambos os quelônios se aproximam «rapidamente» um do outro. O mais «ágil» nos golpes, pula por cima da carapaça do contendor, mas êste, aplicando tôda a ciência tartarugal do «catch-as-catch-can» quelônico, faz uma negaça com o corpo e o atacante vai para a frente. Se ficar de pernas para o ar, é «knock-out», pois morrerá se algum assistente ou juiz amavel não desvirá-lo...



PARA DESCOBRIR NUM CÉREBRO



enfêrmo o local exato do tumor canceroso oculto nos tecidos cerebrais, utiliza-se na França de hoje, o oscilógrafo que tem o nome do seu inventor, o dr. Fischgold. O cirurgião o aplica depois de ter praticado a trepanação na abertura da caixa craniana. Êste aparelho comporta uma série de electrodos que oscilam sob os efeitos de ondas emitidas pelos diferentes centros cerebrais. Essas oscilações são registradas, amplificadas e, por fim, "traduzidas" por meio de um gráfico inscrito numa tira de papel e as vibrações assinaladas indicam o local exato em que se formou o tumor.

MIL CONTOS NO GETÚLIO

MUITA coisa curiosa e interessante ainda virá a público em relação a episódios em tôrno das eleições de 3 de outubro de 1950. Mas, esta do capitalista de S. Paulo é, talvez, a maior, em se tratando de dinheiro como aposta política. E' o sr. Gabriel Pedro Moacir, um dos próceres mais destacados do P.S.P. no Estado do Rio Grande. Logo que as urnas começaram a mostrar-se favoráveis ao sr. Getúlio Vargas, no páreo dos quatro em direção ao Catete, o sr. Pedro Moacir fêz uma visita à estância de S. Pedro, onde estava o ex-ditador. Ao regressar a Pôrto Alegre, vários jornalistas lhe pediram novidades para suas fôlhas, tendo o entrevistado feito esta declaração inédita: "Fui portador de um cheque que um grande capitalista de S. Paulo ofereceu ao sr. Getúlio Vargas, como presente ao futuro Presidente da República, para que fizesse dêle o que bem entendesse". — De quanto era o cheque? — perguntaram os rapazes. — "De um milhão de cruzeiros" — respondeu o sr. Pedro Moacir. Como era de esperar, a informação era sensacional. Mas, perguntaram alguns, quem era êsse grande capitalista que lança mão assim de tão grande quantia para dar de mão beijada? O entrevistado pediu licença para não divulgar-lhe o nome, pois que o generoso amigo do P.T.B. e do sr. Getúlio Vargas em particular, não queria ver seu nome em manchetes de jornal. Fizera aquilo sem que tivesse de mexer em suas economias. Mas como?... Perguntaram. E o político explicou: Êsse milionário ganhou êsses mil contos de réis, de dois outros capitalistas que apostaram contra Getúlio. Êle topara a parada e ganhara. Para não ficar com o cheque, passara-o ao futuro Presidente, que, por sua vez, deu de presente ao P.T.B.



VAIDADE FEMININA

O ministro da Economia da Holanda estava impressionado com o aumento do custo da vida em seu país, especialmente em relação a artigos para senhoras. Achava êle que devia haver um jeito para deter a marcha das despesas entre o belo sexo e chegou à conclusão de que um dos artigos mais responsáveis pelo desperdício eram os sapatos. Entrando em confabulações e entrevistas com fabricantes e lojistas, acertou um plano, que lhe pareceu genial e definitivo: sugeriu às fábricas holandesas que passassem a fabricar um tipo de calçado para senhoras e senhoritas, em modelos resistentes, mas a baixo preço. Sendo de baixo custo, era evidente que os sapatos não fôssem tão elegantes e deixassem de ter certos adornos, que tanta graça e beleza dão aos pés femininos. Nenhuma fantasia nos novos calçados econômicos de salvação nacional. Postos nas vitrinas, todos os vendedores passaram a notar que as clientes não compravam nenhum dêsses tipos de economia. Sapato faz parte da elegância feminina. Deixa de ser exclusivamente um objeto de utilidade para alimentar-lhes a vaidade que é tão velha como o Zuider-See. E o resultado foi êste: enquanto os calçados da sugestão do sr. Ministro da Economia iam mofando nas caixas e perdendo a côr nas vitrinas, os de luxo, os elegantes, os de fantasias, entraram no mercado-negro... Pior a emenda que o sonêto. O encarecimento da vida aumentou imprevistamente em matéria de calçados na Holanda. E, agora, tudo terá que voltar como estava mesmo: calçado é elegância, e mulher sem elegância e vaidade, nasceu morta...



O PALHAÇO O QUE É?



ANTIGAMENTE, quando a "escola era risonha e franca", a propaganda dos circos era feita com a excursão que o palhaço fazia pelas ruas principais das cidades, montando num burrico e seguido de dúzias de garotos em algazarra. Era costume exclamar o palhaço em plena função publicitária do seu circo: "O palhaço o que é?" E a meninada respondia em côro: "E' ladrão de muié!" Mas o palhaço que assim perguntava e assim recebia a resposta leviana, jamais foi ladrão de mulher. Muitas vêzes elas é que o roubavam casando-se com êles e os afastando do picadeiro. Entretanto, por incrível que pareça, acabam os jornais do Rio de anunciar um palhaço que está mesmo [illegible] o "ladrão de mulher". Segundo queixa apresentada por uma ex-artista de um circo armado lá pela Av. Presidente Vargas, um dos palhaços da emprêsa teve a [illegible] de ir ao camarim da jovem e agarrá-la violentamente com intenções de beijá-la sem a prévia licença. A moça protestou [illegible] circo em que trabalhava anteriormente, deixando-o porque não pudera acompanhá-lo numa excursão pelo interior. os [illegible] eram todos homens respeitadores e [illegible] de compostura. Não estava habituada a sofrer dêsses vexames. Entretanto [illegible] do circo, apesar de estar ouvindo [illegible] queixa muito séria e digna de [illegible] "rigoroso inquérito", não deu a menor importância e até sorriu! O pior [illegible] que a moça ofendida em seus brios [illegible] feminino, perdeu o emprêgo, pelo [illegible] ter dado parte do palhaço, cujo [illegible] garante também ser "ladrão de mulher".

PRÊMIO NOBEL DA PAZ



O sueco Alfredo Nobel, certo dia descobriu um agente explosivo de terrível poder destruidor: a dinamite. Mas, infelizmente, desde logo as nações militaristas passaram a usar a dinamite para fins guerreiros. O coração de Nobel se consternou e êle morreu com imensa tristeza. Estava concorrendo para a desgraça humana, involuntàriamente. Aliás, isso também sucedeu com Santos Dumont, após ter descoberto a dirigibilidade do mais leve que o ar, e, em seguida, do mais pesado, o aeroplano. Invenção que deveria servir ao progresso dos povos, passou a ser arma de guerra. Morrendo Nobel em 1869, deixou estabelecido cinco prêmios anuais da Paz, sendo: para as ciências e medicina, três; para a Literatura, um; para os propósitos de paz, um. No ano de 1950 foi eleito como detentor dêsse direito, o sr. Ralph E. Bunche, homem de côr de 46 anos, filho de Detroit, Estados Unidos. O dr. Bunche é um homem de grande cultura. Tendo substituído o conde Bernadotte no trabalho perigoso de conseguir a paz entre Israel e os árabes, êsse norte-americano fêz um trabalho meritório. Como candidatos ao mesmo prêmio de 1950, enfileiravam-se Churchill, Truman, o Gen. Marshall e o sr. Pandit Nehru, primeiro ministro da Índia. Mas, além dêsses, havia outros vinte-e-quatro candidatos com os olhos no prêmio Nobel da Paz de 1950, não falando em seis instituições! Mas a comissão que analisa e outorga êsses prêmios, não teve nenhuma dúvida e distinguiu, dentre todos, o nome de Ralph Bunch, o primeiro homem de côr a ser honrado com tal prêmio. E o pacificador do Oriente Próximo, recebeu 30 mil dólares e uma medalha de ouro!

BORRACHA QUE ENCURTA



Na primeira década dêste século, a Amazônia nadava em ouro. Manaus e Belém eram cidades muito mais importantes, do ponto de vista artístico, cultural e social, do que o Rio, capital do país. O motivo era simples: a borracha estirava cada vez mais e dava para enriquecer a gregos e troianos. Foi nessa época de imensa prosperidade que o Brasil comprou o território do Acre, incorporando ao patrimônio físico e econômico do Brasil mais de 170 mil quilômetros quadrados. No quarto ano de anexação, já havia o Acre produzido borracha que deu para saldar os compromissos assumidos pelo Govêrno para tal negociação com a Bolívia. Manaus e Belém recebiam grandes e custosas companhias líricas, e os teatros do "Amazonas" e da "Paz", êste em Belém, viveram noitadas inesquecíveis, de opulência e luxo. Mas, depois, a borracha das ilhas do Pacífico sob a ocupação inglêsa e holandesa, passaram a produzir borracha, cujas sementes foram levadas do Amazonas. E tudo foi feito cientìficamente. Começou então a decadência amazônica. Essa riqueza era garantida pela borracha; acabando-se o império da borracha, estava liquidada a riqueza da famosa Hiléia, na classificação do sábio Humboldt. Com a última grande guerra, supôs-se que o borracha ia novamente dar aos amazonenses e paraenses, dias de grande glória e desafôgo financeiro. Mas tudo foi em vão. Mais de trinta mil nordestinos, mineiros e cariocas, morreram na ofensiva do "exército da borracha". E agora volta a Amazônia a pedir auxílio para não desaparecer de todo. Segundo denunciam, estamos na iminência de... importar borracha!

A CURA DA LEPRA

É a lepra incurável? Eis uma pergunta que tem feito correr rios de tinta e mexido com a cultura especializada de muitos sábios bacteriologistas. Até hoje, o conselho geral é negativo: a lepra, o mal de Hansen, não tem cura. O que se pode fazer é dar aos doentes uma vida mais confortável, para que êles possam esquecer um pouco a desgraça que os vitimou. Há, contudo, certas espécies de lepra que são curáveis. E isso já tem sido demonstrado na prática e em numerosos congressos de leprologia, tanto no Brasil como em outros países. Agora mesmo, ocorreu na Bahia um caso convincente. Tendo-se internado no leprosário de Águas-Claras uma doente, deu-se de tal maneira com o tratamento que lhe foi prescrito, que, a 18 de outubro dêste ano, foi considerada curada. O assunto interessou os meios científicos do país e o dr. Otávio Mangabeira, governador do Estado, fêz questão de entregar à internada um diploma de cura, de maneira que a paciente pudesse voltar ao seio das pessoas de sua família e da sociedade, sem o menor receio. Passara ela mais de um ano em tratamento e a medicação usada foram as sulfonas com adicionamento de vitaminas e reconstituinte geral. O ato solene da entrega do diploma de cura pelo sr. Otávio Mangabeira foi muito comovente e vem provar que o mal de Hansen é curável. E' curioso acrescentar que, no mesmo mês de outubro, no Leprosário S. Julião, em Campo Grande, Mato Grosso, dezoito hansenianos recebiam alta e deixavam o hospital. Resta saber se o tratamento foi semelhante ao de Águas-Claras.

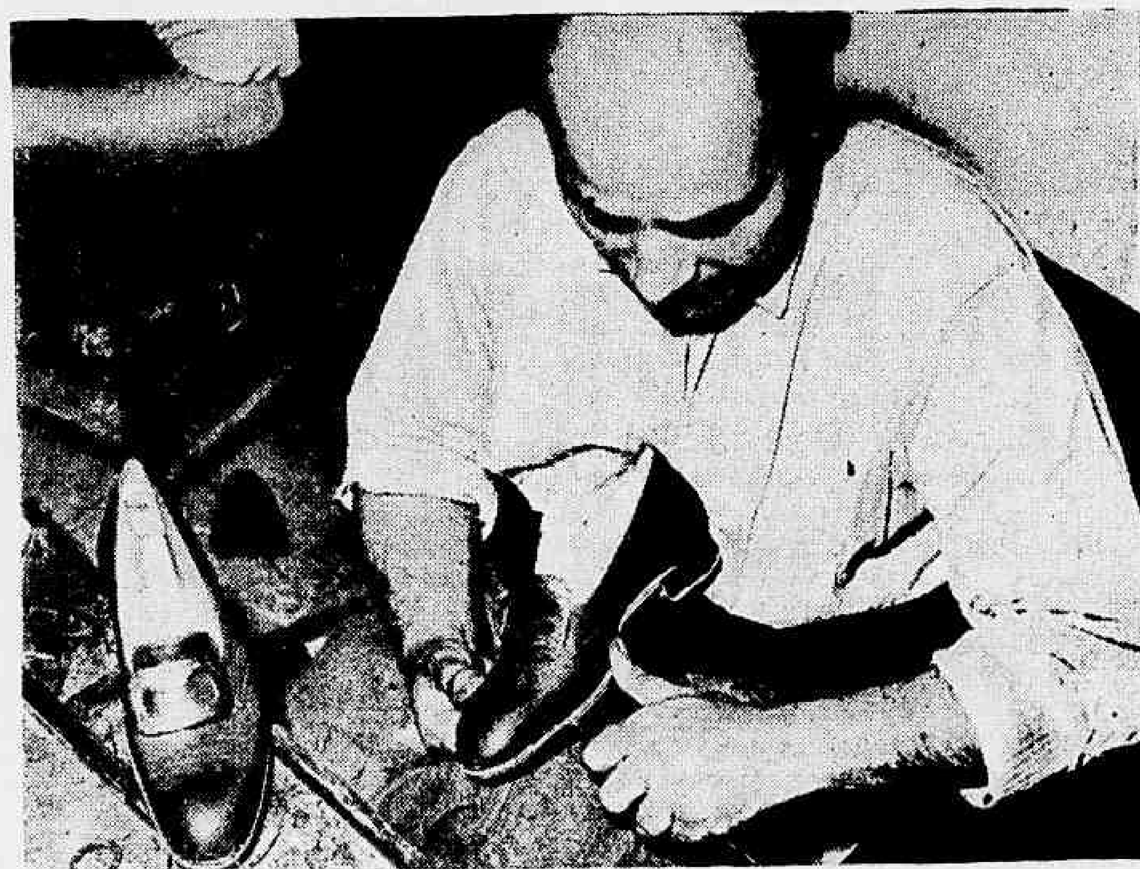




ÊSTE OPERÁRIO É TELÉSFORO CARBONI

o sapateiro do Papa Pio XII, e de muitos representantes do alto clero. Antes dêle, quem fazia os sapatos para o então cardeal Pacelli, era outro técnico em calçados eclesiásticos, Giuseppe Coltefoglie; mas, um dia, seus modelos não se adaptaram bem ao formato dos pés de Sua Santidade, e então, Telesforo Carboni lhe tomou o lugar, tornando-se o sapateiro do Papa. O número que o Príncipe da Igreja de Roma calça é 42; mas, nem todo calçado dessa medida lhe serve. Os pés do Papa são longos e finos, exigindo, pois, medidas especiais e não "standard", como as de qualquer mortal. E, quem lhe prepara os sapatos é o velho Carboni, que começou com sandálias de frades e terminou no Vaticano.





NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Fala Humberto de Campos (Celestino Silveira) 3/9
Parada Feminina (Sabino Canalini). 12/17
Já chegou o seu? (Daniel Caetano). 22/25
Todos são romeiros (Abdias Rodrigues) 28/33
Espanha de Hoje 36/37

LITERATURA

Três variações sôbre o amor (Domiciana) 26
Fim de um noivado (Celso B. Ramos) 35
A Vida de Isadora Duncan (Henry-Dana Lee Thomas) 38
Semana Literária (Edmundo Lys) 44/45

ATUALIDADES

Um rei que sabe divertir-se. 19/21

HUMORISMO

Bom Humor 18
Noite de lua (Nicodemus). 27
O Baile (Theo)........... 34

SEÇÕES PERMANENTES

A Sêmana em Revista.... 10
Personagem da Semana... 10
Puxe pelo cérebro........ 10
Palavras Cruzadas 51
Música (Roberto Lyra Filho) 53
Tudo isto aconteceu....... 55/57

FEMININAS

Maillots de Hollywood.... 39
Week-End na Praia....... 40
Hora do Cocktail 41
Modelos em algodão....... 42
Chapéus exóticos 43
Blusas Ligeiras 46
Week-End na Cozinha.... 46/47
Modelos em tafetá.......... 47

FOLHETIM

Surprêsas de um casamento

ILUSTRAÇAO

Osvaldo da Cunha

BONECOS

Rafael

FOTOS

Celestino Silveira - Sabino Canalini - Walter Morgado - Ipa Avulsas.

NA CAPA:

Marilyn Maxwell
(Foto M.G.M.)

O HOMEM BOM DE PEDRO LEOPOLDO

QUANDO o repórter da REVISTA DA SEMANA saltou em Belo Horizonte para entrevistar Chico Xavier e por seu intermédio tentar uma comunicação mediúnica com o espírito de Humberto de Campos, de todas as bocas ouviu referências piedosas à pessoa dessa discutida personagem. Gente de todas as classes — homens públicos, engenheiros, médicos, garçons, motoristas, mulheres do povo ou da sociedade — timbravam em proclamar as virtudes do humilde datilógrafo que durante o dia dá conta da sua taréfa, debruçado à sua máquina, na fazenda experimental do govêrno, a poucos quilômetros de Pedro Leopoldo. Mesmo os que não alimentam fé espírita, a êle se referem com palavras generosas: — «E' um homem virtuoso, incapaz de qualquer ação menos digna e pronto, sempre, a trabalhar pelo seu semelhante» — diziam em toda a parte. Mas não foi fácil encontrá-lo. Por vontade própria, Chico Xavier não voltaria à evidência por motivo algum e só em consideração à honestidade com que, de outra vêz, foram as suas palavras reproduzidas nesta revista, êle, aquiesceu.

Esta fotografia foi batida quando, ao cair da noite, êle entrava no seu lar modestíssimo, de quase mendigo, depois de um dia de estafantes serviços. Vestindo uma roupa surrada a gola do casaco visivelmente rôta, a camisa gasta e sem botões, os sapatos cambaios, desprovidos de atacadores, os pés sem meias, êle é o homem que não se preocupa com as aparências, de alma e coração voltados para a sua crença, da qual se faz apostolo sem requintes de vaidade. Sincero? Evidentemente, sim. Ultimamente vem se agravando a enfermidade da vista que o atormenta há vários anos, mas conforma-se com a sua sorte, repetindo as palavras que de hábito dirige a quem o procura em busca de conforto espiritual: — «Cada um tem o seu destino a cumprir, e as dôres físicas dêle fazem parte. Supertando-as com resignação, estamos contribuindo para que sejam minoradas, resgatando a nossa dívida de sofrimento».

Respostas ao teste

1—6 meses (7.3.1904 a 7.9 do mesmo ano)
2—François Rabelais
3—3.000
4—Madame Roland
5—Paris
6—Por ser refúgio de diversos dos estudantes.
7—Início do Estado Novo
8—França
9—Congresso Nacional
10—Jurisconsulto brasileiro
11—7 de Janeiro de 1890
12—124 (De 1775 a 1899)
13—Líbero Badaró (S. Paulo)
14—Dante Alighieri
15—Charles Robert Darwin
16—Golias
17—Março
18—Em público
19—Muçulmanos
20—A margem do S. Francisco

Móveis e Decorações

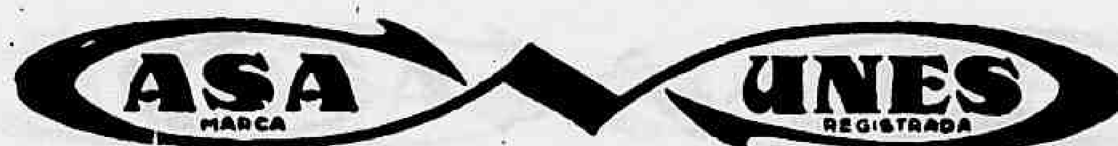


GRUPOS ESTOFADOS

ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA.

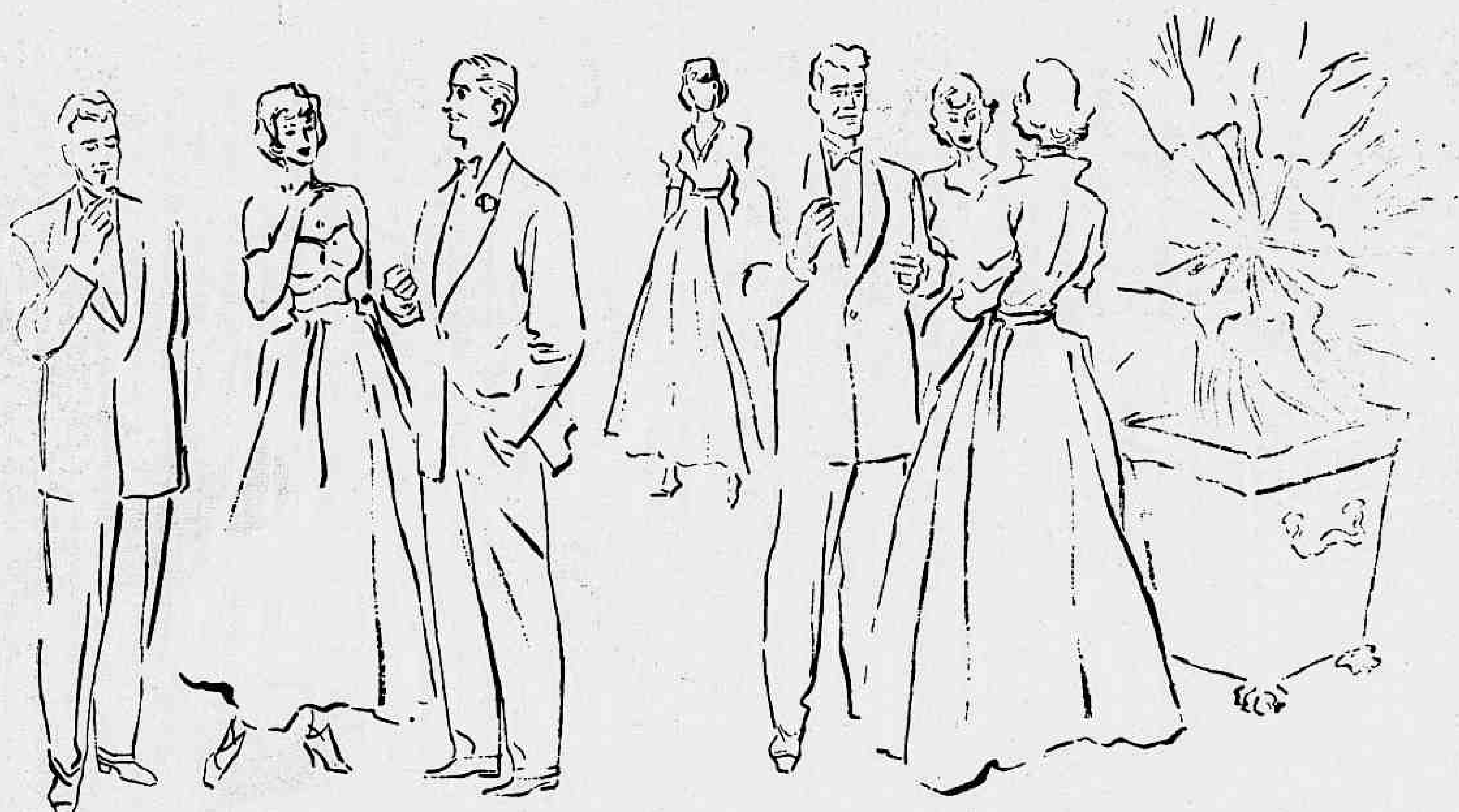
TAPETES E PASSADEIRAS

Lisos e com flores em todos os tamanhos.



65 RUA DA CARIOCA 67—RIO

Escolha Unânime de uma Sociedade Exigente



Hollywood tem hoje mais fumantes do que nunca – conta, na verdade, com mais fumantes do que todas as marcas da mesma categoria combinadas... o que vem provar, mais uma vez, que Hollywood é o cigarro eleito das pessoas de bom gosto. Esta inequívoca preferência é o resultado de qualidades intrínsecas, pois Hollywood é o cigarro em que a excelência dos fumos nada fica a dever à perfeição da mistura. Como era de esperar, os fumantes exigentes, que sabem escolher, fizeram de Hollywood mais que um cigarro... uma tradição da sociedade brasileira!



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

88.069